

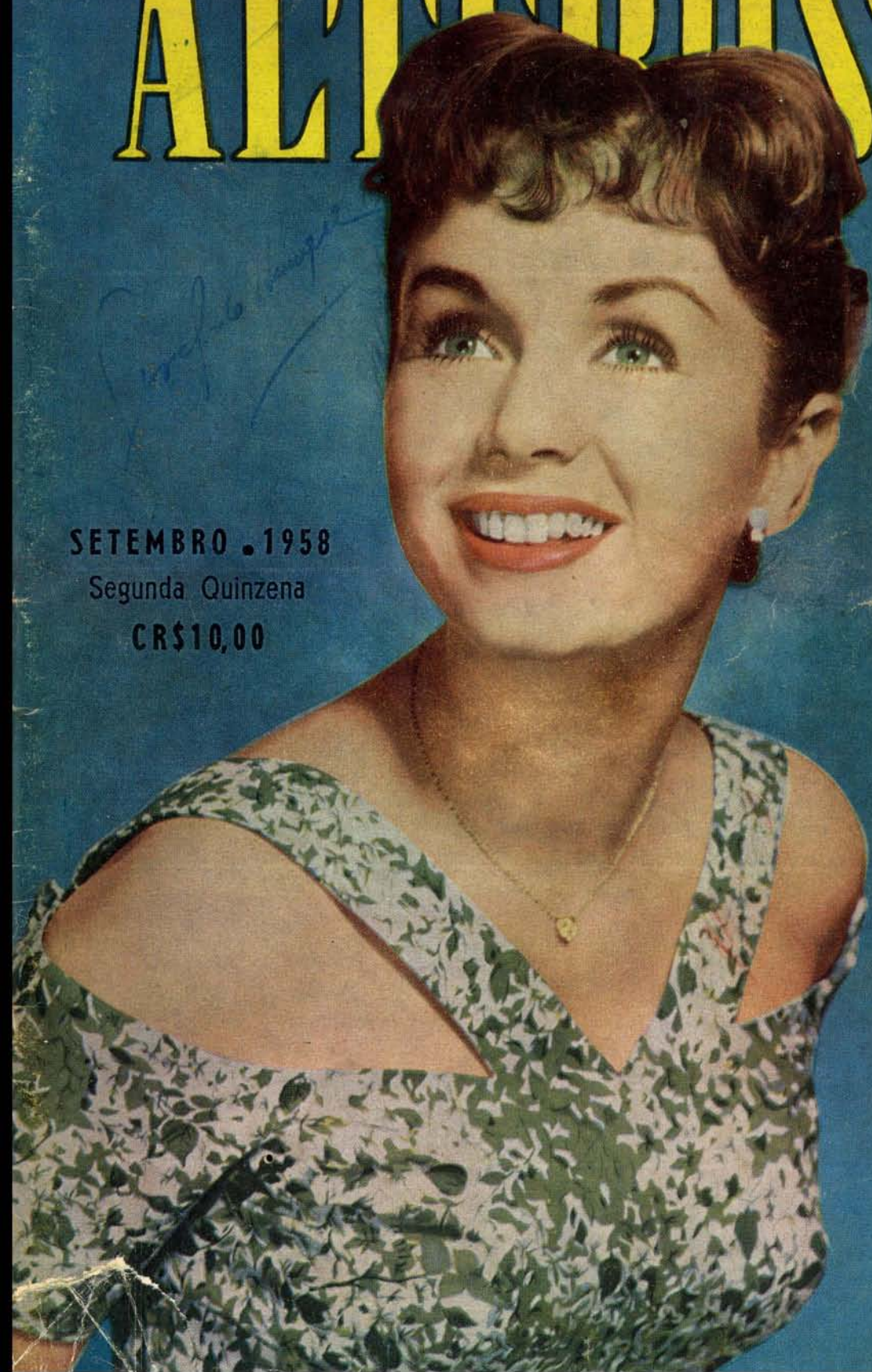
ALTERROSA

Carla M. M. M.

SETEMBRO . 1958

Segunda Quinzena

CR\$10,00





*"Sempre sonhei
com uma*

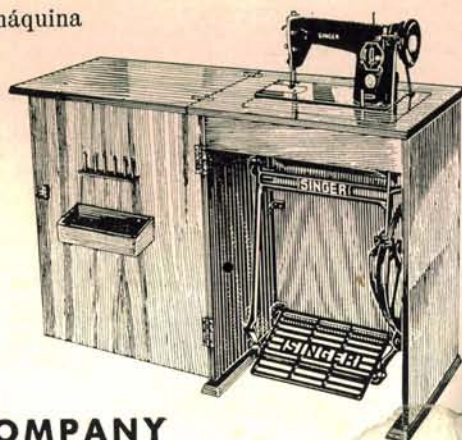
SINGER!"

ALGUNS MOTIVOS:

- cento e cinquenta milhões de compradores em todo o mundo
- padrão de qualidade há mais de um século
- vários modelos à sua escolha (desde a simples máquina de pedal até a mais moderna máquina elétrica)
- à vista ou em prestações módicas

Procure a loja Singer mais próxima ou nosso Agente Autorizado. E, para satisfação permanente, adquira também você a sua SINGER.

Ouça, tôdas as 2^{as}. feiras, das 21:05 às 21:30, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, "Musical Singer", com Emilinha Borba.



SINGER SEWING MACHINE COMPANY

— O NOME GARANTE O PRODUTO



Peço a Palavra

Gilberto de Alencar

TANTO se fala agora de juventude transviada, tamanho barulho se levanta em torno do problema, que a gente se vê tentada a meter a colher no assunto, ainda quando se trate, como no caso, de uma triste colher de pau. Juventude transviada? Nem por isso. Entendo, ao contrário, que ela se acha exatamente no caminho que lhe apontaram e para o qual até a empurraram.

Quem sai aos seus não degenera, diz a sabedoria das nações há muitíssimo tempo, afirmação que equivale mais ou menos à de que filho de peixe sabe nadar, a qual corre na boca do povo. E' injusto, portanto, tachar de degeneradas as novas gerações, visto como estão nadando precisamente como nadam as mais velhas. E se, porventura, o seu nado é mais robusto e vai mais longe, não será isto degenerescência, mas aperfeiçoamento. Desde quando aperfeiçoamento foi considerado transvio?

Os que se admiram de que certos moços de hoje embebam de petróleo o mendigo adormecido na rua e lhe toquem fogo para transformá-lo em archote vivo, ou atirem à calçada, do alto do arranha-céu, as meninas que não se prestam aos seus impulsos libidinosos, os que de tal se admiram dão prova de ingenuidade, senão de coisa pior ainda, porque tudo isso era mais do que muito previsto e esperado. Nem foram poucos, porque foram muitos, os que previram e esperaram.

Se o mendigo que virou tocha e foi parar todo queimado no hospital não teve culpa alguma do que lhe aconteceu, a não ser a culpa de dormir nas calçadas, por não dispor de leito menos duro, já o mesmo não se pode falar das mocinhas que procuram marinheiro americano na praia para aprender inglês, ou aceitam convite de qualquer rapaz para aprender outras coisas nos terraços de Copacabana. Tão culpadas são essas mocinhas modernas quanto os modernos adolescentes a cujos apetites não sabem fugir a tempo. Tão bom como tão bom.

Mas antes da culpa dessa pobre mocidade de ambos os sexos está, por certo, a culpa dos pais, cuja vida desregrada lhe serviu de exemplo irresistível. Quando os pais trocam o lar pelos salões suspeitos, pelos restaurantes, pelas «boîtes» e pela rua, marido por um lado, mulher por outro, não deve admirar a ninguém que os filhos os acompanhem no desregramento. E já não falo dos desquites, cujo número aumenta de dia para dia e que são outro estímulo ao desencaminhamento, como também não falo dos concursos de beleza e de outros hábitos sociais em voga, deixando de lado, por igual, a inflação, com os seus desfalques, os seus peculatos, os seus roubos impunes.

Há os que se consolam com o fato de ser o fenômeno da juventude transviada só observado nos grandes centros. Consolo sem fundamento é esse. Pois quem não sabe ou não vê que o cinema, o rádio, a televisão, a má imprensa estão difundindo por todos os cantos e recantos do interior os costumes dos centros maiores? Já se foi o tempo em que o recato, a ingenuidade, a vida simples se refugiavam nos lugarejos obscuros e sem história.

Se o governo parece agora alarmar-se com o que vem sucedendo à mocidade que amanhã responderá pelos destinos da terra e da grei, é o caso de bradar-lhe a gente:

— Tarde piaste!

Mas estará ele, além de alarmado, disposto a agir, alegando que antes tarde do que nunca? Não enxergo sinais dessa disposição, pois não enxergo apenas, como todos e qualquer um, a vontade não disfarçada de deixar correr o barco ao sabor da corrente.

Entretanto, se de fato os dirigentes quiserem agir e reprimir, desde já peço a palavra e me arvo em defensor decidido dos que tocam fogo nos mendigos, dos que atiram meninas sapecas dos vigésimos andares abaixo, dos que desafiam a lei e a moral. Os transviados a serem punidos e corrigidos não são eles, porque não é transviado quem segue fielmente o caminho que lhe preparam, lhe apontam e lhe ordenam que acompanhe. Os que puxam aos seus não degeneram, assegura a sabedoria das nações. E se me replicarem que as nações, também elas, no momento, não andam lá, moralmente, para que digamos, não me custa contestar que isto é uma outra história, que nada tem a ver com esta.

APCBH 10.16/X-32
1958.09

ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

ANO XX

Nº 290

Capa

Debbie Reynolds, bonita e simpática, é um dos pontos altos da constelação M.G.M.

Contos e Novelas

Por que Matei Anastácio ..	22
As Tais Razões do Coração ..	34
Minha Aposta	38
Demasiado Tarde	52

Artigos e Reportagens

As Alergias da Primavera ..	20
A Fortuna	26
A Morte Vem do Sol	30
A "Barca" Vai Longe	42
As Curas do Médico do Papa ..	46
Envenenou a Espósa	50
De que Serve Ir à Lua?	58
O Sonho	82
Adventistas do Mundo Inteiro ..	98
"Inglúvias"	112

Para a Mulher e o Lar

Modas — A partir da	66
Para Seu Lar	70
Bazar Feminino	74
Arte Culinária	76

Seções Permanentes

Concurso de Contos	37
A Voz do Brasil	2
Cartas à Redação	4
Tapete Mágico	6
Satélites e Teleguiados	7
Páginas Escolhidas	8
Panorama do Mundo	10
Saúde	16
Quitandinha	18
Cantigas	49
Fuga	61
Páginas da História	62
Nossas Crianças	64
Humor (Bosc)	73
O Crime Não Compensa	78
Humorismo (Douné)	85
Teste	89
Esparsos	90
Cinema — A partir da	92
Palavras Cruzadas	105
Caixa de Segredos	106
Livros e Letras	108
Bom-Tom	109
Fotos e Legendas	110

em 2 tamanhos
para calçar melhor
as moderníssimas

espumas de nylon Lobo

— mantêm uma
tradição da mais
alta qualidade
em meias

- servem para qualquer tamanho de pés
- tipos derby ou lisas
- o máximo em durabilidade
- secam rapidamente
- cores modernas e distintas
- tamanhos especiais para crianças



Lobo

o primeiro nome em meias para homens e crianças

PRODUTO DA FÁBRICA LUPO - ARARAQUARA - E. S. PAULO

Imp. 912

A VOZ
DO BRASIL

• Dificilmente será obtida unanimidade de pontos de vista nesse caso do café. Por isso mesmo, o Ministério da Fazenda e o Instituto Brasileiro do Café devem-se voltar também para a possibilidade de termos de nos lançar na corrida de preços.

Nilo Neme

ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Penso ainda que maior rigor deverá existir para com os filhos de famílias ricas, porque não há como equipará-los, para tal efeito, a esses pequenos desgraçados que não conhecem da vida senão o que ela tem de sofrimento, privação, crueldade e injustiça; sendo vítimas, sobretudo, do ambiente em que vivem.

Ministro Luis Gallotti

PRONUNCIAMENTO SOBRE A JUVENTUDE
CORROMPIDA

• Alguém em Cerquilho está com saudade do furto, da negociata, da falta de vergonha? Será possível que seja essa a saudade? Mas o povo não colhe vantagens com maus governos, que são bons para uma meia dúzia. Em Cerquilho há alguns saudosistas. Aconselho-os a não continuarem assim. Eleito Carvalho Pinto, sairei como um terremoto para ocupar tôda a Nação e não haverá trabalhador que não se una a mim.

Jânio Quadros

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — DF

• Diz o Sr. Israel Pinheiro que a atração do Sr. Juscelino por Brasília é tão grande, que até para ir ao dentista ele revela essa preocupação: o dentista de JK tem seu consultório no Edifício "Brasília", no Rio de Janeiro, bem perto do Senado.

CORREIO PAULISTANO — SP

• Considero a juventude de hoje mais preparada que a de antigamente, e o transviamento — esta palavra não se aplica com muita propriedade aos jovens, por sinal — apenas uma nódoa, vítima de um certo exagêro publicitário e de um destaque imerecido. A juventude de hoje, notadamente a que procura preparar-se intelectualmente, é atuante, preocupada com problemas de relevância e não pode se confundir com o negativismo e os meus exemplos de uma certa parcela.

Prof. Edgard da Matta Machado

DIÁRIO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• O País chega quase a parar, por amor dos pleitos sucessórios, enquanto se gasta desordenadamente, sem medida nem direção inteligente, ao sabor de influências pessoais mais ou menos poderosas. Ainda levaremos tempo para capacitar-nos de que uma eleição deve ser entendida como episódio normal no regime democrático, e não um fim de mundo.

O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

• Sim, irmão, para que os programas de televisão me satisfaçam completamente, só falta uma coisa: eu ser débil mental.

Emmanuel Vão Gôgo

O CRUZEIRO — DF

• Três coisas tinham fama no país: a audácia do paulista, a coragem do gaúcho e o latim dos mineiros... Mas, já é tempo de mudar a trilogia, pois, em vez do latim, mineiro está fazendo fama é no dinheiro. Naquela velha modéstia que é a nossa roupagem marcante, vamos deixando que os outros nos julguem como queiram ou como possam, mas que fique, para nós, a verdade das coisas. Quem vê cara não vê coração... nem cofre...

FOLHA DO POVO — GUAXUPE — MG

• O mal da política de "vender mais caro" no comércio internacional é que aparecem outros para "vender mais barato" e nos enxotar do mercado, como no caso do café.

Eugênio Gudín
O GLOBO — DF

• Também acredito nas virtudes do povo brasileiro e no futuro grandioso do Brasil. Não cheguei a tais conclusões subitamente, num momento de insopitável euforia patriótica. Li muito, estudei muito. Os brasileiros precisamos acreditar no futuro do Brasil e no nosso próprio esforço. De nós mesmos, e não dos estrangeiros, depende o nosso progresso. Sempre foi assim. Assim continuará sendo.

Pimentel Gomes
CORREIO DA MANHÃ — DF

• O nosso futebol é praticado numa democracia, sem o dirigismo protecionista que ampara o café e que obriga os cafeicultores a se subordinarem à política econômica do Estado. Jogador velho ou mutilado é pôsto à margem: morre anônimamente como bananeira que deu cacho, seca inglôriamente como bagaço de laranja seleta que deu sumo. Se juntou dinheiro, parabéns do clube e da torcida. Se não juntou, juntasse, que vida de craque é como vida de certas mulheres: passou a mocidade, passou tudo.

Henrique Pongetti
O GLOBO — DF

• Hoje em dia, ser oposição não constitui condenação ao ostracismo. Oposição não significa mesmo ostracismo, como na primeira República, porém uma posição política tão normal como a do Governo. Na realidade, a história política está cheia de vitórias de partidos opositores nos Estados e no campo federal. As eleições são cada vez mais expressivas. O alistamento está correto e limpo. O método de apuração é que deixa a desejar.

Hermes Lima
ÚLTIMA HORA — DF

• As concessões do governo Frondizi ao capital petrolífero internacional — ainda não bem esclarecidas entre nós — parece que assanharam os velhos defensores da nossa capitulação ante a voracidade dos trustes. A fingida incredulidade na solução nacionalista do problema se apegava ao pressuposto gratuito de que, sem capital estrangeiro e sem concessões — que têm sido a desgraça e martírio de outros povos subdesenvolvidos — só em meio século produziríamos petróleo em quantidade capaz de atender ao consumo do País. O remédio para o desânimo, que tais mistificações devem estar criando no espírito dos patriotas sinceros, será a divulgação mais ampla possível do ritmo das atividades da Petrobrás.

Osório Borba
O CAMPO BELO — MG

É na cozinha
que se prova o valor do

alumínio
Panex



Práticos, resistentes,
indeformáveis...
utensílios PANEX...
sempre como novos!

As donas de casa
de todo o Brasil
preferem PANEX!

Panex - o 1º nome em alumínio!



CARTAS
À REDAÇÃO

Sintaxe e Elegância

NO SEGUNDO tópico da seção «Foguetes», na segunda quinzena de julho, a expressão «teria lhe censurado» poderia ser substituída, com mais elegância, por «ter-lhe-ia censurado», não acham? Esperava também encontrar notícia ou reportagem bastante am-

pla sobre a I Conferência Internacional de Investimentos, realizada há pouco, mas ela não apareceu. Por outro lado, é sem dúvida muito útil que apareçam com certa frequência artigos como «Três Gigantes da Psicologia», da primeira quinzena deste mês.

JOÃO B. DA SILVEIRA — SÃO CAETANO DO SUL — SP

• A sintaxe e a elegância ficaram ofendidas com a expressão em causa, razão pela qual damos a mão à palmatória. Já quanto à Conferência de Investimentos, os jornais, que dela trataram amplamente, não permitiram que nos sobrasse nada para contar.

Admira o Poeta

SOU ADMIRADORA do poeta Antônio Zoppi, e gostaria de saber alguns dados sobre a sua

vida, se ele ainda vive e onde poderei encontrar suas obras.

ENILDA ALICE VIEIRA — PONTA PORÃ — MT

• As informações que a leitora procura poderão ser dadas pelo próprio poeta, cujo endereço é o seguinte: Rua XV de Novembro, 709 — Tatuí — Estado de São Paulo.

Revista Para a Infância

CERTA feita tiveram a gentileza de informar que estavam estudando o lançamento de uma revista infantil. Contudo, até agora não tive a satisfação de ver a aludida revista. Entretanto, sendo ALTEROSA, de fato, uma revista «da família», poderia, segundo o meu entender, trazer uma seção infantil. Até eu gostaria de lê-la.

Fala-se neste País tanto em cultura, escolas, etc., mas não é

com histórias em quadrinhos que o Governo atingirá a sua meta. Os idealistas do Brasil já andam desanimados diante dos desmandos da mocidade, muitas vezes inspirados por histórias de gangsterismo e monstrosidades, que deixam as crianças muito impressionadas. Um dia dêsses, minha filhinha de quase quatro anos viu por casualidade uma dessas figuras, e à noite, teve um pesadelo.

ZEFERINO SCHNEIDER — CANOAS — RS

• Efetivamente, é nosso propósito lançar, futuramente, uma revista destinada ao público infantil, já tendo, para isso, dado o passo mais difícil — o registro do título — que nos tomou mais de dois anos, em vista da verdadeira plethora de títulos registrados no Departamento Nacional da Propriedade Industrial. No momento, porém, com tantas barreiras cambiais obstando a importação do material de que teremos necessidade para concretizar o empreendimento, torna-se ele praticamente impossível. Assim, prometemos apenas que, tão logo a situação se modifique para melhor, apresentaremos à infância brasileira uma revista como ela merece.

A Opinião do Leitor

DESEJO dar-lhe os parabéns pelo sucesso que vem alcançando a sua publicação, tão diferente das outras do mesmo gênero. E' bastante agradável tê-la nas

mãos quinzenalmente, pois, além de instrutiva, é uma das melhores distrações que se pode encontrar, nestes tempos tão conturbados.

FÁBIO ROSELLI — SÃO PAULO — SP

Você Estuda? E Quer Trabalhar?

Tem mais de 18 anos?

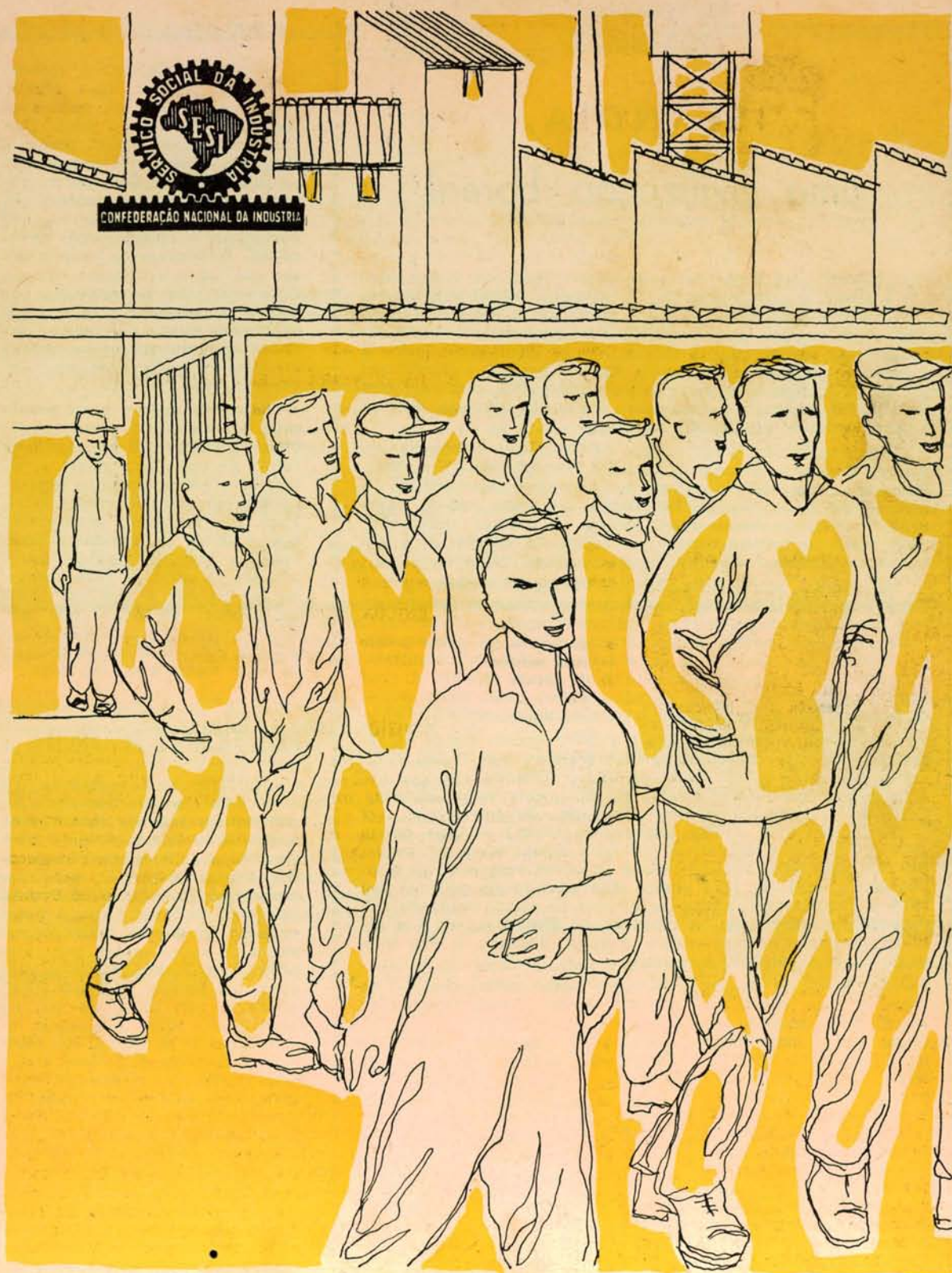
SE a resposta é afirmativa, temos o tipo de trabalho ideal para você. Venha ser nosso agente, para colocar assinaturas da Revista ALTEROSA entre as pessoas do seu círculo social e escolar. Sabemos que você, como estudante, tem amigos e conhecidos que tomarão assinaturas de ALTEROSA, quando lhes for explicado o quanto lueirão com a sua leitura. E note que você obterá renda extra para reforçar o seu orçamento, trabalhando num círculo de elevado nível cultural, e estritamente em suas horas de folga escolar. Por que, então, você, que é um estudante esclarecido, não se inscreve, o quanto antes, como nosso agente de assinaturas?

Faça dividendos do seu tempo livre, colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista de classe
para as pessoas
de bom gosto.

Para inscrição, escreva à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, remetendo os seguintes dados pessoais: nome e endereço completos, idade, estado civil, profissão, grau de instrução, e fontes idôneas para referências: comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade.



o SESI nasceu do desejo de um futuro melhor aos que labutam na Indústria

ISLÂNDIA, uma civilização boreal

ONOME quer dizer "terra do gelo": Islândia. Geograficamente, é uma grande ilha do Atlântico boreal, atravessada pelo Círculo Polar Ártico, e formando a República Islandesa. A maior parte de sua superfície é uma espécie de platô, intratável em suas condições físicas, porque dividido em geleiras e cumes vulcânicos como o Oreäfa Jökul, o Dyrfjöll, o Herdubreid e o Hecla. É uma terra de curiosíssimos aspectos, com uma área de 102.809 quilômetros quadrados (incluindo algumas ilhotas) e uma população de 159.302 habitantes.

Em relação com o seu número de habitantes, a Islândia é o país do mundo onde mais se publicam livros, jornais e revistas. Isso é uma consequência do fato de não existir analfabetismo na ilha, onde o ensino obrigatório penetra nas áreas geladas, ainda mais distantes e despovoadas, através de escolas ambulantes. Além disso, o grande número de bolsas de estudos e outras facilidades tornam virtualmente gratuita a instrução superior.

A natureza, sob o clima ártico, é variada e paisagística, punhando sempre pela brancura. Os elementos úmidos se manifestam com fascinantes aspectos: há inúmeros lagos de água doce; fontes de águas quentes brotam do solo gelado; os gêiseres disparam no ar os seus jatos de águas termais e salinas; encontram-se lençóis de águas sulfurosas, canhões e rios rápidos. A Gulf Stream abranda os rigores do clima ártico, mas, ainda assim, os invernos são longuíssimos e os verões muito curtos.

Reykjavik, a capital da ilha e a única grande cidade da república, tem alta concentração demográfica, com 63.666 habitantes (dados de 1955). A colonização da Islândia começou por volta do ano 900, e esteve a cargo principalmente dos noruegueses. Em 930, foi instituída na ilha uma forma de democracia, com a constituição e a Althing (Assembleia Geral), a mais antiga de todas as casas legislativas ora em funcionamento no mundo. De 1262 para 64, a Islândia passou ao domínio da Noruega e da Dinamarca, mas em 1874 obteve uma constituição própria. Em 1918, a Dinamarca concedeu-lhe direitos de estado soberano sob dependência nominal do rei dinamarquês. Em 17 de abril, a Althing, mediante pronunciamento popular, declarou a ilha uma república com independência total.

As bases da economia islandesa estão principalmente na pesca e na indústria do pescado. A ilha é líder mundial na pesca do bacalhau, e ocupa lugar importante na do arenque, mero e sôlha. A agricultura e a pecuária são modestas, embora haja razoáveis rebanhos de carneiros e colheitas de batatas, feno e nabos. Os transportes terrestres da ilha se fazem através de pouco mais de 8 mil quilômetros de rodovias. Na Islândia não há estradas de ferro, mas em compensação não existem cadeias, nem exército, nem marinha — por serem desnecessários.



A arquitetura da Islândia é concebida de forma a oferecer melhor abrigo contra os rigores do inverno.

O PROBLEMA É O MESMO

CONTRARIANDO a concepção popular, uma pesquisa levada a efeito em escolas da América do Norte, pelos Drs. F. Ivan Nye, James F. Short, e Virgil J. Olson, veio provar que os filhos das famílias pertencentes à chamada classe abastada são tão delinquentes como os que pertencem à classe menos favorecida. Revelaram os pesquisadores que tanto o dinheiro como a falta dele são responsáveis por delitos cometidos contra a autoridade dos pais e que muitas crianças chegam mesmo a furtar quantias consideráveis em sua própria casa.

Na classe onde o nível econômico é mais baixo, foram encontrados adolescentes que cometem faltas de certa gravidade; e, na mais elevada, rapazes que se preocupam em destruir propriedades. Para sua surpresa, descobriram que é entre as mocinhas afortunadas que se verifica maior número de casos de fuga. Contudo, a verdade é que em todas as classes, os filhos que não contam com a participação do pai em sua vida tendem a se desviar, de uma maneira ou de outra.

PAIS, FILHOS E DISTÂNCIAS...

MUITOS pais passam o dia todo fora de casa, por residirem em lugares distantes do centro. Isto os faz correr o sério risco de um dia serem considerados irresponsáveis. E', pelo menos, o que diz o Dr. Fred Brown, psicólogo de Nova York. A preocupação de que os filhos necessitam de maior espaço para respirar, justificando assim a mudança da família para um lugar afastado, não deixa de ser, na maioria das vezes, um desejo inconsciente de se libertar das obrigações domésticas. E esse desejo pode constituir um atentado contra a segurança da família. A ausência do chefe, durante o dia todo, aumenta a distância emocional que o separa cada vez mais dos seus, e que se torna ainda mais acentuada, se ele regressa ao lar levando consigo as preocupações que deveriam ficar trancadas na sua gaveta de trabalho. Os filhos sentem a falta da influência paterna e muitas vezes passam a ter um comportamento estranho, rebelando-se contra a mãe, tornando agressivos a ponto até de enveredarem pela senda da delinquência.

GIBSON LESSA

QUE COISA ! — Conta Sérgio Milliet que Guilherme de Almeida contou-lhe um dia a história da patroa que ordenou à empregada : «O' coisa, dê um pulo lá no coisa e coise a coisa». (A madama era «coisista», tinha a mania de coisar as coisas tôdas que dizia). Muito treinada, a doméstica foi ao armário, tirou a blusa da patroa e passou-a a ferro.

— E estava certo ? — pergunto o Sérgio Milliet, muito intrigado com a coisa.

— Nada, era para dar um pulo na cozinha e fritar os pastéis. A criada tinha «coisado» a coisa errado.

HIPNOSE NO ÉDEN — Apresentando Irmão Vitricio (padre marista, introdutor no Brasil da técnica de hipnose letárgica) ao auditório do colégio Sacré Coeur de Marie (no Rio) o jornalista e advogado Paulo Paixão revelou que o primeiro hipnotizador do mundo foi Deus e o primeiro hipnotizado foi Adão, a quem Deus fez dormir no Paraíso para efeito da famosa Operação-Eva.

Disse o jornalista que Adão, ao acordar, vendo a maravilha em que a sua costela se havia transformado, pediu ao Criador que lhe tirasse as costelas restantes (onze) e fizesse mais Evas...

SUSTO — Decolou do Aero-Clube de Fortaleza (Ceará) um teco-teco tripulado pelo instrutor e o aluno. Lá no alto, de repente, deu o aparelho uma guinada de 90 graus, desceu a jato e foi aterrissar de qualquer jeito, fora da pista, a favor do vento, numa manobra iconoclasta, completamente contrária às regras da aviação. Freiado o teco-teco, instrutor e aluno abandonaram-no aos pulos. O pessoal de terra foi ver o que havia acontecido. Tudo em forma. Apenas lá dentro, deitadinha, como se fôsse uma aeromoça clandestina, enrodilhada na nacele, havia uma serpente. Pensativa. E meio espantada.

ESTÊRÇO DREW PEARSON — Como se sabe (muita gente não sabe) o colunista internacional Drew Pearson, considerado o homem mais bem informado da América, é vendedor de estêrço. Houve quem duvidasse. Então, êle explicou:

— Sim, de fato, vendo estêrço. Pus defronte à minha granja uma placa com os dizeres : «Estêrço Drew Pearson. Melhor do que a coluna». Mas alguns colegas me roubaram a idéia. Então, mudei a placa para : «Estêrço Drew Pearson. Todo de vaca, nenhum de boi». Mas, não sei por que, minha mulher não gostou da troca.

GENEALOGIA — Quiseram saber o porquê do «sex-appeal» de Marely Mortensen, «Miss Curitiba». E ela esclareceu: «Um avô de meu pai era irmão do bisavô de Marilyn Monroe».

NOIVO-PARA-QUEDISTA — O sargento italiano Alberto de Cristóforo, deu-lhe na veneta se casar no ar, saltando de pára-quedas, êle, a noiva, e o padre. E assim foi. Pousaram em terra casados.

Então, o sargento anunciou que queria dar mais um salto. Aí, Blanca Caplone, a noiva, estrilou:

— Não, senhor !

E o agarrou pelo braço :

— Está na hora da lua de mel. O salto agora é lá.

BOFETADA TERAPEUTICA — O médico Milko Skofic, marido de Gina Lollobrigida deu na «più bella donna del mondo» uma bofetada em público. Depois explicou : «Gina estava demasiado nervosa. Apliquei-lhe a bofetada como remédio, na qualidade de médico, não de marido».

ANJO-NEGRO — Em comemoração ao IV aniversário da tragédia de 24 de agosto, foram perguntar a Gregório, no cárcere, o que é que êle sentiu quando soube que Getúlio se havia suicidado.

E o «Anjo-Negro», shakespeariano, respondeu :

— Foi uma coisa assim como que me agarrando e estrangulando a alma !

NADA É COISA — Um dos dirigentes da União Internacional de Proteção aos Animais perguntou a Aldous Huxley, o pensador inglês que veio conhecer o Brasil, a Convite do Itamaraty:

— Na sua opinião, os bichos participam do mundo espiritual do homem ou são apenas coisas ?

— Nada é coisa — respondeu Huxley — Ainda que os animais tenham apenas instintos, não devem ser tratados como coisas. Nem mesmo as coisas devem ser tratadas como coisas. Elas se vingam. Veja a terra, por exemplo. Quando a terra é tratada como coisa, ela reage com a erosão, e quando se procede à mortandade em massa de insetos, a própria natureza se revolta, apresentando desequilíbrios orgânicos.

HOMEM-FELIZ — Maurice Chevalier é aquilo mesmo que a cara dêle sempre disse: «Nasci com a felicidade de jamais me sentir entediado», acaba de declarar a um jornalista, apesar de sexagenário.

SE ANDA... — Quando a França não sonha — diz o prêmio Nobel André Malraux — «alguma coisa anda mal».

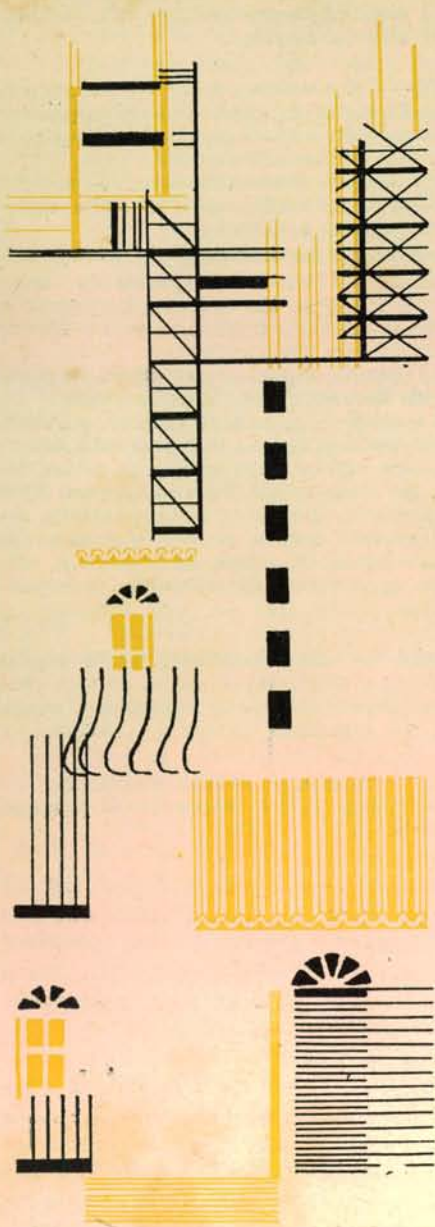
NOTICIA PÉSSIMA — O general Popov (russo) declarou que «em caso de guerra a URSS destruirá o coração industrial dos Estados Unidos, submeterá pelo fogo e pela fome a Grã-Bretanha, converterá a Itália num deserto atômico e reduzirá a Alemanha Ocidental a um cemitério».

NOTICIA ÓTIMA — «Vinte vezes tenho dito e repetido — proclama de Londres o embaixador Assis Chateaubriand — não haverá, tão cedo, guerra; os russos não querem guerra. Insisto em declarar aos meus compatriotas que não se vejam tomados de pânico, porque o terceiro conflito mundial não vem».

a casa

ELSIE LESSA

(Extraída de "O Globo")



EO DOMINGO, com um anúncio no jornal, deste tamanho, lhe deu aquêlê baque no coração. Pois sua ilha estava ameaçada. Não havia dúvidas. Era o casarão, em frente ao seu pátio, que ia abaixo. E dentro de dezoito meses, assim prometiam os corretores, um feio arranha-céu cinzento de cimento armado se ergueria até doze andares, com tôdas as janelas desta face desembocando sôbre o seu pátio, a sua casa, as árvores, a sua vida. O que, no seu coração, queria dizer, melancolicamente: toque de retirada. Pois não ia ficar ali, sua paz, seu sossêgo destronados, a vista que êles vendiam, na planta, junto com o quarto e sala, banheiro e «kitchenette». A vista era seu jardim, seu pátio, sua casa, seus filhos, sua vida. Mas o despejo daqueles que, então, já seriam quatro edifícios, que fariam, mais do que agora, sua casa de lata de lixo, discos quebrados, bagaços de laranja, cascas de banana, cigarros acesos, papéis velhos.

Olhou, amorosa, o regaço farto da figueira, as flôres de paina que o vento da tarde espalhara pelo chão, as últimas jaboticabas que sobraram, miúdas e lustrosas, junto da casa esbranquiçada. Olhou o telhado, a fachada azul (estava precisando de uma mão de tinta!), o desigual das pedras do jardim, entre as quais se intrometera o verde veludoso do musgo, a água quieta do laguinho em que se refletiam os nenúfares, os ganchos meio enferrujados da rêde, o jeito familiar do velho capacho de ferro, as pegadas sujas de terra na entrada de serviço (quando é que essas crianças iam aprender a limpar os pés?), o lampião do jardim que andava, havia meses, precisando de substituir um vidro quebrado. Sempre soubera que gostava de tudo aquilo, mas teve um susto ao perceber, agora, quanto! Como faziam parte do cotidiano, dessa coisa vaga, imprecisa e frágil, a que dão o nome importante de felicidade. Quando é que não morara ali? Seus filhos nunca deram o nome de «lá em casa» a outra cousa. Festa de aniversário, «pelada» de quintal, casa de boneca, pinheiro de Natal, chegar de viagem ou de volta de um susto, no hospital, o pôrto tinha sido sempre aquêlê, a amendoeira, a hera do muro, as margaridinhas bôbas do canteiro, o jeito com que o sol passeava, vagoroso, o ano inteiro, subindo devagar, de manhã cedo, pelas janelas do escritório, iluminando, avermelhado, no fim da tarde, a parede do quarto da menina. Como é que se vivia fora dali? Imagine abrir a porta da rua e encontrar a grade de um elevador, às vêzes enguiçado!

Quis repastar-se, sâdicamente, na sua desgraça. Atravessou a rua, parou no tabique onde uma fila já se formava, ansiosa, à procura dos futuros metros quadrados, na base da Tabela Price. Teve raiva daqueles pobres futuros vizinhos, que um dia iriam despejar, lá de cima, os restos do jantar sôbre os seus nenúfares. O «sala e quarto» vendia-se como pão quente. Entrou na fila. Sim, eram uma delícia os apartamentos. Os que não tivessem vista para a baía de Guanabara olhariam para aquela deliciosa mansão dos tempos antigos (e o corretor apontou a copa das suas árvores!), logo depois daquela (pertencia à incorporação!), que seria derrubada, logo no comêço da semana.

Voltou devagar, olhando da rua com os olhos tristonhos as suas velhas árvores, com um jeito de parente querido que a gente já sabe que vai morrer. Não teve coragem de ir falar com as crianças. Armou a rêde, que lhe disse boa-tarde com o velho ringir dos ganchos. E ficou vendo o balanço dos galhos pesados, a sombra trêmula das trepadeiras, o jasmineiro que as suas mãos plantaram, as cortinas do quarto que estava projetando mudar, ouvindo o riso das crianças no pátio, o jôrro de água da pia da copa, o ladrar alegre dos cachorros, a saborear lentamente, miúdamente, doloridamente, voluptuosamente, uma alegria (ou seria a felicidade?) de tantos anos. Fechou os olhos, quando abriu havia uma formiga e uma joaninha passeando nas suas mãos. Não as enxotou. E sem se mover da rêde pediu os jornais da manhã, que abriu na página de anúncios. E começou a lê-los um por um, meticulosa, na parte de terrenos, para os lados da Gávea e do Leblon.



MYRURGIA

EM COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DE
SEU LANÇAMENTO, INÍCIO DE SEUS GRANDES
E SELETOS ÊXITOS MUNDIAIS, CRIOU
ESTA MODERNA APRESENTAÇÃO 1958 DO

MADERAS
DE. ORIENTE

MYRURGIA

Um Lugar Para Morrer

Num cenário abarrotado de navios e aviões de papel, de bandeiras e de faixas de pano, um grupo de chineses participava da cerimônia chamada **mah-jongg**, que é, na tradição taoísta, a despedida dos que vão morrer. Era em Sago Lane, recanto afastado do bairro chinês de Singapura, onde ficam as «casas de receber enfermos», chamadas, pelo povo, de «casa de morrer».

Há muitos anos que as famílias chinesas mais pobres de Singapura enviam seus membros enfermos para essas casas, onde eles passam os seus últimos dias. Pela módica importância de 400 e poucos cruzeiros por mês, cada doente tem direito a cama, comida, assistência médica e funeral. Os médicos, naturalmente, pouco mais fazem do que assinar atestados de óbito. Quando um membro «ativo» do **tai lan kun** (Clube do Momento Crucial) está para morrer, põem diante dele um lauto jantar, e os sacerdotes taoístas cantam orações que o enviam aos céus. As mulheres espalham pela casa pedaços de papel prateado, revestido com uma camada de incenso, que custam

cinquenta cruzeiros (por milheiro) mas que valem, ao que se afirma, mil dólares de prata (cada um). O homem que vai para o outro mundo, quando tem poucos recursos, leva consigo 10 mil pedaços de papel, um carrinho de duas rodas e uma casa de tamanho médio. O que pode pagar quatro contos por um enterro recebe limusine, mansões palaciais, quatro criados, um transatlântico e até um avião a jato. Tudo isso, naturalmente, feito de papel, pois, conforme a crença taoísta, o papel, uma vez queimado, transforma-se em objetos reais, para uso dos espíritos dos mortos.

Um chinês de visão, percebendo que os chineses pobres punham os esquifes em plena rua, ficando os cadáveres expostos por três ou quatro dias, pranteados por carpideiras profissionais, foi que resolveu criar a primeira «casa de receber doentes», isso há muitos anos. Desde então, os velhos chineses, que não gostam muito de ir para os hospitais, passaram a ser remetidos para os estranhos estabelecimentos.

Recentemente, porém, afirmando que a queima de papel incensado constitui um perigo, e que tais casas são uma ameaça à saúde pública, as autoridades de Singapura resolveram transferi-las para longe do centro. Verificaram, porém, que uma determinação como aquela, era mais fácil de decretar que de realizar. Um dos novos locais designados pelas autoridades foi recusado pelos chineses, porque, sendo muito perto do cemitério, acarretaria sensível redução nos proventos dos condutores profissionais de esquifes, que costumam receber conforme a distância percorrida. No outro, os cidadãos de fortuna acharam que não dava certo, pois a transferência, para lá, das casas de morrer (e, em consequência, dos espíritos dos mortos ainda não enterrados) viria provocar uma evasão em massa dos seus criados chineses, supersticiosos como eles só.

Que saibamos, o problema não chegou ainda a ser resolvido, com o que se vêem a braços com sérios transtornos aqueles que, em seus últimos dias de vida, procuram um lugar para morrer.



Nos tumultuosos dias da guerra dos balcãs, em 1913, o artista de circo Otto Witte encontrava-se na Península, com sua companhia de espetáculos. A Albânia acabava de se desligar do Império Otomano e, enquanto os poderes constituídos procuravam dar a um pequeno príncipe europeu a direção do novo estado, alguns albaneses tinham as vistas voltadas para o príncipe Halim Eddine, um parente do velho sultão turco.

Foi justamente nessa época que um companheiro de Otto descobriu a grande semelhança existente entre o amigo e o príncipe Halim. Daí, então, um projeto luminoso tomou vulto na cabeça de Otto e, dentro de pouco tempo, Essad Pasha, comandante albanês das forças turcas em Durazzo, recebia dois telegramas supostamente originários de Constantinopla. Um deles estava assinado — «Sultão» e o outro, «Alto Comando», mas am-

Do Picadeiro Para o

bos continham a mesma mensagem: «Príncipe Halim Edinne chegando Albânia; assumirá comando tropas acantonadas aí».

Cinco dias depois, Otto Witte, que enfrentara o seu primeiro público como domador de leões, dirigia-se para Durazzo, envergando um garboso uniforme e ostentando reluzentes medalhas. A população inteira festejou-o com regosio e ele a saudou com elegância. Mais tarde, o «príncipe Halim Edinne», subia ao trono com o título de «Sua Majestade o Rei Otto I».

Durante cinco dias, tudo correu bem. Com ares reais, Otto passou em revista as tropas, recebendo delas o clássico voto de lealdade. E não ficou só aí: semelhante voto também lhe foi dado pelas 25 belidades que compunham o seu harém. E, para consolidar seu governo, decretou anistia geral para todos os presos da Albânia e fez farta distribuição de ouro entre os chefes de



Sylvia, a Próxima Begum

SYLVIA CASABLANCAS, esta romântica colegial que sobraça tranquilamente os seus livros, está prestes a se tornar uma das mulheres mais admiradas e invejadas do mundo. Com Sylvia está ocorrendo a coisa mais banal possível: ela ama e é amada. Mas, considerando que seu príncipe encantado se chama Karim Aga Khan, o seu amor nunca poderia ser igual aos outros e é quase um capítulo da História. Karim vai toda semana a Gstaad, na Suíça, onde mora a encantadora estudante mexicana de 17 anos, e espera-se que o noivado dos dois jovens seja uma questão de dias apenas. Enquanto isso, nos bosques das proximidades de Gstaad, Sylvia faz todos os dias o passeio das amorosas, tendo por única companhia seu romancista predileto: Stendhal, o poeta do amor.

Desavença Religiosa Gera Drama... e Comédia

OS PROTESTANTES da Itália, que somam pouco mais de 150.000 almas, estiveram de atenções voltadas para a localidade de Fondi, onde o pastor Umberto Righetti viu-se, de uma hora para outra, transformado em personagem central de um pequeno drama religioso, que mais parece comédia. Aconteceu que o reverendo Righetti, por um azar da sorte, foi residir numa casa de cômodos cuja proprietária, católica, acabou ficando irritada com as freqüentes visitas que ele recebia dos membros de seu pequeno rebanho (70 fiéis). E, porque ficou irritada, decidiu acabar com aquilo de vez, sem, entretanto, desalojar o hóspede incômodo: mandou buscar tijolos, cal, areia e cimento, chamou um pedreiro competente e lhe deu instruções no sentido de cimentar a porta do quarto do pastor. O reverendo pouco se incomodou com a coisa. Impossibilitado de sair, impossibilitado de receber os crentes em seu quarto, restava-lhe ainda uma janela, pela qual podia continuar pregando, para o povo que se juntava embaixo.

Em Fondi e no resto da Itália, os protestantes comentaram: «Ele está feliz, porque sofre por Cristo». E, procurando minorar-lhe o sofrimento, o seu rebanho arranjou uma escada, colocou-a junto da janela, e por ela, todos os dias, nas horas das refeições, subia alguém levando ao «perseguido por sua fé» um substancial prato de espaguete.

Com língua de fora, o pastor parecia estar com sede. Por isso, os fiéis mandaram subir para ele uma garrafa de "chianti".

Trono

tribos. Então, um cônsul estrangeiro verificou que um mero ator de circo não poderia dispor de tanto dinheiro para gastar e ficou convencido de que Otto era um agente do governo Austro-Húngaro. A partir desse dia, telegramas autênticos começaram a circular, vindos de Constantinopla.

"Foi uma vergonha!" dizia Otto a seus admiradores, «meu desejo era fazer um governo sábio e irrepreensível.» Mas, «para evitar um desnecessário derramamento de sangue» (o seu próprio), Otto preferiu deixar a cidade furtivamente. No decorrer dos anos, Otto Witte sempre se recusou a receber qualquer correspondência a ele dirigida que não trouxesse no envelope «Otto ex-rei da Albânia.» E, no mês passado, com 97 anos de idade, o artista de circo, que foi rei por cinco dias, faleceu num asilo de velhos em Hamburgo, vitimado por cirrose do fígado.





Com Milton Eisenhower, o valente ficou manso.

O Valente Presidente

«NÃO HÁ jornalista que possa sentir-se livre, sabendo que corre o risco de ser espancado em público pelo Presidente. O exemplo é infeliz, para os agentes subordinados do governo» — afirmou, em editorial, o matutino «Prensa Libre», editado na capital guatemalteca. E por quê? Porque, espantosamente, um dos seus redatores havia sido agredido fisicamente pelo General Ydígoras Fuentes, presidente da Guatemala. A coisa começou quando o jornalista Julio Vielman, especialista em assuntos econômicos, foi chamado ao telefone da redação. O presidente queria vê-lo pela manhã, no dia seguinte.

Intrigado, Vielman compareceu, à hora marcada, ficou na antecâmara presidencial 1 hora e 45 minutos, viu, afinal, sair o presidente, ouviu-o explodir, irritado:

«Poderia perdô-lo pelos artigos insultuosos que publicou no «New York Times», durante a campanha eleitoral. Agora o senhor escreveu um artigo em «Prensa Libre», afirmando que a Guatemala está na bancarrota. Desta vez, o senhor está insultando não o General Ydígoras Fuentes, mas a sua própria pátria, e, se continuar com isso, eu lhe darei um tapa na cara!»

Ainda mais intrigado, o jornalista procurou explicar, mas a mão aberta do presidente já tomava caminho do seu rosto. Vielman mal teve tempo para abaixar-se, levando um tapa de raspão, mas o general, outrora jogador de futebol, não satisfeito, atingiu-o em cheio com um pontapé na canela.

A notícia se espalhou rapidamente e os guatemaltecos trataram de procurar nos jornais a razão da briga: citando estatísticas divulgadas pelo próprio Banco da Guatemala, Vielman, político anti-comunista e independente, formado pela Universidade de Harvard, dissera que elas pareciam «confirmar o temor externado por muitos economistas, de que a Guatemala está enfrentando uma situação difícil, quanto às suas relações comerciais internacionais». Não se tratava, porém, de uma situação desesperada, cuidara ele de acrescentar.

A Associação Guatemalteca de Imprensa tratou de protestar contra o gesto pouco elegante do general-presidente, e o governo, à guisa de explicação, mandou uma nota para os jornais. «O governo — dizia a nota — lamenta o fato de certos jornalistas estarem causando danos irreparáveis ao País, dando uma visão falsa da sua situação econômica». E, mais adiante: «Não é segredo que existem grupos isolados, doidos pelo poder, e, naturalmente, jogando conforme as regras do comunismo internacional».

Como se vê, a nota nem explica, nem justifica.

Confiante e otimista, o General Alfredo Stroessner ficou de pé, diante do Congresso Paraguaio. Na mão esquerda, tinha o bastão de comando, e a direita estava pronta para assinar o documento através do qual ele se comprometeria a governar o País por mais cinco anos. A justificativa para a prorrogação: nos seus quatro primeiros anos no poder, o Paraguai vinha experimentando um progresso excepcional.

No discurso de dez minutos que pronunciou na ocasião, o presidente paraguaio tratou de fazer as pazes com todo mundo, declarando-se disposto a aliviar as tensões políticas, a permitir que os candidatos oposicionistas concorressem às eleições municipais e outras coisas do gênero.

Cisma

As prisões e as mais impiedosas torturas são apenas um aspecto da violenta guerra dos comunistas contra a Igreja Católica, na China vermelha. Toda semana, Roma conhece novos detalhes da incessante campanha dos vermelhos, tanto mais perniciosos quando se constata que aquela orientação está determinando o maior cisma já registrado na história católica. A responsabilidade do programa de ataque à Igreja está a cargo do funcionário Ho Changhsiang, oficialmente designado pelo govern-

Boa Companhia Para Adalgisa

Durante o período que passou nos Estados Unidos, por conta do concurso em que se viu apontada como a segunda mulher mais bonita do mundo, a carioca Adalgisa Colombo fez excelente trabalho de relações públicas, em favor do Brasil, empenhando-se em dar maior vigor à nossa propaganda em torno do café, falando bem das nossas coisas, e dando respostas convincentes às perguntas que os americanos lhe fizeram sobre nós. Também fez amizades, inclusive com o cantor negro Nat King Cole, que a convidou para um coquetel. A foto mostra «Miss Brasil» entre o «crooner» da «Capitol», e o diretor de uma emissora de Hollywood.

Um (Curto) Período

Só não se lembrou, na ocasião, de falar no Padre Ramón Talavera, jovem sacerdote católico (28 anos), que se transformou num símbolo vivo da oposição, desde que, do púlpito de sua igreja, fez, em março deste ano, um veemente apelo em prol da reforma e da resistência — se não da revolução armada.

Ordenado há cerca de quatro anos, o Pe. Talavera vem lutando desesperadamente contra a indiferença do governo, que não dá a menor assistência aos seus pobres paroquianos, residentes, na maioria, em miseráveis casebres à margem do rio Paraguai, em frente ao hospital militar de Assunção. Em fevereiro, quando o rio se encheu, cem famílias viram-se desalojadas, e o sacerdote, como o governo se recusasse a prestar-lhes socorro, invadiu o

hospital, instalando no pátio os que fugiam da chuva.

Por essas e por outras, o padre ficou mal visto, e o próprio Arcebispo Juan José Mena Porta deu-lhe ordens para que não usasse mais do púlpito para fazer referências à situação do que ele costumava chamar «nosso país tiranizado». O pároco, revoltado, iniciou um jejum que durou nove dias, ao fim dos quais, atendendo aos amigos, resolveu tomar caldo de laranja com sal, permanecendo mais seis dias sem ingerir alimentos sólidos. O último dia foi a véspera da posse de Stroessner, e o jejum, conforme afirmou o Pe. Talavera, era um lembrete, àqueles que se banquetavam por causa da vitória de um ditador, de que «o povo do Paraguai ainda é sofrendor e faminto».



O presidente Stroessner, que vai ficar mais cinco anos.

na China Produz Bispos em Massa

no para dirigir o Departamento de Negócios Religiosos.

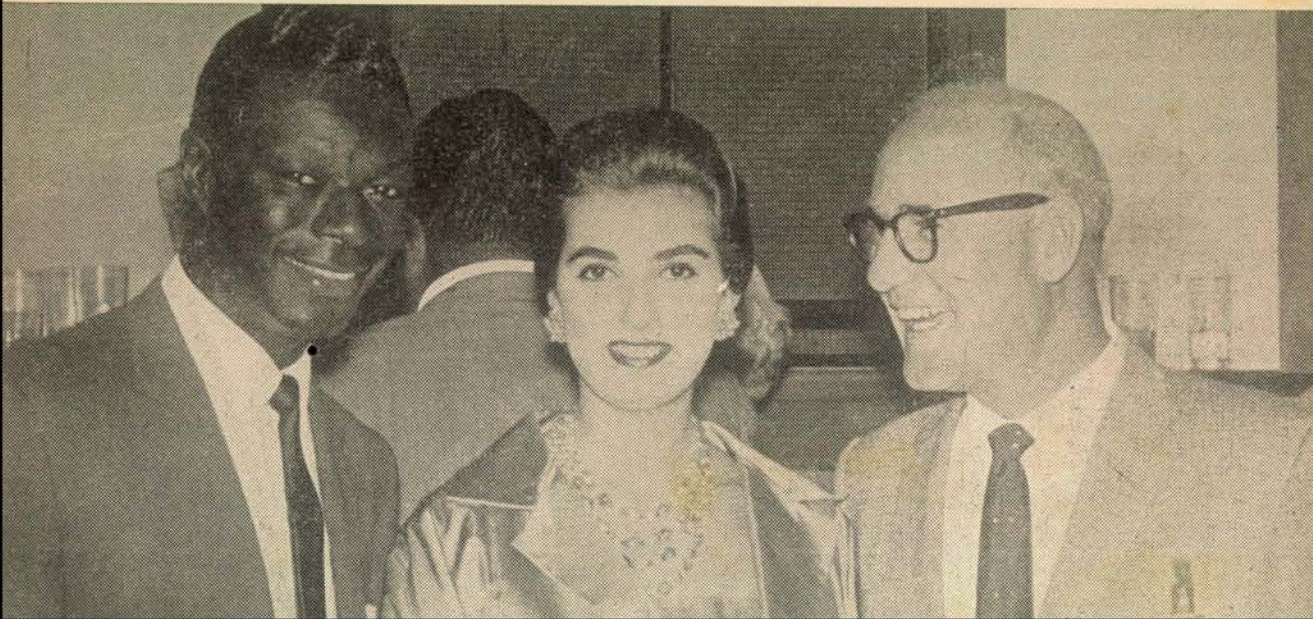
Ho começou por procurar habilmente alguns padres, desejosos de subirem de posto resolvidos a colaborar em sua obra, colocando-os, em seguida, em postos-chaves. Por exemplo, o «padre patriota» Chang Shih-liang, desde a prisão do bispo de Xanghai, em 1955, tem percorrido a diocese, trajado com todas as pompas episcopais, inclusive mitra. O mais recente requinte de Ho foi forçar os bispos legítimos a sagrarem bispos comunis-

tas, aproveitando-se dessa forma do prestígio da Igreja Católica. O bispo de Puichi, Li Tao-nan, o primeiro indicado para satisfazer os designios do governo chinês, tendo recusado terminantemente a obedecer-lhe as ordens, sofreu uma série de torturas até que, afinal, cedeu. Pressionado por agentes do governo, ele oficiou em abril último a sagração de Tung Kwang-chin e de Yuan Wen-hua.

Apesar de tudo, tais sagrações não deixam de ser válidas, pois de acordo com a doutrina cató-

lica, todo bispo tem poder para sagrar outro bispo. Mas isso não impede, também, que os bispos «progressistas» da China estejam sujeitos a excomunhão, porque eles não podiam agir sem o beneplácito do Papa.

Enquanto isso, Roma age cautelosamente. Um porta-voz do Vaticano declarou que a Igreja não possui ainda elementos para distinguir claramente entre os padres que foram violentamente forçados a colaborar com os comunistas, e aqueles que sucumbiram unicamente por ambição.



O Kremlim Contra o Estrelismo

Foi-se a época em que os astros e estrelas gozavam de regalias na velha Rússia. Agora, a coisa mudou inteiramente, por obra e graça de uma intensa e cruel campanha movida pelo governo, com a finalidade de acabar de vez com a chamada "doença do estrelismo". Nos céus russos, apenas duas estrelas podem brilhar: a vermelha e a do premier Nikita Krushev.

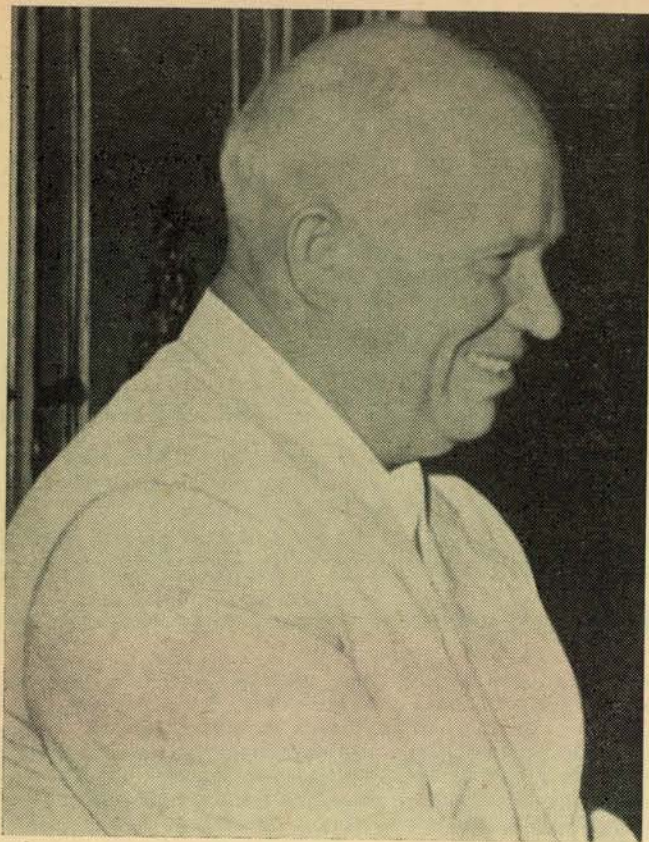
A mais recente vítima da doença do estrelismo foi Edouard Streltsov, um ídolo do futebol russo. Campeão pelo "Torpedo", time da Fábrica de Automóveis Likhachev (antiga "Stalin"), Edouard tinha carta branca em tudo — e tirava partido dela. Embriagava-se, comedia as maiores estrepolias e, se era prêso, seus patronos se apressavam em seu auxílio, apresentando à polícia sua ficha de identificação: — o maior jogador de futebol! E Edouard se vangloriava:

— Experimentei tudo, consegui tudo que desejei e vi todas as coisas possíveis! Cheguei até a comer saladas de 87 rublos e 50 topeques!

Acontece porém que Edouard Streltsov raptou uma jovem e ela não se deixou subornar, indo o caso parar na justiça. O grande ídolo, agora completamente arruinado, não obteve perdão. De costas para o público, ia respondendo às perguntas que lhe eram feitas.

- Onde trabalhava?
- Na Fábrica de Automóveis Likhachev.
- Ocupação?
- Jogador de futebol.

E a sentença não se fez esperar: 12 anos de trabalhos forçados.



Krushev: "A Estrela Vermelha não quer saber de concorrentes".

Modas & Batatas

A «linha-saco» foi definitivamente lançada (com atraso de alguns meses) nos Estados Unidos, quando a Sr^a Arthur Miller, aliás Marilyn Monroe, apareceu num espetáculo de gala, assistido pela melhor sociedade de Nova Iorque, vestindo um robe-sac de jérsei branco. Não obstante, essa nova moda só foi adotada depois de muita resistência oferecida a algumas elegantes, que haviam tentado anteriormente impor o novo estilo. Para o fracasso da tentativa muito contribuiu um pronunciamento de Constance Bennet, que afirmou: «Se Deus criou a silhueta feminina tal qual é, é porque não tinha intenção de lhe dar um aspecto de barril». Entretanto, a reflexão de Gina Lollobrigida, publicada recentemente, parece haver refletido melhor o rápido acolhimento obtido pela «linha-saco» nos Estados Unidos. Ela havia dito: «As mulheres têm tendência para considerar os decretos dos costureiros parisienses como se fôsem um dos dez mandamentos».

De uma maneira ou de outra, porém, a história tornou-se muito mais complicada, quando as más línguas entraram em cena para declarar que a «linha-saco» tinha sido instituída muito tempo antes, na América. E a própria Marilyn Monroe, antes das novas idéias virem de Paris, e quando era simples modelo, já posava para fotos publicitários, envolvida num simples saco de batatas que mal dissimulava os seus encantos. Com a palavra os entendidos.



Mrs. Miller, precursora da (decadente) «linha-saco».

Não comprometa sua beleza com poros obstruídos !

Para proteger o viço de sua pele, é *indispensável* uma *limpeza profunda* e *tonificante* de seus poros com a positiva ação medicinal do

Leite de Colonia



O rosto mais lindo pode perder todo seu encanto se sua pele não respira livremente!

Poros obstruídos impedem a respiração da cutis, tornando-a flácida... envelhecida, prematuramente!

A proteção de sua pele está na penetrante ação medicinal do Leite de Colonia que limpa profundamente os poros, tonificando os tecidos de sua epiderme. Sejam quais forem os preparados que você use, seu primeiro cuidado deve ser uma completa limpeza dos poros com Leite de Colonia, para assegurar uma pele sempre macia, livre de imperfeições. Por que não começar agora?

... mas não confunda!

Exija

Leite de Colonia

De comprovada ação medicinal, Leite de Colonia é único! Não existe nada melhor, igual ou parecido! Portanto, não aceite um substituto qualquer!

Novocaína Contra a Asma

EXPERIÊNCIAS relacionadas com o emprego da Novocaína no tratamento da asma, realizadas pelo Dr. Victorio Valeri, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (SP), vêm trazer novas esperanças para os asmáticos. O facultativo paulista aplicou, em uma cliente de 54 anos, uma série de seis injeções intravenosas, de Novocaína, obtendo resultados animadores. O medicamento foi aplicado à razão de duas ampolas por semana, em doses que variavam entre 10 e 20 cm³, ficando a pressão, o ritmo respiratório e a pulsação cardíaca da paciente sob controle, no período das aplicações, que duravam de 5 a 8 minutos.

Durante a ministração do remédio, a paciente sentiu um ligeiro amortecimento, inquietou-se e, quando a dose foi de 20 cm³, chegou a ter certa dificuldade de locução. Contudo, todos esses efeitos cessaram completamente, ao fim das injeções. Atualmente, o Dr. Valeri vem aplicando a dose de 5 cm³ por semana, afirmando que os sintomas da enfermidade desaparecem logo depois de iniciado o tratamento.

A Loucura Será Hereditária?

NOVOS HORIZONTES se acham abertos no campo da psiquiatria, graças às explorações bioquímicas realizadas nos Estados Unidos, e que interessam de modo particular à esquizofrenia, psicose caracterizada por angústias, delírios e perda de todo o contato com o meio ambiente. Segundo essas pesquisas, trata-se de uma doença determinada geneticamente; e esta teoria bioquímica da esquizofrenia tem sido confirmada por diversas experiências. Observou-se que aranhas alimentadas com o sangue de esquizofrênicos ficam inteiramente indiferentes, incapazes mesmo de tecer suas teias com regularidade; também provou-se que extratos urinários provenientes desses mesmos enfermos, injetados em macacos, provocaram acentuadas modificações no eletroencefalograma desses animais. Não se tem dúvida de que este é um primeiro passo para uma terapêutica racional dos distúrbios do cérebro.

Legumes Verdes e Úlceras

HA CERCA DE vinte anos, o Dr. Hermann Dorfer recomendava o uso da couve contra as úlceras do estômago; mais recentemente, o inglês D. Cheney, empregava o suco dessa verdura para curar úlceras criadas artificialmente. E, na verdade, tais úlceras se curavam. Concluiu-se então, que existem, nos legumes frescos, no leite, no aipo, na alface ou, simplesmente, na couve fresca, substâncias ativas, muito poderosas no tratamento das afecções gastroduodenais. Estas substâncias estão sendo isoladas e estabilizadas em Stuttgart (Alemanha), a fim de serem introduzidas num medicamento de prescrição usual.

Cápsulas

• As sufamidas estão encontrando novas aplicações, dessa vez exercendo ação antibacteriana. Aplicadas em pequenas doses urinárias. • O Instituto Lister, de Chelsea, nos arredores de Londres, está preparando um novo coagulador de sangue, que, aplicado por via endovenosa, tornará aos hemofílicos as operações menos perigosas e lhes permitirá extrações dentárias sem perda anormal de sangue. • As pessoas que sofrem de dispepsia quando tomam café com leite devem tomá-lo puro, pois estudos realizados na Finlândia provaram que o café com leite produz, imediatamente após a sua ingestão, considerável queda no ritmo dos movimentos peristálticos, além de retardar o esvaziamento do estômago.

Por Que Matei...

Conclusão da pag. 107

do meus gestos, assegurando-se de que o escravo estava firme nas galés. Bandido!

«Deus estava cansado dêle, murmurou Victor Hugo, o excelso autor de «Os Miseráveis»...

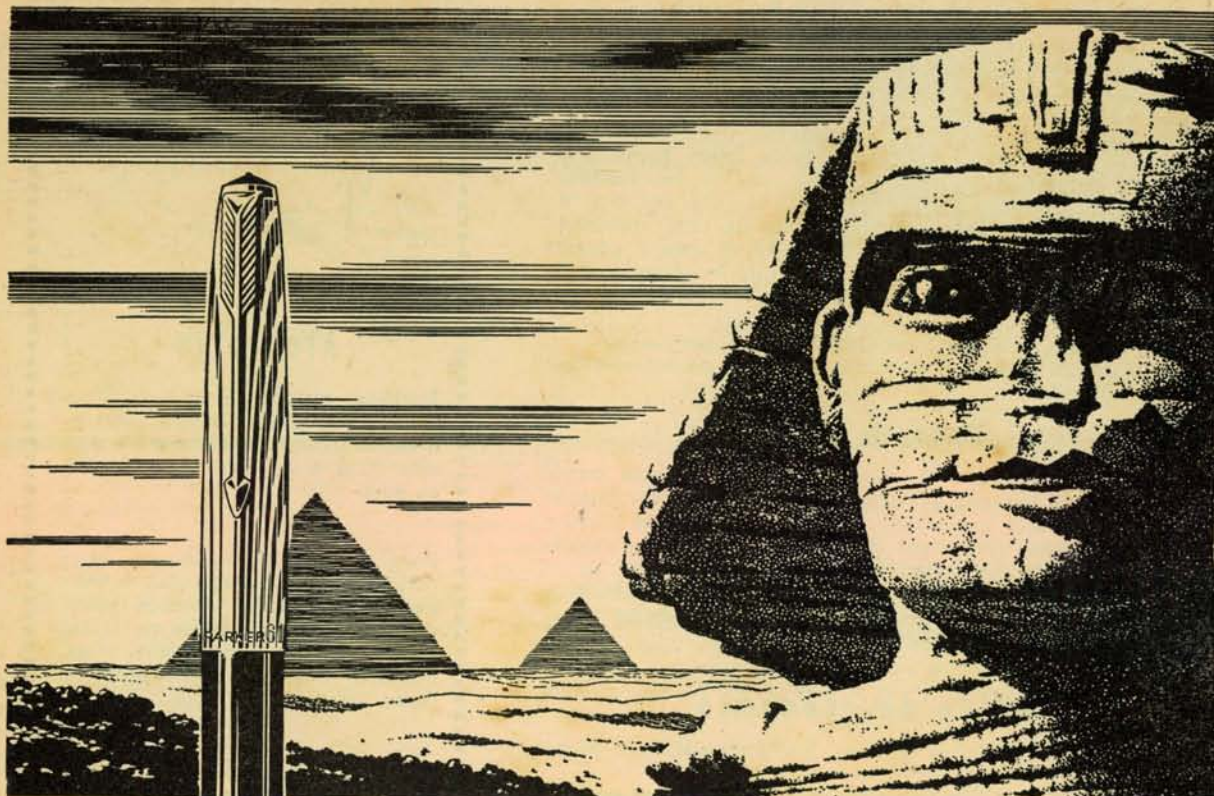
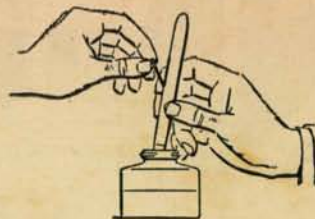
Cansado estava eu de tantos discursos. Fixei os olhos em Anastácio e intimidei-o, só com o olhar, a que parasse. Êle retrucou, com um olhar especial, que significava: «Não posso parar». Meus olhos saltaram das órbitas, e deram um ultimatum: «Ou pára, ou morre».

Anastácio não me atendeu. Continuou virando as laudas. E citando Santa Helena, a Ilha de Elba, Napoleão II, cujo destino confessava ignorar (e eu com isso?), metralhava, metralhava. Ia matar-me. Era um caso de legítima defesa. Não titubeei. Apalpei o bôlso. Senti o frio do ferro. Destraivei o Schmidt. Tirei-o do bôlso. Apontei, sem tremer. Ninguém dava por coisa alguma. Alguns deviam estar dormindo. Outros bocejavam. E foi então que... Tec., matei o Anastácio.

Estou «comendo uma cana brava», como diz o Serafino, um ladrão profissional que me faz companhia. Há seis meses aguardo julgamento. E não me interessa sair livre. Não. Vivo bem, dou-me ôtimamente com Serafino, Mão de Vaca, Chocolate, Passo Leve e tantos outros internos... Como razoavelmente. Tenho comigo livros dos melhores. E, é engraçado, depois que me prenderam, sinto-me livre. Livre dos maus oradores. De Anastácio, como de todos os outros. Graças a Deus.

• O fogo, no campo, e na floresta, destrói a fauna, que representa importante papel na conservação das riquezas naturais. Seja prudente! Em benefício de sua própria economia, proteja suas matas!

Nada de peças móveis para desgastar...
Na notável caneta Parker 61,
só a tinta se move!



A caneta Parker 61 é de operação extraordinariamente simples e única. Não tem peças móveis para desgastar... nada para puxar, empurrar ou manipular. Mesmo quando ela enche a si própria, apenas pela sucção capilar, só a tinta se move! A caneta Parker 61 foi idealizada para durar indefinidamente e servir com segurança.

A Parker 61 abastece e limpa a si própria e é praticamente à prova de vazamento. Sua pena Parker Eletro-Polida, exclusiva, assegura escrita perfeita e suave. Descubra V. mesmo as muitas maravilhas desta caneta inteiramente nova... diferente de qualquer outra caneta no mundo!

A nova

Parker 61



Para melhores resultados e ótimo rendimento da escrita, use Parker Quink na sua Parker 61.

8-6142.P



Quitandinha



HF

Mal da época

O TEMA era «O Cinema», e o conferencista terminou assim: «Pergunto-lhes, meus senhores, se o que temos visto é tudo o que os filmes podem oferecer. Um presidiário fugitivo invade um lar e prende a dona da casa e seus filhos como reféns, além de atear fogo a dois orfanatos; um homem rouba dinheiro de seu patrão e voa para Monte Carlo, perde o dinheiro no jogo e atira-se ao mar do alto de um rochedo; dois rapazes amam a mesma garôta e um dá um tiro no outro; um homem invade o apartamento de uma «modêlo», rapta-a e atira-se com ela do 23º andar. E não é preciso ir adiante, porque isso dá uma idéia do que é o cinema, hoje em dia. Agora estou à disposição para responder a perguntas».

Foi então que a matrona levantou-se e perguntou:

— O senhor poderia dizer onde êsse filme está passando?

Pontos de vista

EMBORA ministros de religiões diferente, eram muito bons amigos. E' verdade que nunca podiam concordar quanto aos pontos de vista religiosos, mas as suas questões sempre se resolviam bem. Deixaram de se resolver quando, depois de uma discussão, um voltou-se para o outro e disse:

— O que importa é que, no fim, ambos estamos trabalhando para o Senhor. A única diferença é que você trabalha à sua maneira, e eu, à maneira Dêle.

Medida de economia

ALTA madrugada, o médico foi acordado, em pleno sono. Foi ver quem era, encontrou um homem.

— Queria saber, Doutor, quanto o senhor cobra para ir ver um doente a dez quilômetros daqui.

— Trezentos cruzeiros — respondeu o médico.

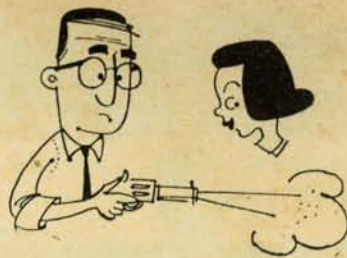
— Então, está combinado. Espero aqui na porta.

O médico vestiu-se e, daí a pouco, o automóvel corria dentro da noite. Passados dez minutos, o homem informou:

— E' aqui, doutor. — E, tirando o dinheiro da carteira, entregou-o ao médico. — 'Sta aqui o pagamento.

O clínico estranhou, perguntou pelo doente. Foi então que o homem explicou:

— Não tem ninguém doente, não. Procurei o senhor porque o chofer do único táxi que encontrei queria cobrar-me quinhentos cruzeiros pela corrida.



Alegretto

Irritado porque a noiva estava fazendo troça da sua miopia, o rapaz tirou o revólver e lhe deu dois tiros à queima-roupa. Errou os dois.

Para não ter mais de responder a tantas perguntas, o vendedor de vestidos prontos mandou pregar nos decotes de todos os modelos da «linha saco» uma etiqueta avisando: «A frente é deste lado».

Era um advogado inteligente. Quando viu que o corpo de jurados era composto de mulheres, mandou que seu cliente comparecesse à barra da justiça com um paletó faltando botões.

Tinha de comer em restaurante porque a esposa não gostava de cozinhar. Pior era o outro: comia lá porque a esposa gostava.

Perguntaram à «miss» se gostava muito do Dostoiévski. Ela enrubescceu, pensou um pouco, respondeu: «Não. Somos apenas bons amigos».

Telegrama do filho à mãe: «To-me bomba exames. Prepare espírito papai». Telegrama da mãe ao filho: «Papai preparado. Prepare o seu».

Gente de circo

Abelhudo e sagaz, o repórter terminou a entrevista com o candidato a deputado perguntando:

— Quería, por fim, que me dissesse o que pretende fazer se fôr eleito.

E o candidato respondeu:

— Ainda não pensei nisso. Seria melhor se o senhor perguntasse o que farei se não fôr eleito.

* * *

— O seu número consistirá no seguinte — explicava o diretor do circo: — Você entra numa jaula, senta-se comodamente junto de uma mesinha lá colocada, sobre a qual há uma garrafa de conhaque. Você põe um pouco de conhaque num copinho, começa beber e, então, abre-se a porta da jaula e entra o leão. E' nessa hora que...

— P'ra mim não serve — disse, interrompendo-o, o domador em perspectiva.

— Mas, por quê? — perguntou o diretor — Você não sabe que o leão é domesticado, que, antes de começar o número, ele é alimentado?

— Sei de tudo isso — respondeu o outro. — Mas acontece que eu não tolero o tal de conhaque.



Diálogos ligeiros

Desolado contava:

— Estou muito aborrecido. Imagine: minha mulher saiu sem sombrinha e agora começou a chover...

— Isso não é motivo p'ra ficar assim. Ela com certeza vai entrar numa loja e esperar que a chuva pare.

Mais desolado ainda, o primeiro explicava:

— Pois é isso mesmo que me preocupa.

—oOo—

Entrou correndo na delegacia:

— Minha mulher desapareceu de casa há três anos.

— Uai! Só agora é que vem avisar à polícia?

Explicou:

— E'. Até ontem, eu ainda não ousara acreditar.

—oOo—

Informou o encarregado da seção de achados e perdidos que havia esquecido na igreja um guarda-chuva com cabo de osso.

— Com pano de seda ou de algodão?

O homem pensou um pouco, hesitou, respondeu:

— Bem... eu prefiro que seja de seda.

—oOo—

Sentou-se na cadeira e foi logo explicando:

— Não quero corte, nem fricção, nem xampu, nem toalha quente, nem massagem, nem manicure, nem loção, nem perfume. Quero só que o senhor me faça a barba.

Então, perguntou o barbeiro:

— Com ou sem sabão?

De um astro de Hollywood para outro astro de Hollywood: «Sinto muito não ter podido assistir ao seu casamento, no sábado. Espero poder, da próxima vez».





AS ALERGIAS DA PRIMAVERA

-MEU PROBLEMA — explicou a senhora ao psiquiatra — não é para ser tratado por um dermatologista. Sômente o senhor poderá livrar-me dêle.

O caso era realmente estranho. Ela era uma senhora feliz, jamais havia sofrido a menor doença. Entretanto, tôda vez que tinha uma discussão com o marido, seguida de uma separação (ainda que curta), ela era tomada, repentinamente, de violentas coceiras. Havia uma semana que seu marido não lhe dirigia palavra. Ela passara a dormir noutro quarto e estava coberta de manchas vermelhas e placas inflamadas.

Aparentemente — disse para si mesmo o psiquiatra — o mal é puramente imaginário. E' de natureza psicossomática, em que não sou muito forte.

Para tirar dúvidas, resolveu êle fazer uma ligeira investigação. Ficou sabendo, então, que tôda vez que o casal brigava, a jovem espôsa transferia-se para um quarto diferente. Quando verificou que, nesse quarto, o colchão era de paina e o travesseiro de penas, compreendeu tudo de uma vez. A briga não tinha nada a ver com as crises da mulher: ela era simplesmente alérgica às penas e à paina.

Uma velha senhora sofreu um

violento choque emocional, por ocasião da morte de seu marido. De repente, começou a sofrer uma intensa febre do feno.

— Isso só havia acontecido comigo uma vez — disse ela ao médico, acrescentando: — Foi quando perdi meu querido pai.

Esse mistério psicológico haveria de ficar sem solução, se não aparecesse alguém para informar: nas duas ocasiões, os caixões dos defuntos haviam sido enfeitados com crisântemos, aos quais a velha senhora era terivelmente alérgica.

Por aí se vê que o diagnóstico de uma alergia nem sempre é fácil de se estabelecer. Trata-se



DICIONÁRIO DAS ALERGIAS

NOME DA ALERGIA	LOCALIZAÇÃO	SINTOMAS	CAUSAS
DERMATITE CONTATO CORPORAL	PELE	Inflamações. Cocceiras. Erupções. Vermelhões.	Gatos, cães, aves, plásticos, tinturas, cosméticos, mofos, jóias, moedas, lentes de contato, plumas, etc., sedas e veludos.
ECZEMA ORIGEM ALIMENTAR			Proteínas, leite, ovos, peixes, farináceos, chocolates, cereais, espinafres, galinha, noz, caldo e sumo de laranja, mostarda, penicilina.
FEBRE DO FENO (Em determinadas estações)	OLHOS NARIZ	Lágrimas. Espirros. Irritações. Enxaquecas.	Flôres, árvores, erva, pólen.
RINITE (Sem estação determinada)			Poeira, penas, painas, lãs, dejectos de insetos, aves, cães, gatos, mostarda, pó facial, perfumes.
ASMA ALÉRGICA	VIAS RESPIRATORIAS SINUS BRÔNQUIOS	Angústias. Sufocamento Acessos de tosse.	Poeira, penas, paina, dejectos de insetos, lãs, aves, cães, gatos, mostarda, pó facial (origem alimentar em casos raros).
ALERGIAS GASTRO- INTESTINAIS	VIAS DIGESTIVAS	Cãibras estomacais, cólicas, enxaquecas.	Proteínas, leite, ovos, peixes, farináceos, chocolates, cereais, espinafres, galinha, nozes, caldo e sumo de laranja.

Incômodos misteriosos
que a Ciência ainda
não explicou.



de um incômodo imaginário, de uma afecção nervosa, de uma simples fobia? Em verdade, a alergia é, ao mesmo tempo, mais simples e mais complicada: trata-se de uma sensibilidade excessiva, que se pode experimentar com relação a substâncias inofensivas. O eczema, por exemplo, pode ser provocado pelo simples contato da perna com uma meia de nylon. Uma tintura para cabelos pode produzir graves irritações do couro cabeludo. Esses pequeninos dramas às vezes tomam as proporções de um desastre sentimental, como por exemplo, no caso de uma criança que adora brincar com os

cães, mas é alérgica a eles; ou de um drama fatal, quando o doente é alérgico à penicilina. Não é raro encontrarem-se mulheres bonitas que não podem usar sequer uma jóia, ou miópes que não suportam os óculos de aumento.

Dez por cento das pessoas sofrem de uma alergia determinada, enquanto que trinta por cento padecem de alergias ocasionais. Quem já é alérgico tem mais probabilidades de sofrer outras alergias. Embora estas não sejam contagiosas, está provado que são hereditárias, isto é, uma criança sempre herda de seus pais,

(Continua na pag. 96)

SEU ENCANTO DURA O DIA TODO



...se você usa

ODO·RO·NO

todo dia



É a mais eficaz proteção contra a transpiração e os seus efeitos. Mesmo os casos mais rebeldes são logo resolvidos.

É que o supereficaz ODO·RO·NO, atuando diretamente, elimina a transpiração e os seus desagradáveis odores. Você estará confiante de si mesma o dia todo, de manhã, à tarde, à noite.

Experimente hoje mesmo ODO·RO·NO (Creme ou Atomizador) — o desodorante que não deixa dúvida.

Faça de

ODO·RO·NO

o seu melhor hábito diário

TRATAMENTO

FÁBULAS A DESTRUIR

Teste cutâneo, Exclusão de substâncias irritantes.

Alergia por alguém.

Teste dietético.
Regime.

O teste é contra-indicado para menores de três anos.

Mudança de ambiente durante a estação.
Anti-histamínicos.
Sôro.

Alergia pelo fumo.

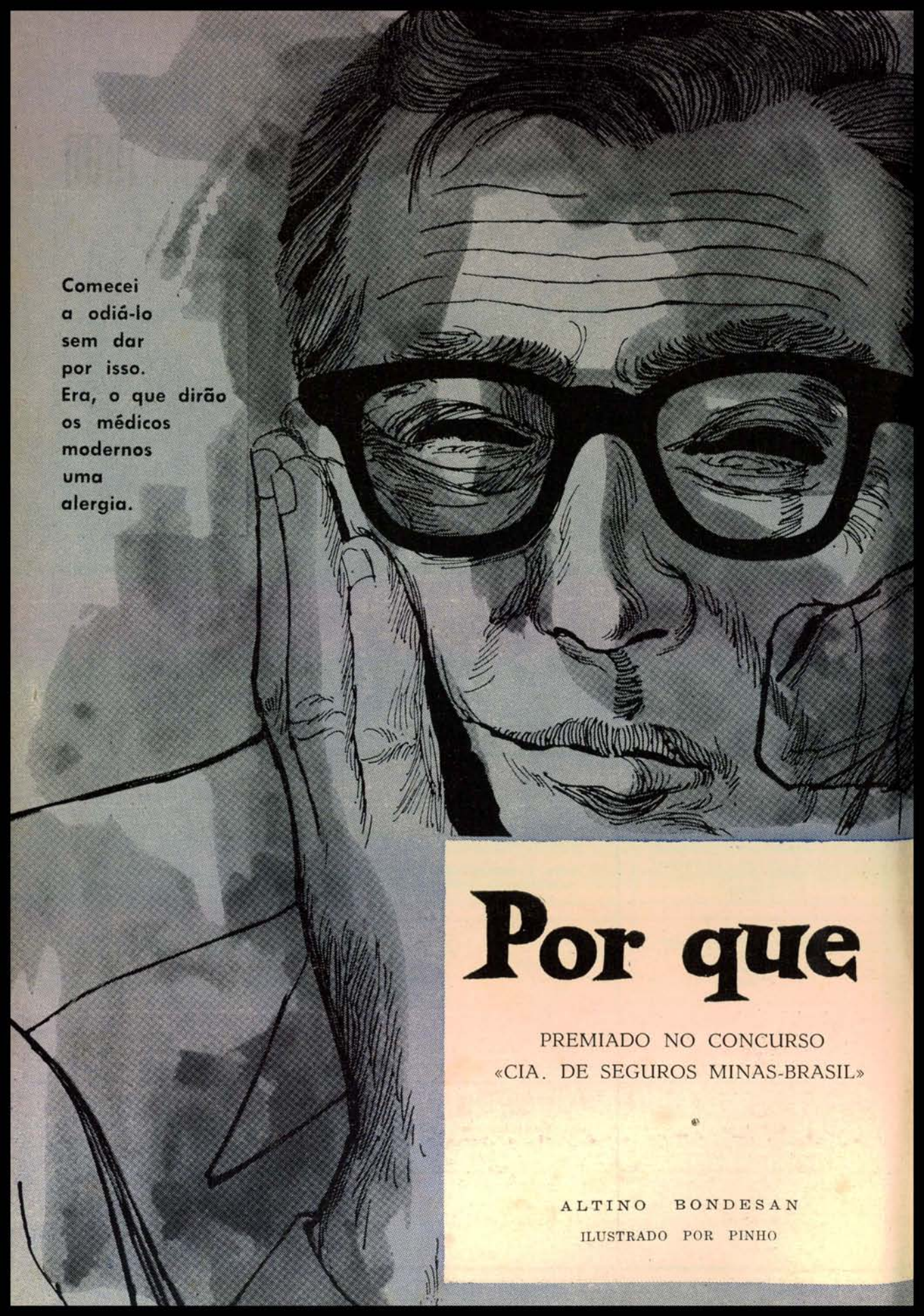
Exclusão das substâncias irritantes.
Anti-histamínicos.
Sôro.

Anti-histamínicos
Cortisona.
Estação de águas.

Uma mudança de clima basta para curá-la.
A asma sara com a idade.
Amígdalas e adenóides a produzem.

Testes dietéticos.
Regime.
Cozimento.

Alergia pelo álcool.



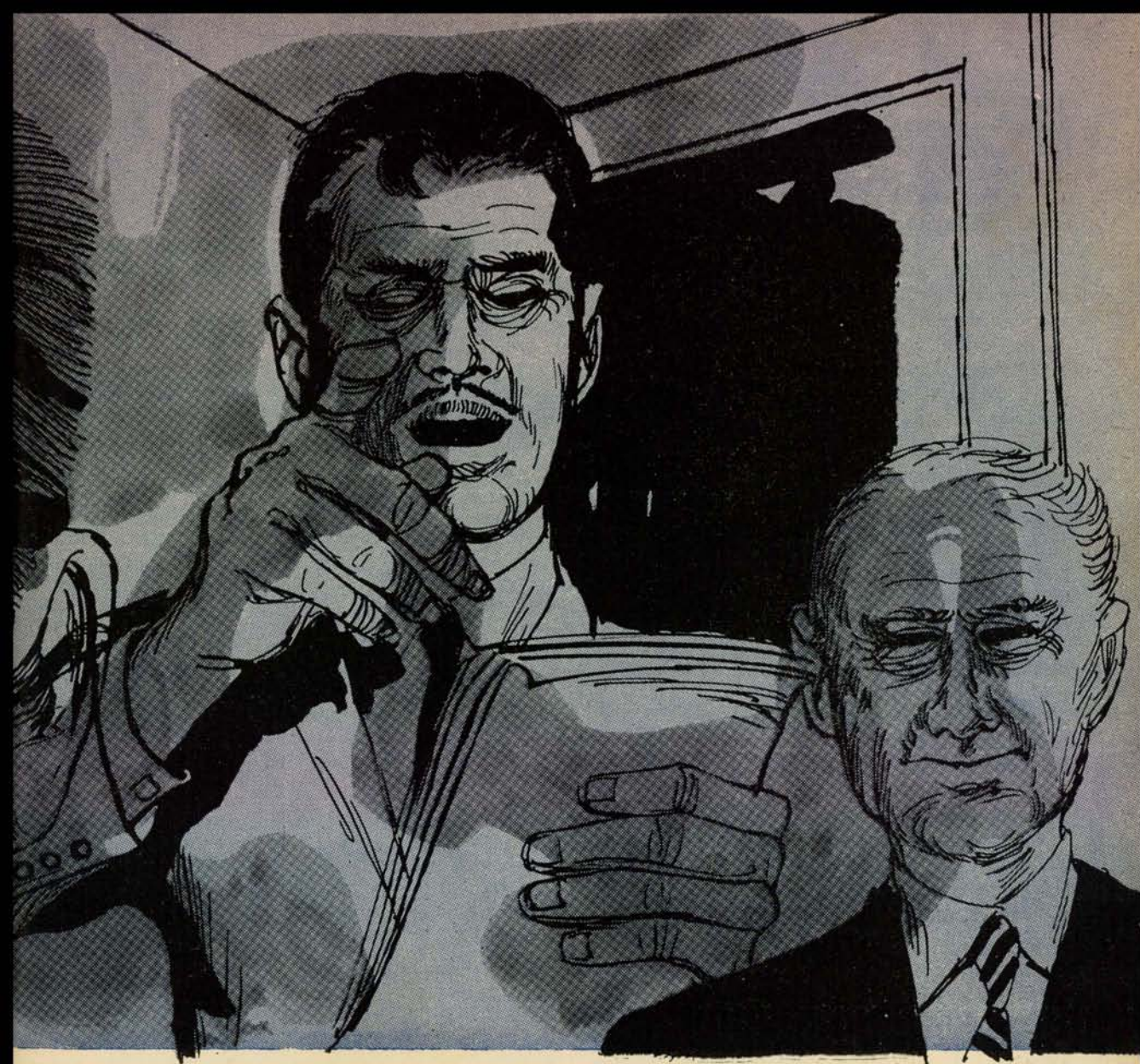
Comecei
a odiá-lo
sem dar
por isso.
Era, o que dirão
os médicos
modernos
uma
alergia.

Por que

PREMIADO NO CONCURSO
«CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

ALTINO BONDESAN

ILUSTRADO POR PINHO



matei Anastácio

VOCÊS conheceram minha vítima? Pois se não conheceram, dou-lhes os parabéns. Anastácio, que a estas horas deve estar tocando harpa nas alturas, ou fervendo nos quintos do demônio, foi morto por êste seu criado às ordens, José de Assunção Lorena, mais conhecido por Zico da Sinhana.

Matei e pronto. Um tiro, dado com pontaria, sem tremer a mão. Tiro sêco, até nem parecia tiro. Tec. Não houve fumaça. Nada. Nem mesmo o corpo baqueou como é comum.

Não. Anastácio tombou sobre a mesa, lentamente. E a confusão foi geral — que me perdoe o Machado de Assis a imagem roubada.

Tec, pum, o estouro não importa. O que sei é que matei o Anastácio e me senti aliviado. Leve. Aéreo.

Quem mata tem um motivo. E eu tinha, como verão.

Primeiro vou contar quem era Anastácio. Direi depois quem sou eu. E explicarei

sinceramente como se deu o delito — palavra que aprendi com o doutor delegado. Assim colocadas as peças dos autos, que vocês me julguem, antes que o Tribunal do Júri o faça.

Anastácio era um professor de História. Nada mais. Incapaz de matar uma barata, ou de erguer a voz — a não ser quando fazia discursos. E aí está. Fazia discursos o Anastácio. E por isso morreu.

Não que eu não goste de discursos. Não há quem mais os aprecie no Brasil. E nem quem mais os deteste. Explíco-me: sou capaz de ouvir, durante quatro horas seguidas, um tipo completo de orador. Rui Barbosa, por exemplo, eu o ouviria um mês seguido, sem dar por isso. O mesmo direi de Nabuco, de Rafael Píndaro, de Armando de Sales. Isso só para citar os mortos. Não quero lisonjear os vivos, pois não pretendo cargos públicos nem favores políticos.

Quando, porém, o orador é um Anastácio, morro de rai-va. Fico possesso. Mato, como verão. Ou como viram.

Imaginem o Anastácio falando: períodos de um quilômetro e meio de comprimento. A voz pastosa, a máscara estertórica, o gesto vago. E lendo, lendo dez, vinte laudas, de escrezinha miúda. E «tous-jours la même chanson...» Sempre a mesma lenga-lenga. «Não encontro em meu mesquinho vocabulário palavras para exprimir a emoção que me domina». Ou então: «Neste momento solene, em que a Pátria cultua seus heróis, ergo minha pálida voz, bem sei que modesta e sem brilho, mas impregnada da sinceridade que brota do coração».

Uma vez tentei somar quantas vezes o Anastácio dizia «neste momento», «nesta hora», «neste local». Ora, vejamos só, o que tem a ver o momento, a hora, o local...

«Para expressar a alegria que me assalta, teria de roubar os raios da aurora ou a melancolia do crepúsculo...»

Ah, bandido, como abusava da paciência da gente. «Quousque tandem?» lhe diria Cícero. Mas eu, pobre de mim, pouco entendendo de latim, e não podendo dizer isso, preguei-lhe uma azeitona na cabeça. Plec. Anastácio morreu.

Dava-me com Anastácio. Ele gostava de conversar comigo, sobre os fastos romanos, as batalhas napoleônicas. Não se conformava com Waterloo. Aquilo fôra uma peça do destino. Nem quinhentos



Wellingtons derrotariam o corso. Nem mil.

E era bom camarada, no bar. Pagava-me cerveja (ele não bebia). Elogiava-me a cultura. «Sabe, aqui em Pedregulho só você está à altura de presenciar um episódio histórico. Falarei sobre Nero, defendendo-o. Foi um injustiçado da História...»

Cheguei a simpatizar com Anastácio. Fiz-lhe presente de um Roskoff patente, uma lembrança de família. Ele exibia o relógio a todo o mundo, como demonstração de nossa amizade. E convidava-me para sair.

— Vamos hoje ao grêmio li-

terário. Falo sobre Napoleão e Maria Luiza.

Fui a primeira vez. E fiquei abismado. Anastácio arrasava-me com seus astronômicos discursos, que só podiam ser medidos a anos-luz...

«Falece-me o verbo, ao contemplar a figura genial do Pequeno Caporal, que diante das Pirâmides exclamou...»

Eu nada tinha a ver com as pirâmides, nem com a campanha do Egito. Pouco me interessava por 1812. Austerlitz não era meu forte. E em verdade o grêmio tinha moças bonitas, oferecia chá com bolinhos ao fim da festa. Tudo em ordem. O que estragava era o Anastácio.

Comecei a odiá-lo sem dar por isso. Era, o que dirão os médicos modernos, uma alergia. Ou idiossincrasia. Era Anastácio começar a falar, e eu todo arrepiar-me, como se tivesse tomado sal amargo, o laxante da família, horror de minha infância.

«Senhores, quem sou eu para erguer a voz num ambiente tão seletivo e nobre quanto este, em que pontificam as mais luminosas intelectualidades de Pedregulho?»

Quem era não sei. Sei que erguia a voz, com a maior desfaçatez deste mundo e deitava o verbo, a jorros, como um Amazonas de períodos infundáveis, discorrendo sobre guerras, sobre reis e papas, sobre mulheres famosas e homens notáveis.

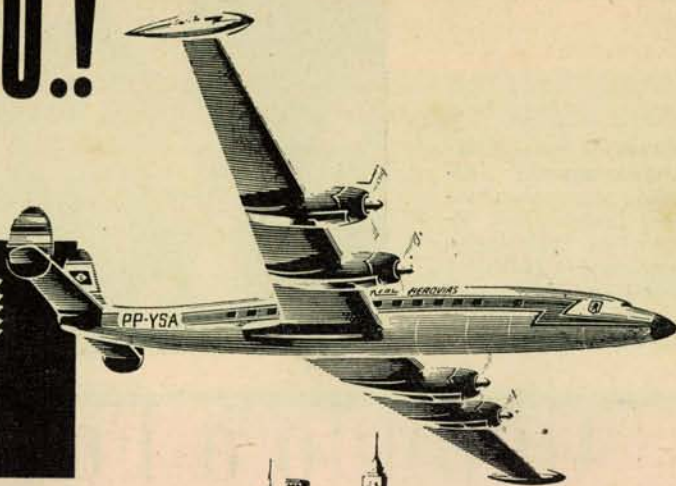
—Qualquer hora o mato.

Não sei se falei ou pensei. Ou se fiz as duas coisas juntas. Não sei. Dizer verdade, só agora percebo que em determinado instante nasceu dentro de mim a idéia de libertar-me de Anastácio, tal como um escravo se livra das correntes. Era por demais. Demais...

Bem, assim de cambulhada, disse quem era Anastácio e

(Continua na pag. 104)

ECONOMIZE DÓLARES EM SUA VIAGEM AOS EE.UU.!



Conheça as tarifas do

Super **H** *Constellation*

Você pode reduzir de 12% sua despesa de passagem, aproveitando as tarifas que a Real oferece em seus novos e ultra-modernos Super-H Constellations. Você economizará dólares suficientes para adquirir nos EE. UU. muitas coisas que deseja. E ganhará também em conforto.

Reúna luxo e economia!

Escolha o voo *Scheherazade* da Real

Consulte sua agência de turismo ou a



Rua Espírito Santo, 647 - Telefone: 4-8200 (rede interna)

Veja o que você terá no Super-H da Real:

Uma tripulação de elite a seu serviço... um ambiente de hotel de luxo... macias poltronas que se estendem para o seu repouso... música suave a bordo... cabina pressurizada... mais de 500 km. por hora... e um voo excepcionalmente tranquilo, guiado pelo Radar. E o Super-H, na Real, é também Super-Serviço. São finíssimas as refeições servidas a bordo... há hospitalidade brasileira... e há gentis aeromoças com classe internacional para atendê-lo.



Filhos de pais extraordinariamente dotados costumam sofrer insegurança, dizem os psicólogos, explicando atitudes como a de Sarah Churchill, que foi detida por embriaguez.



Quando a Fortuna é mãe do Infortúnio

Texto de
FRED DICKENSON
FOTOS DA KFS
e dos arquivos
de ALTEROSA

AS crianças nascidas em berço de arminho costumam ser olhadas com inveja, mas a verdade é que nem sempre as coisas se encaminham de maneira a fazer delas as pessoas mais felizes do mundo. Pelo contrário, tudo parece indicar que o fato de os pais serem agraciados com símbolos e troféus, por um motivo qualquer, resulta em sérios problemas nas vidas de seus filhos.

Quando, há alguns meses, a atraente e talentosa filha de Sir Winston Churchill provocou quase uma mobilização geral da polícia de Malibu Beach, por causa de certo exágono em matéria de bebidas, os seus atônitos admiradores não puderam deixar de perguntar: por que Sarah fez isso?

Para quase todo mundo, a pergunta há de parecer perfeitamente cabível. Ninguém estranha ao ter notícias de delitos praticados por rebentos de famílias pobres e desajustadas, por jovens criados em ambientes onde

a bebida e a ignorância estão sempre presentes. E' verdade que muita gente consegue vencer, à custa de grande força de caráter, essas circunstâncias infelizes. Mas, de um modo geral, as condições adversas é que acabam vencendo.

A coisa muda de figura, quando é a filha de uma das maiores personalidades do nosso tempo que, tendo deixado a casa paterna tão pobremente adestrada para as batalhas da vida, mergulha nos abismos do álcool e do escândalo. O normal seria imaginar que tal pessoa, dotada de todas as coisas necessárias para viver, pela educação, pela criação e pelos antecedentes familiares, pudesse enfrentar com firmeza os mais duros impactos do destino.

O caso seria de menor importância, se tivéssemos apenas a figura de Sarah Churchill a levar um nome ilustre para as manchetes escandalosas. Acontece que há um número espantoso

de filhos e filhas de pessoas internacionalmente conhecidas, que conquistaram fama e fortuna nas artes e noutros campos, figurando como personagens centrais de histórias que parecem inexplicáveis, se consideradas à luz da sua herança de sucesso.

Charles Chaplin Júnior, hoje com 32 anos, ator que mostrou possuir certa parcela do gênio cômico de seu pai (e os mais ardente críticos das tendências políticas do velho Chaplin admitem que ele já foi um indivíduo engraçado), recentemente tentou fazer gracinhas à sua maneira pessoal, ganhando uma acusação de bebedeira grossa, que lhe valeu seis meses de prisão. Já lhe acontecera de ter sido livrado das mãos de um marido irritado, depois de, ao que se dizia, dirigir gracejos à sua esposa, numa festa realizada em Hollywood, em julho do ano passado. Como era a primeira vez que se via diante da justiça, a acusação por ingestão exagerada de bebida foi



Embora Joan Bennett a tenha cumulado de coisas proporcionadas pela fortuna, durante a infância de sua filha, Melinda Markey, esta tentou suicidar-se, depois de uma briga conjugal.

O filho do ator Edward G. Robinson teve tôdas as «vantagens», que seu pai podia proporcionar-lhe na infância. Foi prêso por causa de acusações muito sérias.



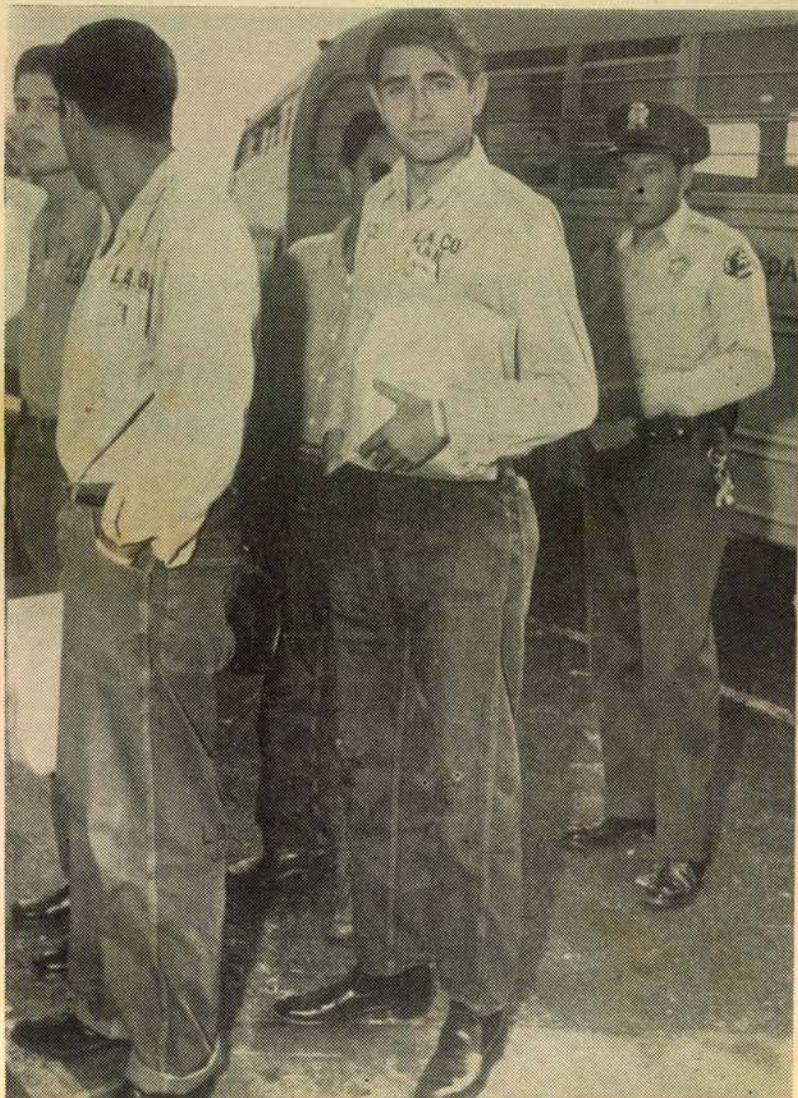
Onde se conta porque uma herança de sucessos se transforma, muitas vêzes, num passaporte para a ruína.

cancelada. Entretanto, em janeiro de 1958, êle foi detido quando guiava seu automóvel, em velocidade excessiva e avançando todos os sinais, e nessa ocasião, o teste ao qual foi submetido revelou um alto grau de etilização.

— Estive num milhão de festas, bebi um milhão de drinks, dei um milhão de gargalhadas — informou êle à polícia de Los Angeles.

Também os problemas conjugais e de alcoolismo de John Barrymore Júnior e Diana Barrymore — talentosos herdeiros de uma das maiores figuras do cinema e do teatro mundiais — têm sido repetidamente comentados. E é bem digno de menção o fato de Diana ter feito uma análise da sua personalidade a partir do próprio título da sua autobiografia: «Too Much, Too Soon» (que, traduzido livremente quer dizer «Muita Coisa, Cedo Demais»).

Alguns meses depois, o ator



Quando a Fortuna é Mãe do Infortúnio

John Buckmaster, filho de Gladys Cooper, foi mandado para o Hospital Bellevue, em Nova Iorque, para um período de observação, após ter sido apanhado em flagrante quando procurava abraçar senhoras que passavam pela esquina da Rua 67 com a Avenida Madison. Quase à mesma época, a bela Melinda Markey, de 21 anos, filha da atriz Joan Bennett e do diretor Gene Markey, foi levada para o mesmo hospital, depois de ter tomado uma dose exagerada de pilulas suporíferas, em consequência de uma briga com o astro da televisão Donald Hayden, seu marido.

Edward G. Robinson Júnior passou pelo mesmo caminho, culminando uma longa série de prisões por embriaguez, entremeadas com assaltos à mão armada e emissão de cheques sem fundos. Tal como Melinda Markey, o rapaz teve o cuidado de prevenir alguém da sua intenção suicida, e só por isso foi salvo da morte, graças à pronta intervenção da medicina.

Mais recentemente, a jovem Barbara Burns, de 19 anos, filha do falecido Bob Burns, que lhe deixara uma fortuna avaliada em um milhão de dólares — fortuna que, de resto, fôra quase

tôda dissipada no jogo — foi presa por ingerir drogas e enviada para um sanatório.

E não pode ser esquecido o caso da garôta Cheryl Christine Crane, filha de Lana Turner e do ex-astro de cinema Stephen Crane, seu segundo marido. Há quase dois anos, ela fugiu de uma escola particular, perto de Hollywood e a polícia a levou para junto de sua mãe. Desfeita em lágrimas, Lana abraçou a filha, perguntando:

— Por que você fez isso, filhinha ?

Como única resposta, Cheryl afirmou:

— Eu odeio tudo isso ! A escola e tudo mais !

O incidente ficou esquecido até que, faz pouco tempo, a mesma jovem assassinou o «gangster» Johnny Stompanato, em circunstâncias que certamente ainda estarão na memória de todos.

«Quase todos os filhos das personalidades famosas sofrem de sentimentos de desajustamento — explica um psicólogo famoso — Enquanto ainda estão na infância, sentem-se orgulhosos de seus pais, vivendo um pouco à custa da sua glória, sentindo-se como seres diferentes, entre os companheiros de folguedos. Acontece que, recebendo um nome já am-

plamente conhecido, eles ficam, ao crescer, preocupados com a possibilidade de não conseguirem manter a fama de seus pais. Observações impensadas a respeito da incapacidade de o rapaz repetir os feitos brilhantes de seu pai ou de a garôta não chegar a ser tão bonita como sua mãe são suficientes para provocar aquelas atitudes».

O Dr. Mandel Sherman, da Universidade de Chicago, descreveu gráficamente o mal que pode sofrer uma criança, obrigada a ser um sucesso e a «igualar-se a alguém», por causa dos sucessos alcançados por seus pais.

— De tudo isso — afirma o Dr. Sherman — o resultado é uma tragédia, tal qual a do poema «Excelsior». Despido de encanto poético, o jovem herói daquela triste aventura é apenas um indivíduo comum que, tendo pensado em ser «alguém», acha que levar uma bandeira até o pico mais alto dos Alpes, com o perigo de morrer enregelado, é uma grande idéia. Convencer uma pessoa de que ela deve fazer o que não pode é o mesmo que convencê-la de que não vale nada. Tal pessoa passa a ser um homem inútil, um vagabundo, um criminoso, um briguento, conforme o seu temperamento. Se o



Diana Barrymore, filha de John Barrymore tem o gesto e o sorriso de quem bebeu muito, nesta foto tomada após uma das suas bebedeiras, descritas em seu livro.



— Continuação

complexo de culpa e de fracasso é maior acontece, de sua mente, abandonando o mundo impossível que havia criado, cair nos abismos da loucura. De um modo geral, tudo isso tem início na infância.

Ao passo que a pobreza é considerada, em muitos livros, como uma edificadora de caracteres, a riqueza dos pais pode resultar suprema infelicidade, para os filhos. E' o que afirmam os peritos na matéria.

O velho Edward G. Robinson, multimilionário há muitos anos, costumava dar 70 dólares por semana ao seu filho, simplesmente para que ele os gastasse, quando o melhor que poderia fazer era pagar-lhe dois dólares a cada sábado, desde que o garoto trabalhasse na limpeza do jardim. Isso talvez explique as seguintes palavras de Robinson Júnior:

— Havia muito tempo que eu estava sentido com meus pais. Fiz o que pude para ver se não os odiava, mas a verdade é que só podíamos estar juntos quando acontecia comigo alguma coisa desagradável.

(Conclui na pag. 88)



Fotografado quando dormia, inteiramente embriagado, Charles Chaplin Jr., filho do famoso comediante, junta-se aos muitos herdeiros da fortuna que percorreram o caminho do infortúnio.



Conduzida por uma guarda da prisão onde esteve recolhida, após o assassinio de Johnny Stompanato, Cheryl Christine Crane, filha de Lana Turner, é a própria imagem da desventura.

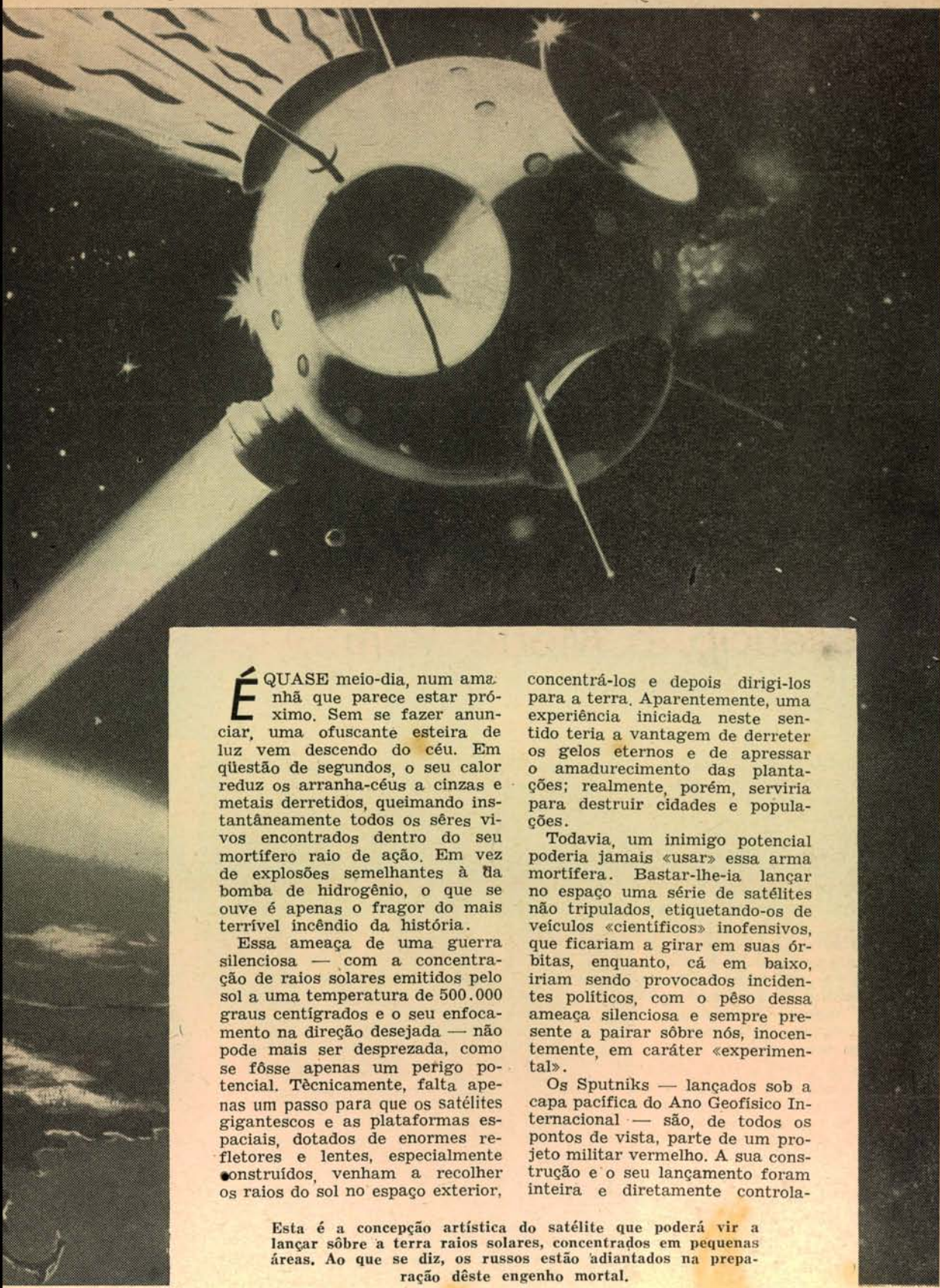


Em Silêncio, a Morte Vem do Sol

Os raios solares poderão ser a arma
de uma próxima guerra.

Texto de James H. Winchester





É QUASE meio-dia, num amanhã que parece estar próximo. Sem se fazer anunciar, uma ofuscante esteira de luz vem descendo do céu. Em questão de segundos, o seu calor reduz os arranha-céus a cinzas e metais derretidos, queimando instantaneamente todos os seres vivos encontrados dentro do seu mortífero raio de ação. Em vez de explosões semelhantes à bomba de hidrogênio, o que se ouve é apenas o fragor do mais terrível incêndio da história.

Essa ameaça de uma guerra silenciosa — com a concentração de raios solares emitidos pelo sol a uma temperatura de 500.000 graus centígrados e o seu enfocamento na direção desejada — não pode mais ser desprezada, como se fôsse apenas um perigo potencial. Tecnicamente, falta apenas um passo para que os satélites gigantescos e as plataformas espaciais, dotados de enormes refletores e lentes, especialmente construídos, venham a recolher os raios do sol no espaço exterior,

concentrá-los e depois dirigi-los para a terra. Aparentemente, uma experiência iniciada neste sentido teria a vantagem de derreter os gelos eternos e de apressar o amadurecimento das plantações; realmente, porém, serviria para destruir cidades e populações.

Todavia, um inimigo potencial poderia jamais «usar» essa arma mortífera. Bastar-lhe-ia lançar no espaço uma série de satélites não tripulados, etiquetando-os de veículos «científicos» inofensivos, que ficariam a girar em suas órbitas, enquanto, cá em baixo, iriam sendo provocados incidentes políticos, com o peso dessa ameaça silenciosa e sempre presente a pairar sobre nós, inocentemente, em caráter «experimental».

Os Sputniks — lançados sob a capa pacífica do Ano Geofísico Internacional — são, de todos os pontos de vista, parte de um projeto militar vermelho. A sua construção e o seu lançamento foram inteira e diretamente controla-

Esta é a concepção artística do satélite que poderá vir a lançar sobre a terra raios solares, concentrados em pequenas áreas. Ao que se diz, os russos estão adiantados na preparação deste engenho mortal.



Berlim, 1945: a bandeira russa tremula sôbre a cidade. A foto foi feita por ocasião da derrota germânica, quando os russos capturaram os homens e os planos relacionados com a construção de projéteis teleguiados. (Foto I.N.P.)

Em Silêncio, a Morte Vem...

Continuação

O calor dos raios de sol, concentrados sôbre determinada área derreteria os arranha-céus e exterminaria os homens, em questão de segundos.



dos pelo Ministério da Defesa Soviético. Os próprios russos exaltam o seu valor militar e deitam falação acêrca do próximo satélite comunista — um atento observador, dotado de câmaras de televisão, a vigiar constantemente o que se passa no mundo.

Julgando que os vermelhos são realmente capazes de construir tal satélite — por terem dominado tôdas as técnicas de controle de foco — não há razão para não acreditar que possam valer-se dos mesmos conhecimentos para captar, concentrar e redirigir os raios solares.

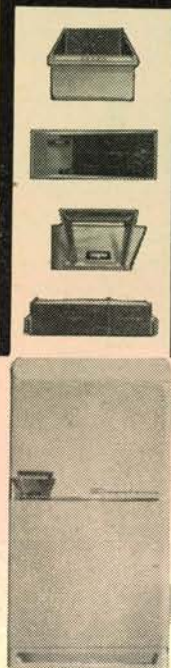
Ninguém se atreve a tocar oficialmente nesse assunto, mas é fato indiscutível que essa perigosa ameaça de morte silenciosa está para ser efetivada, mais cedo do que se imagina.

Em Peenemunde, base alemã do Mar Báltico, os pioneiros germânicos do espaço, durante a última guerra, já haviam traçado um esboço dêsse terrível exterminador de vidas. Naquela época, imaginavam a possível construção de gigantescos espelhos pla-

(Conclui na pag. 88)



DA
EXPERIÊNCIA
DO
PASSADO ...
OS
REFRIGERADORES
DO
FUTURO !



FRIGIDAIRE

FUTURAMA

58

A MAIOR E MAIS MODERNA LINHA DE
REFRIGERADORES JAMAIS LANÇADA NO BRASIL!

6 modelos à sua escolha, com novo estilo de linhas e luxuoso acabamento interno! — Maçaneta bellissima, cromada e dourada — Caixas especiais para manteiga e queijo — Amplos congeladores, verticais ou horizontais — Maior espaço interno, com excelente aproveitamento da porta — Revestimento interno em porcelana a cores — cores diferentes em cada modelo

Produto da

GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.



AS TAIS

RAZÕES DO CORAÇÃO

Conto de Sandro Pereira Rebel

JUAREZ era um rapaz estranho. Naquela manhã ensolarada de domingo permanecia em casa, inativo, tristemente engavetado dentro de si mesmo. Comprazia-se em ler, embora sabendo que seu pensamento criava asas e se despegava a todo instante das folhas do livro, para ir pousar, ansioso e irrequieto, ao lado do telefone. Seus ouvidos brigavam com os olhos, tornando impossível a leitura, e, para essa discórdia entre os órgãos, contribuía decisivamente um terceiro: o coração.

O telefone, afinal, tilintou. Livro jogado às pressas por sobre a cama e Juarez descendo, em fração de segundo, os dezessete degraus da pensão onde morava.

Será desnecessário dizer-lhe que a voz do outro lado era feminina:

— Juarez?

— Sim.

— ...

— Pois bem. Mas querida...

— ...

— Eu explico. Escute.

— ...

— Marta. Alô... alô...

Fim.

Juarez ainda tentou o recurso que lhe impunha o coração ferido. Discou para ela. Inútil. Linha ocupada. Não. Certamente deixara o fone fora do gancho. Insistiu repetidas vezes sem melhor resultado. Voltou para o quarto. O sol era radiante de luz lá fora, mas não o bastante para iluminar o seu cérebro atordoado. Corpo e alma se jogaram na cama e ele, olhos fitos no teto, procurou, nervoso, um cigarro. Nada neste mundo dispersa tantos segredos quanto as baforadas de um cigarro...

Peçamos permissão ao rapaz — pois sem o

seu consentimento não me será possível continuar esta narrativa — para mergulharmos nos abismos de seu coração, com escala no cérebro, e de lá, de onde os pensamentos tomam forma, extrairmos as explicações para tudo isso.

Entremos. Tudo escuro e muito confuso. Um amontoado de idéias fixas dificulta-nos a tarefa. Ah! sim. Ali. Um fecho de luz! Um nome: Marta. Ora, já o sabíamos... Agora lá mais no fundo, várias cicatrizes. De amor, com certeza. Mais adiante, uma ferida aberta, sangrando de sangria recente. Essa sim, interessa-nos. Auscultemo-la. Ela nos fala de um amor, de uma felicidade perdida, de uma ingratidão. Eis a história que ela nos conta...

Juarez conhecera, há cerca de cinco meses, uma mocinha de olhos da cor da tentação, cativante pela sua vivacidade e simpatia. Não era tão bonita que merecesse versos esparramados. Mas ele — poeta de teimosia — dedicara-lhe alguns. Ela aceitou-os e o namôro começou.

A princípio, naquela fase em que, como nos jogos de futebol, os adversários se estudam, também ele e ela se mantinham reservados, guardando distância, cerimoniosos e apreensivos de pisarem no amor. Mas, ambos já o sentiam. Não se convenciavam, porém, de que, dessa vez, Cupido os flechara em cheio. Um e outro, embora novos — ele com 24, ela com 20 anos — já haviam experimentado algumas decepções no trato com o amor e temiam da parte dele mais uma aventura enganosa. Ele, principalmente, era de temperamento um tanto esquisito e misterioso. Facilmente se afeiçoava a alguém — tal já acontecera em oportunidades anteriores — mas, com o correr dos tempos, essa afeição repentina, sustentada com a lealdade que pressupõe o verdadeiro amor, ia-se amofinando inexplicavelmente, como rosas que se despetalassem

A conversa vai-se encaminhando para um terreno muito íntimo, aquele onde os corações se empolgam e se tornam demagogos.

prenhes de vigor e beleza. Não entrava nesse arrefecimento a menor intenção maldosa, mas, por estranho designio, mais cedo ou mais tarde, o esfriamento sempre chegava. Ela, Marta, por seu lado, ainda que em proporções menores, também já enfrentara problemas dessa natureza. Também a ela o coração já pregara algumas peças, envolvendo-a com melindrosas dúvidas.

Com base nesses fatos passados, Juarez e Marta se tratavam receosos. Assim como quem enfia a linha na agulha e a linha sai pelo outro lado, também eles não acreditavam na extensão das linhas que tinham. Mas, como ninguém pode fugir de si próprio, acabaram por confessar seus múltiplos sentimentos:

— Eu tenho certeza de que o amo!

— E eu tenho certeza de que também a adoro!

E grifavam a palavra certeza, como que para afugentarem seus temores íntimos.

Dois, três meses se passaram, e ambos exultavam com o tão esperado amadurecimento de seus corações. Ela, para as colegas confidenciava convicta:

— Estou finalmente apaixonada. Que bom!

E ele, no mesmo tom de segurança, abria-se com os amigos.

— E'. Desta vez me amarro. Continuavam, porém, maquinalmente, a frisar o finalmente, o desta vez...

Em Juarez, no entanto, nem só na inconstância de seus sentimentos se assentava o fracasso nos amores passados. Tinha causas coadjuvantes, igualmente bem sérias. Possuía ele um gênio intratável, cheio de tiques nervosos e exigências absurdas. Por conta de uma imaginação doentia, de contumaz apaixonado à primeira vista, corriam nele suposições temerosas no tocante ao procedimento passado, presente e futuro da moça. Não se contentava em receber dela amor, dedicação e lealdade. Queria cada vez mais. Torturava-a, e a si mesmo, pedindo da pobrezinha relatórios completos, fartos de minúcias delicadas e muito particulares, sobre tudo que com ela se passara, estava se passando e poderia vir a se passar. Descia, em suas indagações, a detalhes suscetíveis de ferir a sensibilidade feminina.

Para fundamentação dessas suas exigências, Juarez agarrava-se aos atributos que lhe tinham de ser reconhecidos. Também ele era amoroso, dedicado e leal, e por isso arrogava-se o

direito de pretender da moça tantos esclarecimentos. E é bem verdade que tais qualidades, nele, não admitiam contestação. Dedicava, realmente, àquela a quem locasse seu coração o melhor de seus dias e de sua mocidade. Sacrificava-se ao máximo por atender aos seus caprichos. Aborrecia-se com um deslize mínimo nos seus compromissos. Perturbava-se com o atraso de um minuto nos seus encontros. Preocupava-se com sempre dar mais e mais do seu afeto. Mas, na balança do seu raciocínio, os pesos eram flagrantemente desproporcionais. Em troca do que dava pedia o dôbro.

No caso com Marta, vencidos os primeiros meses necessários à imposição da confiança que ele de fato merecia, e após ultrapassadas as barreiras da timidez respeitosa, Juarez começou a manifestar-se o incorrigível insatisfeito que sempre fôra.

Prefiro a credulidade ao ceticismo e ao cinismo, pois há muito mais promessas no quase nada do que em o nada absoluto. — Ralph Barton Perry.

Apresso-me, para guia do leitor, em afiançar que ela não dava motivos à menor das suas insatisfações. Tinha um comportamento exemplar, difícil de se achar igual, era de uma resignação santa, e aceitava os rompan-tes dele como explosões de um ciúme infundado mas admissível, que o tempo trataria de apagar. Sua resistência, porém, havia de ter um limite. A saturação tinha de chegar um dia. Seria impossível que ela aceitasse, sempre e sempre, tantos: — onde foi? Como foi? Por que foi? Com quem foi? A que horas foi? Com quem voltou? Por onde voltou? A que horas chegou?... Ela respondia a tudo com paciência beneditina. Mas, triste dela se em meio da conversa comentasse inadvertidamente: — «Vi hoje aquele amigo seu, a quem você me apresentou no outro dia». Pronto, Era o bastante. Lá vinham as insinuações malucas: — «Ah, é? Viu-o só uma vez e o reconheceu logo... Estranho. Olhou-o com muita atenção, hein? Cumprimentou-o, naturalmente com um sorriso largo e insinuante, não foi? Ou parou para conversarem um pouco? Certamente. Você é muito simpática, amanhã ele virá dizer-me. E os outros, o que dirão?

Que pensarão de mim? Não sabem que ele é meu amigo. E, se sabem, que importa? Nos contratos de amizade não deve entrar nenhuma cláusula de respeito aos rabos-de-saia...» As reticências maliciosas haviam de corroer a fragilidade de Marta, incapaz de responder à altura. Se se calava, pior. Ele prosseguia: — «E você não diz nada... Confirma. Afinal, quem cala consente. E eu que cheguei a pensar... bem. Deixa. Nem é bom falar.» Se ela retrucava, pior ainda. Ele inflava: — «E ainda quer negar o que você mesma confessou. Isso é até cômico. Para não dizer ridículo».

E as discussões só paravam quando ele esgotava o seu manancial de estupidez. Ela quieta, ele olhando o chão, com ares de infelicidade permanente. Os minutos, as horas se escoavam pesadas e preguiçosas, dentro daquele silêncio de velório. O morto aparente era o amor. No dia seguinte, porém, tudo se acertaria. Ele se desculparia, delicado e protocolar. Ela se conformaria, acreditando ter sido aquela a última vez de seus ciúmes desenfreados. Mas, três ou quatro dias depois, vinha o desengano. As loucuras se repetiam desarrazoadas. Os desatinos temperamentais se renovavam desordenados.

Estaria eu mentindo se lhes dissesse que Juarez se jubilava com tudo isso. Não. Muito pelo contrário, ele sofria terrivelmente por não poder conter aqueles seus impulsos de momento. Quantas e quantas vezes prometeu a si mesmo, com ânimo definitivo, não mais os repetir. A cada desentendimento que provocava, seguia-se nele um estado de revolta interior, de desabafo latente, de angústia prêsa, de desespero mesmo. Mais do que o ciúme incontido doía-lhe o não saber policiar convenientemente as palavras, permitindo que elas se extravasassem numa franqueza exagerada, limítrofe com a brutalidade, cujo campo invadia muitas das vezes.

Parece paradoxal que o mesmo coração que abriga tanto amor, tanto carinho e tanta meiguice, possa se povoar das manifestações tão bruscas que o ciúme provoca. Mas é real. Amor e ciúme formam um casal brigão, de gênios comprovadamente incompatíveis, mas que não se divorcia nunca. Na família dos sentimentos amorosos o ciúme é a ovelha negra. Mas, nem por isso é desprezível. Quando pode manter-se à parte, sustentando-se de si mesmo, sem se intrometer com

os «primos ricos», é, antes, apreciável. Mas, quando se torna oportuno, renitente, ranheta, persistente demais nas relações familiares, faz-se indesejável. Em Juarez outro motivo não lhe podia servir à esquisitices senão o ciúme. Mas era um ciúme incômodo, doentio, que não reconhecia o seu devido lugar na sociedade afetiva e que se insinuava em ambiente que não era o seu. Ele tinha ciúmes do nada, do desconhecido, talvez até da própria sombra.

Procuremos, porém, a causa mais imediata do sofrimento de Juarez naquela manhã ensolarada em que esperava um telefonema. Retrocedamos um dia. Ou melhor, uma noite. Encontramos ele e Marta em mais um de seus arrufos. Ouçamos o que dizem.

Ele, patético:

— Não era preciso mais nada. E você ainda tem a coragem de se desculpar. Muito prático. Faça-se o que quiser, proceda-se como bem entender, contanto que se desculpe depois. Ah! quem me dera as desculpas apagassem os erros...

Ela, humilde:

— Mas, Juarez, que outro recurso me resta? Conto-lhe com lealdade o que se passou. Você, porém deturpando o que de fato aconteceu, faz-me autora do que fui vítima. Não o reconheço, mas outra vez me curvo. Desculpe-me. Que quer mais?

— Ah! que mais posso querer? Você é que pergunta... E' o cúmulo da levandade! Eu já sabia: aí estão de exemplos os seus casos passados. Namoros alimentados com tanta insistência — o que, naturalmente, faz pensar em carinhos, beijos e o Demônio sabe mais o quê — não bastaram para satisfazer à sua volúpia de amar, ao seu desejo insaciável de ser sempre cortejada, galanteada e invejada. Não. A ordem era amar. Amar sempre e cada vez mais, sem imaginar que, quando aparecesse o verdadeiro amor, os que passaram seriam impecilhos. Eis no que deu. Aí estão bem vivas, gritantes e arrogantes, as marcas da mocinha namoradeira que você foi.

— Juarez, é demais! Que amor verdadeiro é esse? Amor que maltrata, que escraviza, que faz da honra da mulher amada um brinco de papel, que amassa e deforma. Isso é amor?

— E' paixão.

— Querido pelo amor de Deus. Acabemos com isso.

— E eu?

— Que tem você?

— Como fico?

— Como há de ficar? Não há nada que lhe mude a posição. Não houve nada de sério. Antes não lhe contasse. Conte-lhe fiel ao meu propósito de fazê-lo ciente de tudo que me diz respeito. O rapaz me seguiu sim. Mas a distância. Percebi-o...

— Por que o olhou.

— Não. Vi-o apenas.

— E quem vê sem olhar?

— Não sei. Mas foi isso. Percebi-o e tomei outro rumo.

— Um onde houvesse menos gente e menos movimento, não foi?

— Não. Entrei numa loja, a mais movimentada, para perder-me no meio da multidão. Tudo inútil. O homenzinho, à saída, lá estava. Apreseí o passo em direção do ônibus. Ele foi mais rápido e...

— Ah! ele foi mais rápido... Engraçado...

— ... e pôs-se na minha frente...

— E você não chamou a polícia?

— ... perguntando se podia falar comigo. Nada respondi. Sabia que, para você, qualquer que fosse a minha resposta, ainda que o não mais violento e definitivo, seria dar conversa. Mas, nada disse. Tomei o ônibus. Ele ficou. Foi só.

— Que pena, hein? Você atrai os olhares de um homem, se rebola à frente dele, insinua adeção tomando outros rumos, esbarra-se com ele, não toma nenhuma atitude, e, no fim, ainda me diz: foi só! E' incrível!

Seria enfadonho estar eu aqui repetindo os discursos de Juarez, todos eles derivados de uma baixa adjetivação. As leitoras, que não o amam e que, por isso, não têm a mesma paciência fleumática de Marta, fechariam a revista, revoltadas, chamando-me de mentiroso. Dou-lhes, pois, tão somente, o epílogo: as discussões agravaram-se a tal ponto que Marta não mais se conteve. Decidiu-se, enfim, pelo ponto final. Foi uma decisão muda, apenas simbólica. Deixou-o e entrou em casa. Ele, como se não entendesse nada, ousou ainda balbuciar a última esperança:

— Telefone-me amanhã.

—oOo—

Voltamos àquele quarto de pensão. O ambiente é o mesmo. Juarez estirado na cama, impassível, abstrato, o olhar perdido nas bafuradas do cigarro. O cigarro sim, mudou. Conto, de relance, no cinzeiro, umas dez pontas nervosamente amassadas. O de agora, meticulosamente tragado, re-

(Conclui na pag. 96)

CONCURSO DE CONTOS

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — E' permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

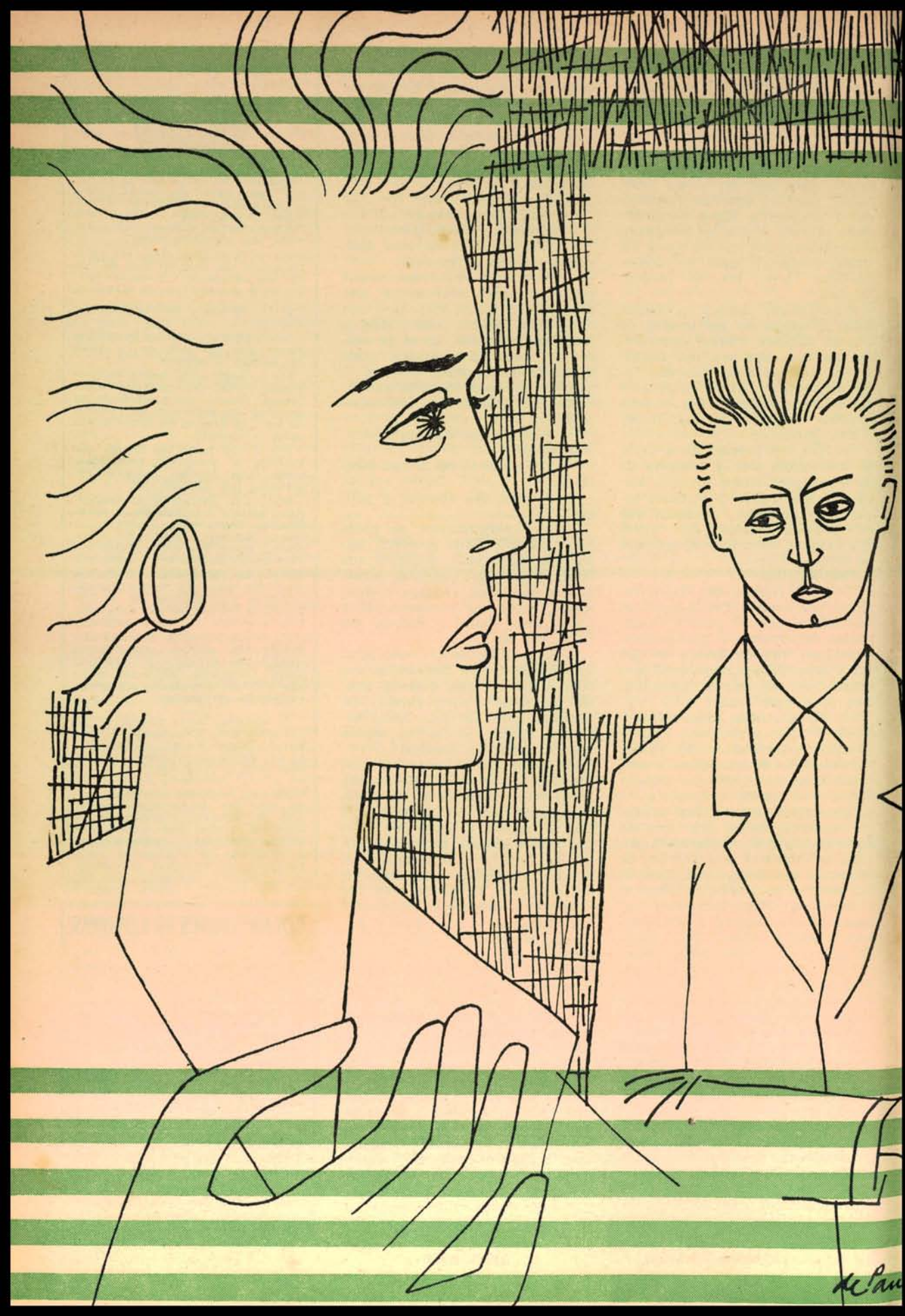
COLABORAÇÕES DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 1ª quinzena de agosto e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS — "Flôres Para o Tonico" de Maria Thereza Mello Soares; "O Louco", de Doralice de Oliveira.

POESIAS — "Um Cemitério ao Luar" e "Trova de Luiz Otávio".

CRÔNICAS — "Nossa Liberdade", "Quantas Vêzes Fui..." e "Diante de Uma Estante", de Wanda de Almeida Prado.



MINHA APOSTA COM UM DON JUAN

Jacqueline Bréjat

Conto de Sandro Pereira Rebel

— AGORA vou-me deitar — disse ela levantando-se e puxando, com um movimento rápido a aba da jaqueta do seu costume.

— Que! — exclamou Sérgio, admirado. — Já? E' apenas uma hora da madrugada!

— Hora em que as pessoas de bem estão dormindo desde muito tempo — disse ela, num tom falsamente sério.

— Mas, vejamos, Lúcia, nem você, nem eu, somos pessoas de bem — respondeu ele rindo. — Você é antiquária, eu sou escritor e nossa profissão consiste, para você em vender, para mim (e é a mesma coisa) em contar histórias. Portanto, não somos gente séria e vamos tomar ainda um copo.

Quis obrigá-la a tornar a sentar-se. Ela recusou. Então, pôs ele suas duas mãos sobre as espáduas da jovem mulher e avançou o rosto para beijá-la. Ela acenou a cabeça e recuou um passo, empurrando-o de leve.

— Vejamos, Lúcia, não se faça de criança, não seja coquete — murmurou ele. — Você sabe bem que eu a...

— Psiu! — interrompeu-o. — Cale-se, vai mentir. E sobretudo não assumo esse ar infeliz que lhe fica tão mal. Tome a cara furiosa que terá daqui a pouco, quando eu tiver partido e você a descobrir no espelho do banheiro ao escovar os dentes.

— Você é cruel — disse ele. — Mas não, Sérgio, conheço-o, eis tudo.

Ele deixou-se cair sobre o divã. Cruzou os braços e perguntou, com voz ligeiramente irritada:

— Você me conhece? Pois bem, fale! Escuto-a.

Ela sentou-se no braço da poltrona, cruzou as pernas e depois de ter acendido um cigarro que tirou dum estôjo de laca preta colocado em cima de uma mesa baixa, disse, fitando diretamente o homem:

— Quer saber?

— Sim.

— Pois bem, meu caro, você é o que se chama um Don Juan, nada mais.

— E pode-se saber o que é um Don Juan? — perguntou ele.

— Ela tem razão. Não sou um homem, mas um velho adolescente que procura a qualquer preço prolongar — graças às mulheres e contra elas — a sua juventude.

— De certo — respondeu ela, como um professor que se prepara para dar uma aula. — Um Don Juan é um homem de 35 a 45 anos, elegante, bastante bonito, sim, bastante bonito, mas não muito, o quanto basta, possuindo uma cultura que sabe tornar amável, exercendo uma profissão que lhe deixa lazeres. Esses lazeres empregam-se em seduzir mulheres e, em geral, estas não resistem, nem às suas falas superficiais, nem às suas tópicas um pouco grisalhas. Para dizer tudo, ficam fascinadas por essa mistura de velho adolescente e de homem já gasto pela vida que, na minha opinião, constitui o Don Juan. Depois de terem cedido, são gentilmente abandonadas. Que se sintam infelizes ou simplesmente tristes, que fiquem furiosas ou simplesmente desiludidas, pouco importa ao Don Juan que, tranqüilamente, acrescenta nova vítima a seu quadro de caça...

— E eu sou tudo isso? — perguntou Sérgio.

— Tem a coragem de dizer que não? — respondeu Lúcia, sorrindo. — Você não me ama... Para você, sou um número de telefone, um encontro no seu caderninho de notas, uma bela moça a quem você sonha enviar flores um dia e um cartão de visita para lhe comunicar que está desolado, mas que parte de viagem. — Não fique zangado, Sérgio. Vamos, mostre-se antes um bom jogador: comigo você perdeu. Como você não me ama, da mesma forma que eu não o amo, tudo isso não tem importância...

Ele tossiu ligeiramente, como para clarear a garganta, e perguntou:

— Você só não me ama, mas me despreza um pouco, não é?

— Eu não o amo, é tudo.

— Muito bem — disse ele e, de novo, desprezado e irônico, acrescentou:

— Bravo, Lúcia, e já que acabamos de jogar o jogo da verdade, você tem razão: eu não a amo também. E agora, deixe-me ficar furioso, enquanto você ficará muito satisfeita por ter resistido vitoriosamente ao indivíduo que sou.

Ajudou-a a vestir a capa, acompanhando-a até o patamar e ouviu o rumor de seus passos ir decrescendo na escada. Fechada a porta, voltou a sentar-se no divã. Com grande espanto seu, a predição de Lúcia não se realizava. Não estava furioso, mas triste, duma tristeza surda, duma tristeza tímida e que se pro-

curava a si mesma como se não tivesse o hábito de ser sua hospede.

— Ela não me ama e eu não a amo — disse em voz alta.

Pôs-se a rir, mas sua risada interrompeu-se de repente. Pensava na descrição que dele fizera a jovem mulher: «Ela tem razão. Não sou um homem, mas um velho adolescente que procura a qualquer preço prolongar — graças às mulheres e contra elas — a sua juventude. Mas que é preciso fazer para ser um homem? Amar uma mulher?»

Com as mãos por trás da nuca, estendido no divã, sonhou por muito tempo, contemplando as molduras do fôro.

De volta à casa, Lúcia, no mesmo momento, também sonhava, de olhos abertos na escuridão de seu quarto. A predição de Sérgio não se realizava: não estava «muito satisfeita». «Não cedi a ele e tive razão», repetia a si mesma. «E' um Don Juan e não se pode amar um homem que não nos ama. E a quem não se ama». Tarde da noite conseguiu por fim adormecer.

No dia seguinte, apareceu Sérgio na loja onde Lúcia fazia as fichas de objetos recentemente comprados por ela.

— Passava por acaso — disse

êle — e vim dar-lhe bom-dia.

Instalou-se numa confortável poltrona Voltaire.

— Incomodo-a?

— Absolutamente. Pelo contrário — mentiu Lúcia.

Nem um nem outro falaram de seu encontro e de sua conversa da noite anterior: tagarelaram a respeito detudo e de nada. Objetos, quadros, livros, espetáculos. Foram três vezes interrompidos pela entrada de fregueses às perguntas dos quais respondeu Lúcia com alguma impaciência, como se tivesse pressa de que se retirassem no menor prazo possível.

Ficou Sérgio tão encantado com as duas horas passadas na loja que pediu permissão para voltar. E foi assim que suas visitas se tornaram quase cotidianas. Entrava, instalava-se na poltrona Voltaire e, como se estivesse estendido no divã de um psicanalista, deixava-se ir. Dia após dia, abandonou o tom leviano que, no começo, fôra o seu.

Agora falava de si, revelava seus mais secretos pensamentos, desenrolava diante de Lúcia o novêlo de suas ambições, de suas vitórias, de suas derrotas, de seus sonhos mais ocultos. Por vezes, Lúcia brincava com êle:

— E como vão seus amôres, Don Juan?

De súbito, obrigava-o a entrar na pele de seu personagem:

— Meu amôres? Ah! sim, de fato, como vão meus amôres? Pois bem, imagine, Lúcia, que sou vítima de minha reputação. Tenho amôres, mas não amor. Todas as mulheres me amam, mas nenhuma mulher me ama.

Num outro dia, disse-lhe, enquanto fazia girar entre os dedos uma tabaqueira de prata que se encontrava ao alcance de sua mão:

— Meu drama está nisso, Lúcia: sou prisioneiro de meu personagem. Nenhuma mulher crê que eu possa amar. Tudo me acusa: as opiniões que emiti, as aventuras que tive, o fato de não estar casado aos quarenta anos. Estou na situação de um ladrão arrependido que pedisse um lugar de caixa. Dez vezes solicita, dez vezes, vistos seus antecedentes, recusam-lho. Então continua a roubar.

— E se o acreditassem sob palavra? — perguntou ela.

— Talvez viesse a ser um caixa modelo — respondeu êle.

— Mas como saber que está êle verdadeiramente arrependido?

— Eis o grande problema —



murmurou Sérgio. — E' que nem éle mesmo sabe de nada. Creio eu que, em primeiro lugar, é de confiança que éle tem necessidade. A honestidade viria em seguida.

Lúcia não respondeu. Habituar-se àquelas visitas e agora, quando Sérgio ficava dois ou três dias sem a ver, quase o repreendia docemente:

— Seu psicanalista esperou-o ontem o dia inteiro — dizia ela.

— Desculpe-me, doutor — respondia éle, rindo.

De fato, os laços que se tinham criado entre Sérgio e a moça não deixavam de lembrar os que acabam por ligar o psicanalista e seu cliente. De confissão em confissão, Sérgio se libertava suas preocupações e de seus temores.

— Veja você, Lúcia, ir duma mulher à outra traduz também uma angústia. Havia na minha procura algo de desesperado. Talvez o medo de não poder ser amado por ninguém. Em vez de enfrentar minha incapacidade de ser amado, mudava de mulher.

— Mudava de mulher? — perguntou ela, com uma voz em que se denunciava certa inquietude. E agora não muda mais?

— Não — respondeu éle. — Agora sou fiel.

— E pode-se saber o nome da santa que o converteu?

— Ainda não. Mas juro-lhe que lhe apresentarei dentro em breve, a você a quem tudo devo. Em seguida, minha intenção é casar-me dentro de três meses.

Naquela noite, Lúcia não tocou na comida de seu jantar. A imagem de Sérgio perseguia-a.

— Fui bem sucedida demais — pensava ela. — Salvei Don Juan de si mesmo para que éle ame outra no momento em que eu me apaixonei por éle. A ironia da situação era tal que ela se sentia partilhada entre o riso nervoso e as lágrimas. «Teria sido sua derradeira vítima», disse a si mesma, tentando em vão libertar-se do ciúme que a devorava.

— Sérgio, quando me apresentará sua futura esposa? — perguntou um dia, pela décima vez.

— Faz deveras questão disso?

— Quero-o absolutamente! — respondeu ela.

— Pois bem, assim seja, lanço-me à água. Quando você quiser. Quer, por exemplo, domingo próximo?

— Combinado.

— Estaremos em sua casa aí pelas sete horas. De acôrdo?

— De acôrdo.

— No dia seguinte — disse

Sérgio, tirando do bôlso duas cadernetinhas — parto com ela para a Itália e nos casaremos ao regressar. Já era tempo que a apresentasse a você. Veja, já comprei as passagens de avião.

Irradiava de felicidade e inconsciência. Dir-se-ia que não havia percebido a palidez mortal que invadira o rosto de Lúcia.

Chegou o domingo. O dia inteiro, foi Lúcia incapaz de pensar ou de fazer o que quer que fôsse. Girava pelo seu apartamento e a fim de não trair a sua emoção, aprendera de cor as frases de circunstância que tinha a intenção de empregar para felicitar Sérgio e sua noiva.

As sete horas, quando retiniu a campainha elétrica, saltou como se tivesse sido picada por uma serpente. Suas mãos tremiam tão fortemente e sua garganta tinha tamanho nó quando se dirigiu para a porta, que foi obrigada a esperar um pouco a fim de recuperar sua calma. A campainha retiniu uma segunda vez. Então, depois de ter puxado as abas da jaqueta do seu costume, corajosamente, com um sorriso de encomenda nos lábios, abriu.

E deu um passo para trás, enquanto seus olhos se escancaravam.

Éle pousou um dedo sobre os lábios e disse: «Psiu!» Havia no salão um alto espelho pendurado na parede, um alto espelho do século XVIII, em cuja moldura amôres trançavam grinaldas. Sérgio, sempre sem dizer palavra, pegou a mão de Lúcia, que se deixava conduzir como um automóvel, e levou-a à frente do espelho.

— Lúcia — disse-lhe, com uma voz surda, mostrando o reflexo com o dedo — apresento-lhe a mulher que amo. Que pensa você? Depende de você que ela saia dêsse espelho e se torne minha esposa.

Petrificada, a moça não podia desviar a vista de sua própria imagem. Ouvia a voz que lhe dizia às suas costas:

— Apostei, Lúcia, e é agora que ganho ou perco. No momento, somos três: o reflexo, você e eu. Quer que sejamos dois e para sempre?

Duas mãos se pousaram sobre os ombros de Lúcia. Ela se afastou do espelho, olhou o homem bem dentro dos olhos:

— Quero, sim, partir para a Itália amanhã — disse ela, oferecendo seu rosto. — Você ganhou sua aposta.

— Nós ganhamos — corrigiu éle, antes de beijá-la.

Póx

resolve
os problemas
da lavagem
da sua roupa

O BANHO DE BELEZA DA SUA ROUPA
LAVAR SEM TRABALHAR
CONSERVA A ROUPA
NÃO CONTEM CLORO
ALVEJA A TÊXTELA NA SOMBRA
REAVIVA AS CORES
LEVA O SOL DENTRO DO PACOTE
PARA TECIDOS FINOS DE LÃ
PARA FRALDAS DE BEBÊS
PARA ROUPAS DE LÃ
PARA LINGERIE FINA
ENGOMAGEM MACIA
UMA APLICAÇÃO PARA VÁRIAS LAVAGENS
ALVEJA AO NATURAL
ABSOLUTAMENTE INOFENSIVO
EFEITO ACUMULATIVO
POX JÁ CONTEM POXYL

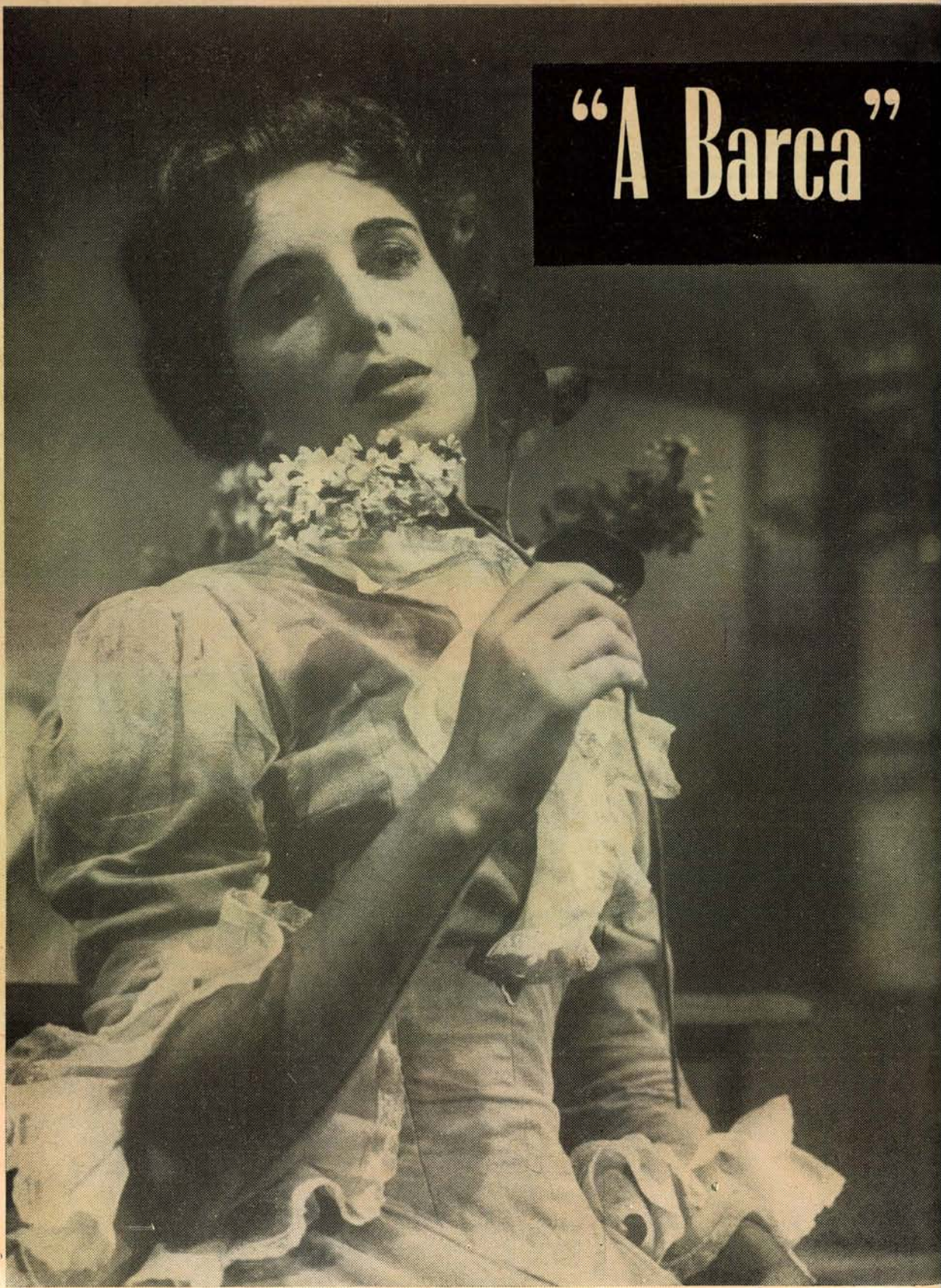
Pox
LAVAR SEM TRABALHAR
CONSERVA A ROUPA BRANQUEIA SEM SOL REAVIVA AS CORES
Não contém cloro

Pox Pluma
PARA SEDAS, LÃS
LINGERIE FINA
TECIDOS DE NYLON
FRALDAS DE CRIANÇAS

Goma Pox
GOMA PERMANENTE PARA ROUPA
Indicada para o engomado de tecidos de algodão, linho, seda, etc. em qualquer temperatura de lavagem. Conserva o tom.

POXYL
ALVEJANTE PARA ROUPA

“A Barca”



vai longe

No ano vindouro, a primeira
promoção de atores na
Escola de Teatro da Universidade
da Bahia.

OLGA OBRY

BAHIA-DE-TODOS-OS-SANTOS, Bahia-de-Tôdas-as-Ciências, Bahia-de-Tôdas-as-Artes: a mais antiga e tradicional das cidades brasileiras, aquela que possui a mais antiga e a mais nova universidade do Brasil (a Universidade da Bahia existe, de fato, desde há quatro séculos, porém só foi oficialmente reconhecida há doze anos atrás, em 1946), possui também a primeira Escola de Teatro que dá ao ator uma formação de nível universitário. Está terminando seu segundo ano de atividades e, já que o curso completo é de três anos, é no ano vindouro que se dará a primeira promoção de atores, alunos desta escola modelar, que muitos países de antiga cultura teatral poderiam nos invejar.

A sede provisória da Escola de Teatro é no Bairro do Canela, perto da Reitoria da Universidade, perto do Teatro Carlos Alves, cujo palco imenso, cuja platéia de acústica perfeita parecem esperar que esta nova geração de atores, cenógrafos e diretores venham aproveitá-las. A Cidade Universitária da Bahia está cres-

cendo num ritmo vertiginoso, muitos edifícios já estão acabados, e o que abrigará a Escola deve ficar pronto daqui a dois anos, mais ou menos. Por enquanto a Escola funciona no antigo solar de Sto. Antônio, onde dispõe de várias salas de aulas, bonito teatro de quase trezentos lugares, aposentos para os professores do Corpo Docente e quarto de hóspede para aqueles que vêm ministrar cursos livres, intensivos, abertos ao público; carpintaria para construção de cenários, cantina para professores e alunos e lindo jardim com área cimentada para espetáculos ao ar livre.

Quem teve ensejo de conviver com os professores e alunos nesse ambiente de trabalho, franca camaradagem, dedicação aos estudos, paixão pela arte dramática (como esta cronista, que foi convidada a ministrar na Escola um Curso Livre de Teatro de Figuras) nunca há de esquecê-lo. Quem não possui ou quem perdeu a fé no teatro como foco de atividades culturais, seminário de conhecimentos humanísticos, deveria ir colhê-la nessa fonte pura. Esse ambiente é obra do Rei-

tor da Universidade de Bahia, Dr. Edgar Santos, e do Diretor da Escola de Teatro, Martin Gonçalves, homem de teatro completo que iniciou sua carreira como cenógrafo e fez estudos na Inglaterra e na França. Seus colaboradores, desde a primeira hora da fundação da Escola, são: Ana Edler, professora de dicção, que saiu das fileiras do Teatro do Estudante; Domitilla Amaral, professora de improvisação, paulista que durante vários anos desempenhou papéis de primeiro plano nos palcos parisienses — e deixou Paris para ir trabalhar na Bahia; Antônio Patiño, professor de caracterização e interpretação, já conhecido entre nós como ator talentoso; João Augusto Azevedo, professor de História do Teatro; Gianni Ratto, professor de cenografia e direção de cena; Luciana Petruccelli, professora de História e Confecção do Traje de Teatro; Yanka Rudzka, professora de Dança, que também dirige a Escola de Dança da Universidade da Bahia.

Três vezes por semana, às sextas-feiras, aos sábados e domingos, há espetáculo no Teatro Sto.

←
Ana Edler, no papel de protagonista da «Senhorita Júlia» de Strindberg.

O antigo solar de Sto. Antônio, onde funciona, provisoriamente, a Escola de Teatro da Universidade da Bahia.





Uma aula de dicção da professora Ana Edler.



O espetáculo da «Via Sacra» de Henri Ghéon, levado a efeito pelo grupo «A Barca» no adro da igreja de S. Francisco, na Bahia, lembra a famosa representação de «Jedermann» de Hofmannsthal no Festival de Salzburgo. Os personagens são interpretados por Domitilla Amaral, Nevolanda Amorim, Othon Bastos e Echio Reis.

“A Barca” vai longe *Continuação*

Antônio, anexo à Escola. O ingresso, a convites, é franqueado ao público, e a platéia está sempre à cunha. O grupo de intérpretes que representa no Teatro Sto. Antônio chama-se «A Barca», por ter sido o «Auto da Barca», de Gil Vicente, a primeira peça que levou em cena.

E' uma barca que navega com as velas largas e há de ir longe. Já deu vários espetáculos fora da Escola, ao ar livre ou em áreas improvisadas: no adro da Igreja São Francisco, foi representada, com enorme afluência de espectadores, «A Via Sacra» de Henri Ghéon, traduzida do francês por D. Marcos Barbosa — espetáculo impressionante que lembrava as já famosas representações de «Jedermann» na Praça da Catedral em Salzburgo, durante o Festival, idealizadas por Max Reinhardt; no interior do antigo Seminário de Sta. Tereza — que está sendo transformado em Museu de Arte Sacra — foi levada em cena o belo «Auto da Cananéia» de Gil Vicente.

No próprio teatro, ficou no cartaz durante dois meses, com

casa sempre cheia, uma pegação tão séria e difícil como a «Senhorita Júlia» de Strindberg, numa interpretação alcançando bom nível profissional, que podia ser comparada, sem complexo de inferioridade, com as melhores encenações dos teatros europeus. Atualmente, está no programa «A Almanjarra» de Arthur Azevedo, completada por um original entre-ato, imaginado e escrito pelos alunos do Curso de Formação do Autor e que, de um modo bre-

jeiro e espirituoso, evoca a época em que se desenrola a ação. Na sala da Biblioteca da Escola, há vitrinas, iluminadas por tubos de neon, onde estão expostos os objetos do pequeno museu de teatro: máscaras, figuras do teatro de sombras chinês, programas de teatro etc. A exposição varia com a mudança do cartaz, comentando, cada vez, a época e o estilo da peça que está em foco.

Além da Biblioteca, aberta aos

(Continua na pag. 88)



Ensaio na Escola de Teatro da Universidade da Bahia: os alunos Othon Bastos, Nilda Spencer e Sonia Robatto — todos do segundo ano do Curso de Interpretação — estão ensaiando uma cena da peça de Bertold Brecht «A boa alma de Set Chuan».

As
"estrêlas"
do cinema
sabem
por que
usam
Lever

*Pier
Angeli*

"estrêla" da
METRO
GOLDWYN MAYER

...e Você?

Até onde a escolha de um sabonete é importante para Você? As "estrêlas" sabem que o sabonete que lhes acaricia a pele diariamente é um dos pontos mais importantes para a sua beleza. Por isso, 9 entre 10 "estrêlas" já têm uma preferência definida: LEVER - o sabonete que elas preferem porque nele encontram a pureza dos ingredientes, a suavidade da espuma e o mais delicado perfume. Na verdade, LEVER representa um cuidado a mais para mantê-las lindas e atraentes. E Você? Já pensou nesse cuidado a mais para a sua beleza?

Use LEVER e ouça do "alguém" que Você ama uma frase que a tornará muito feliz...

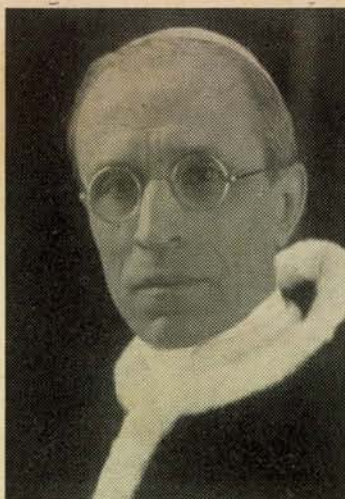
...*"Para mim,
Você é
tão linda
quanto
Pier Angeli!"*

Usado por 9 entre 10 "estrêlas" do cinema!



**TALCO
LEVER**

Com o mesmo
perfume do
Sabonete das
"Estrêlas"!



As Curas Audaciosas do Médico do Papa

EM dezembro do ano passado, o serviço de crianças leucêmicas do Hospital São Luís, de Paris, lançava pela antena da rádio francesa um apelo aos doadores de medula.

A prática da transfusão sanguínea entrou nos costumes. Nunca se convocara na França a doadores de medula. Aos voluntários, explicou-se que se tratava de uma experiência nova que se ia tentar sobre crianças leucêmicas condenadas: injeção imediata por via intravenosa de medula óssea sã, retirada de pessoas do mesmo grupo sanguíneo. E' demasiado cedo para tirar a lição da experiência. Se fôr bem sucedida, serão precisos ainda meses, talvez anos para que se transforme em descoberta. A experiência marca, no entanto, uma etapa importante: é a primeira vez que se pratica oficialmente, num hospital, uma injeção de células vivas em doentes. E' preciso entender-se. As transfusões de sangue, os enxertos de ossos, de cartilagens, de artérias, de córneas, são praticados habitualmente. Existem mesmo bancos em que esses órgãos são capitalizados. E' nisso que se articula o grande conflito que divide a medicina oficial. Contrariamente aos outros enxertos praticados hoje, as células ósseas devem penetrar frescamente vivas nos organismos doentes. Não podem sofrer nenhuma modificação. E' a definição mesma da *terapia celular* que, desde três anos, suscitou tantas esperanças, provocou tantos entusiasmos excessivos e críticas apaixonadas. Através do mundo, dois campos se formaram. Na Rússia, na Alemanha, na Suíça, na Escandinávia, a célula fresca penetrou nos hospitais. Os Estados Unidos e a França estão à frente dos países refratários.

Na França, o médico que decide fazer injeções dela nos doentes coloca-se deliberadamente à margem dos caminhos oficiais. Em teoria, ninguém pode impedi-lo. A liberdade de prescrição do médico é total. Mas as dificuldades se acumulam diante dele. E' difícil citar um número. "Fazem-se" células em Paris, em Bordéus, em Marselha, em Nice. Haveria na França mais de cem médicos convertidos a essa terapêutica. Há dois anos, os pioneiros tiravam órgãos nos matadouros de Etampes, atravessavam a cidade a toda a velocidade, até um laboratório instalado em sua garagem e, para não sair do prazo de uma hora, injetavam o doente estendido na traseira do carro. Hoje, a célula fresca, sempre à margem do ensino oficial, acha-se ainda assim organizada. O mais ativo de seus defensores é o extraordinário Dr. H., gentilhomem fazendeiro, há alguns anos, quando sentiu

a vocação médica. Obtidos seus diplomas, faz apelo às suas antigas capacidades para escolher, com um cuidado extremo, nos matadouros de Versalhes, os animais dos quais extrai órgãos. A extração é um aspecto muito importante da terapia celular. Suscita terríveis problemas na Alemanha onde 40% do gado é tuberculoso. A este respeito, beneficia-se a França de uma oportunidade excepcional: o vale de pastagens do Val de Loire é sem dúvida o único no mundo onde, há um século, não se assimila traço algum de doença do gado. E' lá que o Dr. H. seleciona suas vacas e suas ovelhas prenhes, cujo saco fetal encerra as preciosas células frescas. Um derradeiro teste de segurança é praticado no momento de abertura do saco.

Posteriormente, a extração do tecido e do órgão, a trituração, a transformação em "puré" celular, pela adunção do soro, realizam-se sob assepsia total. O feto só encontra luvas ou instrumentos esterilizados. Por seu lado, é o doente preparado para as injeções reclamadas por seu organismo. Deve estar em repouso, porque a presença do ácido láctico nos músculos fatigados pode causar acidentes. Depois, aconselha-se o doente a permanecer no leito 3 ou 4 dias, sem tomar álcool, sem fumar, antes de se levantar e — dizem — de renascer para uma vida nova...

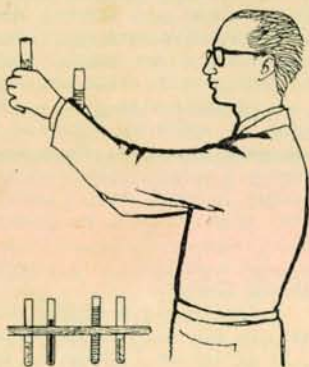
E' nesse estágio que se afrontam partidários e adversários da terapia celular. Toda a concepção tradicional da medicina está em jogo: o problema mergulha até a célula, base mesma da vida. E', aliás, o argumento maior dos detratores norte-americanos. O câncer, dizem eles, é uma turbulência celular. Injetar num organismo humano células frescas, é intervir nesse equilíbrio delicado. E' possível que se obtenham melhoras, em curto prazo. Mas quem pode pretender que o mecanismo celular, abalado, não reaja, numa perspectiva mais larga, com uma criação anárquica? Para outros, a contribuição das células frescas constitui, pelo contrário, salvaguarda preciosa contra o câncer, sobretudo se são elas extraídas de animais cuja espécie nunca é atingida de câncer. E se apoiam numa experiência suíça que data de três anos: haviam implantado células num tumor canceroso isolado. Fotografada a várias semanas de intervalo, a preparação mostrava que as células cancerosas tinham proliferado, mas recuado, ao mesmo tempo, diante das células frescas. Na realidade, tinham contornado a implantação. Alguns pesquisadores inspiraram-se nesses trabalhos e foram bem sucedidos, depois, no "cancerizar" animais rebeldes. Essa can-

cerização provoca no animal uma reação muito violenta. Duas glândulas, sobretudo, o timo e o baço, mobilizam suas forças de defesa. Essas glândulas, com suas células em plena atividade defensiva, serão um dia a arma decisiva na luta contra o câncer?

No momento, a terapia celular ataca problemas menos complexos. A fim de determinar os órgãos doentes, pratica-se em geral um exame biológico sob o nome de *reação de Abderhalden*. O princípio dessa reação (que se faz na Alemanha nos laboratórios especializados) é o seguinte: todo órgão doente se conduz, no interior do organismo, à maneira de um corpo estranho. Sua presença é sentida onde até então passava despercebida. Um estudo do sêro ou da urina do paciente permite identificar os fermentos de defesa, e por consequência os órgãos a tratar. A insuficiência das glândulas endócrinas é a mais amadurecida das indicações do método. Depois das doenças degenerativas do fígado, do coração, dos rins. Em seguida, os esgotamentos nervosos ou hormoniais, perturbações da menopausa, velhice prematura, usura geral. Enfim, as perturbações vasculares, como as arterites.

Em tôdas essas doenças, os milagres e os fracassos se emaranham e tornam quase impossível a tarefa do pesquisador objetivo.

É à Suíça que se vai geralmente buscar a resposta. Perto de Lausanne, em Vevey, reside o médico mais discutido da época, inventor da terapia celular. Há 4 anos, um acontecimento fortuito o tornou célebre: o Papa parecia então no derradeiro extremo. Seus médicos encaravam a possibilidade de uma intervenção cirúrgica que



deixava ao ilustre doente pouca probabilidade de sobrevivência. Alguém falou do professor Niehans, cirurgião também, cujos trabalhos sobre a célula suscitavam já reações muito variadas. Chamado ao Vaticano, demonstrou Niehans logo que o doente não estava em condições de sofrer tão grave operação (hérnia diafragmática). Propôs uma série de injeções de órgãos retirados duma ovelha. Sua proposta suscitou logo a oposição dos médicos tradicionais. Mas tendo o estado do doente piorado, teve êle ganho de causa. Sabe-se o resultado. Depois, tornou-se Niehans o médico assistente do Papa. Vai a Roma pelo menos uma vez por mês e sua popularidade tornou-se imensa.

Aos 76 anos, Paulo Niehans parece ter cinquentaf. Ele mesmo diz, rindo, que é sua própria cobaia. Mesmo nos frios mais vivos, vai a pé, sem capote, de sua luxuosa vila às margens do lago Léman à sua clínica vizinha.

— Só os velhos são friorentos — diz êle. — O inverno injeta-me a supra-renal.

Genial reclamista de sua própria causa, trata Niehans na sua clínica, à sombra do segredo profissional, os doentes mais célebres do mundo. Se os jornalistas fizeram muito barulho em torno da cura do Papa, da do pintor Braque (que, sofrendo de terríveis reumatismos deformantes, voltou a pintar com entusiasmo, há um ano, após uma estada em Vevey), ou mesmo a cura do chanceler Adenauer, ninguém saberá jamais que outros pacientes célebres foram procurar às margens do Léman a esperança de uma nova juventude. Por favor especial, obteve Niehans



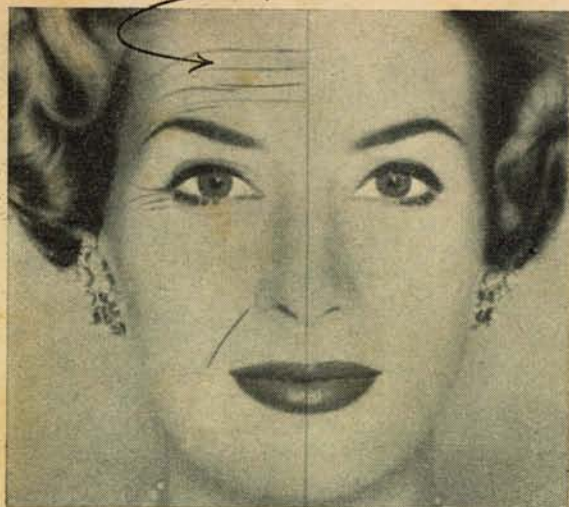
**A Loteria do Estado
faz novos milionários
tôda semana**

ÀS SEXTAS-FEIRAS

**LOTERIA
DO ESTADO
DE MINAS GERAIS**

a nossa loteria

Estas linhas comprometem sua aparência!



Não deixe que a pele seca a envelheça.
Torne sua cutis mais fresca, mais jovem...

A lanolina umedecida do Creme S Pond's para Pele Sêca

restaura profundamente
a umidade
vital à sua pele



Aplique o creme em volta dos olhos. Quase imediatamente, sua cutis resplandece com novo frescor, mais juventude...



É a lanolina umedecida do Creme Pond's para Pele Sêca penetra mais profundamente. Aplique, acima das sobrancelhas. E veja as rugas desaparecerem...



Aplique o creme, diariamente, em suave massagem. Comece hoje à noite... e continue todas as noites. Você ficará encantada com os resultados...



Riqueza extra em
LANOLINA UMEDECIDA

16.462

Tão eficiente! Preferido pela maioria das mulheres!

da polícia suíça que as identidades dos estrangeiros não sejam controladas nos hotéis de Vevey e de Montreux. Milhares de Mister ou Miss Smith, de Mr. Duval, de Signor anônimos passaram entre suas mãos. Até mesmo os motoristas de táxis de Vevey, que descobrem por vezes com espanto, no retrovisor, um rosto famoso, prestaram juramento. A Suíça é o país do segredo bancário, garantido pela Constituição. E' também o do segredo da segunda juventude. E' um fato que, rapidamente, a terapia celular de Niehans se tornou uma espécie de cura de rejuvenescimento. Alguns pensam que se chegou ao limite mesmo do método: só se mostraria eficaz após certo prazo e somente nas afeções crônicas. Outros murmuram que Niehans, voluntariamente, operou êsse desvio para a única clientela capaz de arcar com as despesas consideráveis que êle implica.

Uma espécie de cardápio é afixado na entrada da clínica (traz esta o nome do Dr. Ody, o célebre cirurgião, recentemente falecido, que trepanou um dia um alpinista, num refúgio, com um garfo e uma faca). Não incluídas as despesas com o abate e os riscos diversos, o tratamento orça por 500 francos suíços (60 mil francos franceses), por órgão. O doente passa três dias na clínica, onde se ouvem mugir e balir os animais prenhes destinados a um sacrifício próximo. Após uma semana, deixa o doente a clínica, revitalizado. Acontece que a melhora não se mantém e nova cura é necessária. Mas Niehans afirma que a porcentagem de fracassos é ínfima.

— O ideal para mim — diz êle — seria utilizar células de embrião humano. O resultado então é ainda mais espantoso. Para só citar um exemplo, um diabético é curado definitivamente pela injeção de um pâncreas humano, fresco, em formação. Não posso pensar sem angústia em todos os embriões que as tradições da medicina clássica me impedem de utilizar. Cada embrião é a esperança duma nova vida para um doente.

— Que pensa o senhor das oposições e das críticas que seu método suscita em certos países?

O professor Niehans se levanta. Alto, a figura delgada, muito elegante, passeia o olhar pelas telas dos mestres penduradas na imensa sala de estar de sua vila (possui êle uma coleção de primitivos italianos digna do Louvre). Acaricia uma espada das cruzadas que disputou ao museu de Genebra. Pensa-se irresistivelmente nos boatos que fazem dêle filho natural do Kaiser Guilherme II. Evoca-se algum Fausto misterioso, perdido no isolamento de um burgo...

— Levaria muito tempo a explicar — diz êle ao fim dum instante.

— Como chegou o senhor a injetar células frescas?

— Tudo começou — diz êle — por um telefonema, em abril de 1931, de um amigo, chefe de uma clínica. Sua voz soava angustiada: "Um de meus jovens cirurgiões — disse êle — acidentalmente, lesou as paratiróides duma doente, no decorrer duma operação. O senhor tem grande experiência de transplantação de glândulas. Rogo-lhe, enxerte-lhe paratiróides dum animal... E' sua derradeira possibilidade". Era eu então cirurgião e endocrinologista. Fizera durante minha vida mais de 50.000 operações. Como outros, tentara enxertar no homem o órgão dum animal. Sempre ficara desiludido... Desta vez, senti uma espécie de inspiração, cortei em pedacinhos bem diminutos, com tesouras, as paratiróides extraídas de uma ovelha, acrescentei solução fisiológica e injetei essa preparação na moribunda. Imagine a cena. Sem paratiróides, o homem não pode viver muito tempo. Os minutos, as horas passaram, as contrações diminuíram, a paciente estava salva e a terapia celular acabava de nascer. Ambas passam hoje

muito bem. A doente mora em Montreux. Eis seu enderêço, se quiser vê-la.

— Até agora — continuou êle — afirmava-se que a injeção duma albumina estranha num organismo vivo, provocava a morte. Recebi em breve a visita dum célebre professor alemão. Eu tinha preparado 5 seringas com órgãos extraídos de 5 animais diferentes. Quando me preparava para dar a primeira injeção, vi o professor empalidecer. Pegou-me o braço :

— Niehans — disse êle — se eu tivesse autoridade, mandaria prendê-lo...

— Sorri e dei a injeção. O famoso professor tirara o relógio. Olhava o doente, depois o ponteiro grande, esperava o choque fatal... No dia seguinte, a doente estava de pé e o professor convencido de que o corpo humano absorvia maravilhosamente as células frescas de um animal.

— Quer saber como é possível que pequenas células produzam a cura? — diz êle.

— O professor Carrel, há muito tempo, estudou a maravilhosa influência de células sãs em culturas de células doentes e observou que culturas em via de deperecimento, retomam a vida graças a uma contribuição fresca. Ninguém ousava tentar a experiência, apenas. Temiam-se reações... Hesita-se à borda de um mundo.

— Verifiquei que a maior parte de seus clientes era muito idosa. Por quê? Pode-se limitar seu método a uma cura de rejuvenescimento?

— E' sòmente um dos aspectos do método. Em crianças retardadas, os resultados são consideráveis, como nas perturbações da puberdade. No decurso da vida, luta contra as alterações dos órgãos. Mas, evidentemente, torna-se em seguida mais útil no fim da vida... O coração que bateu noite e dia sem parar e sem descansar está agora fatigado. Seu músculo está enfraquecido. Por que não lhe fornecer células do músculo cardíaco para fortificá-lo? As faculdades intelectuais diminuem também pouco a pouco: O sistema nervoso central, muito delicado, sofreu. A memória desaparece, as faculdades de compreensão diminuem. As células frescas vão modificar essa situação. Não suprimem a morte. Retardam-na. E permitem, se quiser, que se viva até morrer!

— Não há nenhum perigo em acolher células frescas no seu próprio organismo?

— Nenhum! Sob condição de praticar-se a operação sob um controle satisfatório. Até aqui fiz mais de 6.000 injeções e utilizei, praticamente, células de todos os órgãos de fetos ou de animais jovens. Estamos ainda na aurora dessa nova terapêutica. A única coisa que distingo claramente são os limites: as células não produzem efeito nas doenças infecciosas. Melhor ainda, são muito sensíveis às bactérias. E', pois, indispensável, antes de uma injeção, afastar qualquer foco de infecção (dentes estragados, por exemplo). O Criador colocou uma potência magnífica na célula. Há em nós 40 trilhões que procuram viver, aumentar, que se transformam e morrem. Bem poucas nos restam fiéis a vida inteira. E' de sobre esse mistério fabuloso que acaba de levantar-se o véu. Há um mundo a descobrir...

Niehans, doutor em medicina de Zurique, é também formado em teologia. Explica isto sua faculdade de prolongar em perspectivas filosóficas seu propósito médico. Quando se encontra no Vaticano, dá com seu doente intermináveis passeios pelos jardins. O teólogo protestante fica estupefato diante da ciência, da agilidade intelectual do Soberano Pontífice:

— Acredite-me, encontrei em minha vida muitos homens de Estado e pensadores. Jamais um homem me causou mais profunda impressão.

(Conclui na pag. 97)

Saudade é o ontem da vida;
E' tudo o que lembra ausência.
— Saudade é o frasco vazio
Que conteve fina essência.

Demóstenes Cristino

Meu coração é gangorra;
De gangorrar não se cansa:
De um lado pende a saudade
E do outro pende a esperança.

Hélio Gonçalves

Saudade — cantiga triste
que a gente canta sorrindo,
revivendo as alegrias
dum tempo que era tão lindo...

Paulo Freitas

Quando da pátria distante,
é nostalgia a saudade,
mas longe de terna amante,
saudade... é mesmo saudade.

Paulo Emílio Pinto

Não invejo, passarinho,
A tua felicidade...
Também canto... também vôo
Pelas asas da saudade.

Benny Silva

Dos grandes males que sinto
(Que são grandes de verdade),
O que mais me dói, não minto,
E' o mal de sentir saudade...

Flávio Marques





←
Aos 22 anos, Bela Herskovits era dos mais jovens dos mestres-cantores de Budapeste.



Envenenou a Espôsa Para

*Um episódio na vida de famoso cantor
que escapou da morte para ganhar a fama.*

PARA Bela Herskovits, a vida voltou a valer a pena de ser vivida no dia em que envenenou a espôsa.

Aconteceu durante o pesadelo representado pelos anos em que as hordas nazistas devastaram a Hungria. Por muitos meses, ele mesmo esteve prêso em Budapeste, como um dos milhares de judeus apanhados nas malhas da polícia política nazista. Foi, todavia, pôsto em liberdade, quando uma doença veio mostrar que, se não fôsse tratado quanto antes, ele morreria.

A vida de Bela foi salva por uma operação feita num porão escuro. Entrementes, sua espôsa Dody fôra prêsa, por ter tentado

interceder em favor de outra mulher condenada à morte nas câmaras de gás.

Com auxílio dos homens do movimento subterrâneo anti-nazista, Bela conseguiu fazer chegar às mãos dela uma quantidade de veneno suficiente para colocá-la às portas da morte, embora não fôsse fatal. E um guarda, para verificar se ela não estava fingindo, ainda lhe quebrou o nariz com uma pancada. Depois de sua «morte», amigos do casal foram à prisão pedir para enterrar o «cadáver», e Dody foi levada para o mesmo porão, onde, a muito custo conseguiram fazê-la voltar à vida.

Isso aconteceu em 1942. Bela

Herskovits tinha, então, 30 anos, era o melhor cantor de Budapeste e já conquistara certa fama internacional. Formado pelos mais importantes conservatórios de música da Hungria, professor de música litúrgica judaica no Colégio Goldmark Karoly e no Instituto Jubal de Música Oriental, era o único cantor eleito para participar da Associação de Artistas Musicais da Hungria.

Hoje, Bela é cantor do Centro Judeu «Ocean Parkway», em Brooklyn (Nova Iorque). Sua voz excepcional, descrita como a de um «tenor heróico», com o registro de três oitavas e a doçura do falsete, do piano e da coloratura, tem sido aplaudido em



Aqui, a foto mostra o célebre cantor, como êle é hoje.

Num recital, o cantor e Sr^a Herskovits são saudados pelo Governador e Sr^a Goodwin Knight, do estado da Califórnia.

Esta é uma fotografia do álbum de família: Bela e Dody, em lua de mel em Roma, em 1939.



Salvá-la

FOTOS KFS

todos os pontos dos Estados Unidos e do Canadá.

Desde que foi «descoberto», em 1955, por Eddie Cantor, êle passou a ser considerado «o mais interessante tenor, desde Caruso». A fábrica de discos «M-G-M» fêz com êle um contrato de cinco anos, no valor de 100 mil dólares (cerca de treze milhões de cruzeiros, ao câmbio livre), e êle figurou ao lado de Pat O'Brien, no filme «Servant of God», além de ter sido consultor de música, na filmagem do clássico «Os Dez Mandamentos»; cantou no grande baile de posse do presidente Eisenhower e aparece freqüentemente no rádio e na televisão.

(Continua na pag. 87)

Demasiado Tarde

Paul Hudson

ilust. de Wilma Martins

capítulo 2

NOS meses que se seguiram evitei falar do filho que viria. Nunca, nunca a ele me referia. Stan mostrava-se solícito e nunca se esquecia de perguntar como me sentia, mas eu adivinhava que seu interesse não era sincero. Devia sentir-se decepcionado por já não poder contar com uma esposa de bela figura e elegantemente vestida, uma esposa para exibir com orgulho de proprietário, diante de seus importantíssimos clientes e em festas e reuniões. Mas era inteligente e sabia dissimular, disse a mim mesma muitas vezes com amargura; sabia representar perfeitamente seu papel de esposo consciente de seus deveres, como naquela ocasião em que cheguei em casa, de volta do trabalho, e me deixei cair na primeira cadeira que encontrei no caminho. Assim me achou ao chegar, cinco minutos depois.

— Olá, querida! — saudou, com essa admiração que eu julgava excessiva e portanto falsa. — Como se sente?

— Cansada — murmurei, sem abrir os olhos. — Em breve teremos a temporada de verão e, como sabe você, já estamos organizando o desfile... E as dificuldades são infinitas! Estive em pé o dia inteiro...

Não respondeu e ouvi seus passos no corredor que levava ao dormitório, mas em breve tive-o de novo a meu lado, com meus chinelos na mão.

— Para minha princesa — disse, com uma piscadela, e ajoelhou-se.

Tornei-me rígida, recuando os pés para que ele não os tocasse. A única coisa com que atinei em pensar naquele momento foi que Lyle me chamava também assim. Lyle, que gostava de crianças, e cujo desejo de ter um filho não se havia realizado. Parecia-me quase um sacrilégio que me chamasse assim.

— Deixe os chinelos no chão — disse-lhe friamente. — Eu mesma os calçarei.

Vi-o franzir o cenho e senti maligna satisfação. **Agora ficará sabendo que percebo que está representando um papel — pensei.**

Em outra ocasião, anunciou, ao voltar a casa:

— Marion Clift telefonou-me para convidar-nos a jantar com eles esta noite, mas disse-lhe que você não se sentia bem.

Carlos Clift era um de seus mais importantes clientes e em circunstâncias normais teríamos deixado tudo para satisfazer esse convite.

— Você lhe disse que estou esperando um filho? — indaguei, esperançada. Estava de pé diante dele, a certa distância, e seu olhar percorreu o meu corpo.

— Não — respondeu logo, inexpressivamente. — Não lhe disse nada. Haverá tempo para isso mais adiante... quando se apresentar ocasião.

Compreendi, então, que se envergonhava de mim, de meu aspecto... Sim, não havia dúvida! Meu marido se envergonhava de minha figura que a iminente maternidade começava a deformar. **E se assim sente, não iremos a parte alguma juntos até que haja nascido a criança...** — prometi a mim mesma silenciosamente.

Fiel à minha promessa, rejeitei desde então todos os seus convites para ir jantar fora ou jogar «bridge» ou ir ao teatro. Tampouco lhe permiti, sob diversos pretextos, que tornasse a trazer alguém à nossa casa. Foi essa, indubitavelmente, a época mais triste de minha vida... e devia ser a mais feliz. Não contava sequer com a companhia de minha mãe, que, algum tempo antes, tinha partido para uma longa viagem pelo estrangeiro com meu pai.

Embora me desse conta de que com isso contrariava os desejos de Stan, decidi deixar meu trabalho. Quando nascesse meu filho, dedicaria-me-lhe a cuidar dele. Meu cargo de tanta responsabilidade na casa de modas absorvia meu tempo e minhas faculdades e eu não queria privar dele a criança que nasceria com a desvantagem de não ser desejada por seu pai.

Minhas companheiras despediram-se de mim com um almôço e cada uma trouxe um presente adequado para um recém-nascido.

(Continua na pag. 54)

Resumo da parte já publicada

Em sete anos de vida feliz com seu marido Lyle Leonard, Irene Travers se sentia falta de um filho, que Deus não lhe queria dar. Ao vê-lo às voltas com os sobrinhos, cheio de ternura, ela não podia deixar de pensar naquela falta. Mas uma pneumonia o levou, ao fim de sete anos de vida conjugal, deixando-a viúva com apenas 26 anos de idade. Desolada, Irene julgou que o mundo não lhe ofereceria mais nada, mas, afinal, conheceu um homem maduro, dedicado aos negócios, casou-se com ele e esperava poder fazê-lo feliz. Combinaram: ela continuaria em seu emprego, pois não tinham a intenção de constituir família, de ter filhos. Mas, inesperadamente, sentindo-se mal, foi ela ao médico e ficou sabendo: ia ser mãe, após tantos anos. O que não fôra possível com Lyle, ia ser possível agora, quando era tarde demais. Como contá-lo ao marido? Como receberia ele a notícia? Como ela esperava, a comunicação não o entusiasmou. E ela ficou a pensar: a criança devia ter vindo antes, porque Stan, seu segundo marido, não a queria.



Diário

de

Minas

O

MAIS COMPLETO
MATUTINO DE
MINAS GERAIS

AMPLO serviço informativo do país e do exterior, colaboração especial dos mais renomados comentaristas do mundo, reportagens nacionais e estrangeiras, esportes, cinema, rádio, sociedade, etc. O melhor suplemento dominical, com seções femininas.

ASSINATURAS:

Ano Cr\$ 300,00

Semestre Cr\$ 175,00

ADMINISTRAÇÃO

RUA CARIJÓS, 150 - 3.º
BELO HORIZONTE

Margarida Berring, uma das modelistas, disse-me, com um suspiro:

— Não resta dúvida que você é uma mulher de sorte, Irene. Primeiro, triunfou nos negócios, depois conquistou um marido bom, moço e rico, e agora está em ponto de tornar-se mãe...

— Mas não acha que sentirá você falta de sua atividade atual e de seus êxitos, Irene? — perguntou Isabel Hastings. — Suas viagens a Nova Iorque e Paris...

— Oh! não faça caso de Isabel! — exclamou Margarida. — Não concebe que se possa renunciar com gosto a uma carreira por causa de um filho, mas eu, sim. E digo-lhe que você faz muito bem, muito bem mesmo...

Ouvindo-as, senti o agitar-se da vida nas minhas entranhas e compreendi que não era um sacrifício para mim renunciar ao trabalho, à minha carreira, por causa de meu filho. O êxito é algo de passageiro, de frio, algo que não pode estender dois bracinhos gorduchos para rodear-nos o pescoço. Dinheiro no banco? Isto não significava nada, quando não se estreitou um filho próprio nos braços, quando não se ouviu uma vozinha infantil exclamar: «Você é a mamãe melhor do mundo!»

Oh! não, não me importava em absoluto deixar tudo isso que, na realidade, nunca significaria muito para mim. O que me importava, o que me fazia doer o coração, era a certeza de que, gradativamente, perdia Stan...

Concluído o almoço, despedi-me de minhas companheiras, e quando cheguei em casa guardei todos os presentes num dos gavetões da cômoda. Ao fechá-lo, tive a sensação de que ali ficava, guardada, uma parte de minha vida. E esse pensamento abateu minhas derradeiras reservas. Estendida no leito, deixei minhas lágrimas correrem, lágrimas que retivera durante horas. Chorei, não por mim mesma, mas podia ter sido. Que podia fazer uma mulher com um filho que seu marido não queria? Mantê-lo à margem de sua vida? Nunca! No meu caso, nunca. Dar-me-ei a ilusão de que o filho é teu e meu, — murmurei em meio do silêncio. — Então parecer-me-á quase natural que Stan não o queira... Se for menino, chamá-lo-ei Jorge...

Era esse o segundo nome de Lyle, mas Stan não o sabia, e de qualquer maneira, não lhe importaria pouco ou muito o nome que eu resolvesse pôr no menino.

Jorge Cortland nasceu a 15 de setembro.

— E' um lindo rapazinho — anunciou o Dr. Middleton, satisfeito, e meu coração se encheu de amor até quase rebentar, como creio que ocorre com o coração de todas as mães do mundo, quando vêem um filho de seu próprio sangue pela primeira vez.

Stan permanecia no corredor de fora, esperando. Talvez agora pense de maneira diferente — disse a mim mesma. — Talvez agora que é uma realidade, venha a amar a este filho tanto quanto o teria amado Lyle.

Quando lhe permitiram entrar, aproximou-se do leito e, inclinando-se, beijou-me na fronte.

— Queridíssima. Está passando bem? E o menino vai bem?

Gosta dele! — pensei, invadida por intenso júbilo. — Agora o quer, agora o quer!

— Estamos magnificamente bem os dois! — respondi, feliz. — Levaram-no para o berçário, sabe? Peça à enfermeira que lhe mostre!

— Sim, assentiu, um pouco distraído. E acrescentou, rapidamente: — Não se preocupe, não se aflija por coisa alguma, querida. Prometi-lhe que nada mudaria em nossa vida e cumprirei minha promessa.



Tôda a minha felicidade veio abaixo como um castelo de cartas. Mordi os lábios e fechei os olhos, esforçando-me por conter as lágrimas.

— A senhora está cansada — ouvi a enfermeira dizer. — Será melhor deixá-la agora e voltar mais tarde, Sr. Cortland.

Fiquei sôzinha e senti que me afastava de Stan cada vez mais.

No dia em que voltei para casa com Jorge, veio visitar-nos minha sogra. Entrou no dormitório e se deteve diante do berço onde dormia tranqüilamente meu filhinho.

— De maneira que é um homenzinho — disse, pensativamente. — Vendo-o assim, tão pequenino, lembro-me de Natália, recém-nascida... Tinha eu então a idade que tem você agora, Irene, com a diferença de que meu filho mais velho, o único até então, era já quase um homem... Tinha acabado de criar e educar um filho para começar nessa idade com outro. Quando começava a viver outra vez livre e tranqüila, eis que me via atada novamente por não saber eu quantos anos mais... Ah! os homens, os homens. Quanto mais fazem as mulheres sofrerem, mais contentes estão... Adverti a Stan, quando se casou com você, que não devia convertê-la numa escrava dos filhos, querida!

— Mamãe, Irene e eu não queríamos filhos, na realidade — explicou Stan, vermelho e confuso, como um colegial apanhado em falta. — Mas você sabe que o homem põe e Deus dispõe...

A raiva e o aborrecimento acenderam uma chama devoradora em meu íntimo. Por que achava Stan necessário desculpar-se perante sua mãe? Que espécie de homem era que se referia a seu filho como a um mal que se vira forçado a aceitar, por força das circunstâncias? Senti a mão de minha sogra sobre meu braço e afastei-me de seu contato, como se me queimasse.

— O menininho é lindo... — ouvi-a dizer, em tom condescendente.

Nas semanas que se seguiram, ninguém teria dito que havia uma criança recém-nascida no elegante apartamento. Tratava de manter tudo quanto era do menino nos dois quartos que preparara para ele; podia entrar quem quer que fosse na casa, a qualquer hora do dia, sem encontrar jamais uma peça de roupa, ou uma mamadeira, ou um brinquedo atirado por ali. Organizei o horário de comida e descanso de meu filho de tal forma, que ao

regressar Stan à casa, ao anoitecer, sempre o achava dormindo. E se o menino despertava de noite, saltava eu da cama imediatamente e ia atendê-lo, fechando a porta de comunicação entre os dois quartos.

Pensava a miúdo nos tesouros de ternura e amor que Lyle teria derramado sobre aquela criança e não podia evitar que o pranto me corresse pelas faces. Stan não se importava absolutamente com o menino; só queria progredir, ganhar muito dinheiro e continuar sua vida de costume sem que nada alterasse sua rotina.

Uma noite voltou um pouco mais tarde que de costume. Estava com cara de cansaço. Ao passar em frente da porta do quarto do menino, cuja porta estava sempre fechada quando ele se encontrava em casa, vi-o deitar-se uns instantes e suspirar pesadamente. Pensei que se sentia aliviado ao verificar que o menino dormia ali dentro e que, portanto, não o incomodaria, e me senti oprimida.

— Estará pronto o jantar, Irene? — perguntou, dando-me um beijo.

— Suponho que sim... — respondi. Dirigiu-se a seu escritório e vi-o tirar vários papéis da pasta, absorvendo-se em seguida na sua leitura. O trabalho, sempre o trabalho. Para ele não existia outra coisa no mundo. Um filho? Ora! Os filhos causam incômodos e custam dinheiro...

Deve ter-me ouvido soluçar, porque veio logo correndo à sala de estar e pegou-me pelos ombros.

— Oh! Irene, por favor, não chore! — disse, suplicante — Está fatigada, não é verdade, querida? O menino lhe dá muito trabalho... Por que não contrata uma ama? Não basta a mulher que vem todas as manhãs...

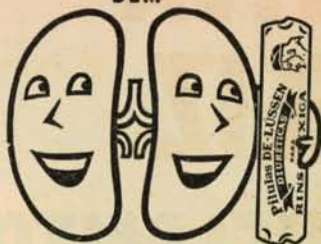
— Não quero uma ama! — exclamei, passando as costas da mão pelos olhos. — Não preciso dela!

— Eu... sinto muito, Irene — murmurou. — Quisera que as coisas fossem diferentes...

Já o sabia eu! Queria que as coisas fossem diferentes. Incomodava-nos nossa vida tal como se desenrolava atualmente: ele não se havia casado comigo para ver-me convertida numa simples dona de casa... Não sei o que teria sido de mim naquela época, se não houvesse de permeio as horas do dia quando, sôzinha com meu filho no apartamento, fazia retroceder o tempo e vivia no passado.

(Continua na pag. 102)

SEUS RINS VÃO MUITO
BEM



COM AS

PÍMULAS DE-LUSSEN

A eliminação perfeita normal das toxinas ou resíduos venenosos e de todas as impurezas do nosso organismo constitui regra segura para uma vida longa, sadia e feliz.

PÍMULAS DE-LUSSEN, DIURÉTICAS, desinflamam, lavam e acalmam os rins e bexiga. Eliminam o ácido úrico e combatem dores nas cadeiras, reumatismo e irritações das vias urinárias.

PÍMULAS
DE-LUSSEN



DIURÉTICAS E DESINFLAMANTES

Votar é o maior dever cívico.
Votar bem é o maior dever para
com a família e a Pátria.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alface "Brilhante", ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

**VIVA
FELIZ**
com
HELMITOL



**o desinfetante
dos Rins
e das Vias
Urinárias**

Dissolvido em água
açucarada, dá um
gostoso refrêsc.



O Crime Não Compensa

Conclusão da pag. 80

idêntico ao do relógio de Aupetiot, havendo discrepância de tão-somente um algarismo.

Com base nas provas obtidas, o Dr. Pierre Moinet foi processado, transferindo-se, então, para o tribunal do júri, a decisão final sobre o caso. A promotoria pôs todo empenho em deitar por terra vários tópicos da versão produzida pelo réu. Demonstrou, por exemplo, que Aupetiot era um cidadão de vida irrepreensível; o bilhete assinado por «Claude» era falso, uma vez que as autoridades jamais lograram descobrir o seu suposto remetente. Aliás, estando na prisão, Moinet gabara-se, entre os companheiros de cela, de haver escrito o bilhete do morto. Dissera mais, dando mostras de contra-producente loquacidade, que tinha assassinado Aupetiot em questão de segundos: passara na língua do cliente um pedaço de algodão encharcado com cianureto de potássio.

Chamada para depor, a enfermeira do Dr. Moinet só fez agravar a situação do acusado. Contou que, no sábado fatal, Aupetiot chegara ao consultório às 11,45 da manhã, e não às 12,45 — como afirmara o médico. Quando o patrão reclamara o contraveneno, eram aproximadamente, 1,15 da tarde. Ora, provado que Aupetiot tinha descontado o cheque de Alberte às 11,30, via-se que jamais lhe sobraria tempo, nem para entregar o dinheiro (800 mil francos) a outra pessoa, nem tampouco para encher a pasta com jornais.

Paralelamente, tomou-se novo depoimento, mais um nó apertando o cerco de provas contra o acusado. Certa pessoa, amiga da vítima e do réu, depôs que tinha recebido uma carta assinada por Moinet, e escrita na prisão. Pela correspondência, o médico solicitava um favor: poderia o amigo declarar à justiça que, no sábado trágico, recebera a visita do Dr. Moinet, a propósito de um empréstimo em dinheiro? Ora, o destinatário, sendo honesto, discordara de prestar falsa declaração, e, pela negativa, pusera por terra o álibi pretendido pelo réu. Durante o julgamento, a acusação propôs contra o médico uma sentença pelos crimes de roubo e assassinio, e os jurados, aceitando as razões como legítimas, condenaram o Dr. Pierre Moinet à prisão perpétua.

* * *

«PN» Fêz 18 Anos

CIRCULANDO semanalmente e com uma tiragem excepcional, por se tratar de revista especializada, entrou há pouco em seu décimo nono ano de circulação a revista «PN», órgão que, nascido em 1940 com o nome de «Publicidade», evoluiu posteriormente para «Publicidade & Negócios» e, sob aquela sigla, tornou-se há muito leitura obrigatória de quantos se interessam pelos assuntos contidos em seu nome. Com efeito, «PN» tem sido uma publicação cada vez mais eficiente, na cobertura dos setores de propaganda e negócios, apresentando os fatos sob forma dinâmica, tudo isso sob o comando dos confrades Genival Rabelo e Manoel Vasconcelos, para os quais vão os nossos parabéns, ainda mais merecidos quando se sabe que eles muito têm feito pelo aprimoramento da propaganda no País.

15 DE SETEMBRO DE 1958

Um
liquidificador
diferente
de tudo
que V. conhece!

NOVO ARNO

Nova concepção estrutural — da tampa até a base!

Novo jarro — torna a liquidificação muito mais rápida e perfeita!

Nova base — muito mais prática... mais cômoda... mais estável...
com novo e melhor aproveitamento da força do motor!

Nova alça, para mais fácil manejo, agora inquebrável!

E ainda mais estes característicos exclusivos: sobretampa que
serve como prático medidor — facas e tôdas as partes que entram
em contato com os líquidos, inteiramente de aço inoxidável!



ARNO

— a marca diz tudo! —

De Que Serve ir a Lua?



TODAS as previsões do grande sábio francês Esnault-Pelterie, falecido em outubro de 1957, e que consagrou sua vida inteira aos cálculos da astronáutica, confirmam-se triunfalmente hoje. Os estudos feitos pelas mais altas autoridades científicas norte-americanas e russas e os relatórios apresentados no famoso congresso de Astronáutica de Barcelona, de outubro de 1957, permitem estabelecer o horário de marcha do trajeto Terra-Lua. Mas quando se realizará essa viagem? Alguns falam no verão de 1958! Aquêles que conseguir realizá-la em primeiro lugar tornar-se-á por isso mesmo senhor do mundo?

1. FALHARAM OS RUSSOS NO ATINGIR A LUA ?

Em novembro de 1957, durante as festas de aniversário da revolução russa, misteriosos sinais foram interceptados pelas nove estações do «Minitrak System». Os norte-americanos dão este nome a uma barreira de antenas especiais, escalonadas da Flórida à América do Sul, para detectar de passagem, pela rádio-escuta, todo satélite artificial. Deferindo totalmente das emissões dos Sputniks, essas mensagens enfraqueciam-se rapidamente. Provinham, pensava-se, dum novo foguete que os russos teriam lançado à Lua. Nada fôra oficialmente anunciado. Acreditou-se então que o foguete havia falhado o alvo. Perdera-se no infinito ou na bola de fogo do sol.

Primeira ou falsa alerta, o acontecimento está no ar. Mas a viagem Terra-Lua, a mais prodigiosa façanha técnica da história, terá tanta utilidade científica quanto repercussão política.

2. PODE-SE VENCER A ATRAÇÃO TERRESTRE ?

Sim, melhorando-se as provas dos foguetes atuais, que já executam os 8.500 metros por segundo. E' preciso levá-los aos 11 quilômetros por segundo. E' esta a primeira condição de viagem. O veículo espacial se liberta então da atração terrestre e encami-

nha-se para o infinito. Dispõe-se de três meios: aumentar o impulso dos combustíveis motores, aumentar sua duração de marcha, acrescentar uma divisão suplementar aos foguetes triplicados, já empregados pelos Sputniks.

3. COMO VISAR A LUA ?

Para visar o astro como um alvo, em tiro direto, de pleno jacto, seria necessária uma precisão atualmente irrealizável. Com efeito, a cada minuto a Terra gira sobre si mesma um quarto de grau e a Lua desloca em 60 quilômetros em redor da Terra. O alvo-lua, por outra parte, é menor do que o olho no-lo mostra: aparece sob um ângulo de meio grau. De um diâmetro de 3.473 quilômetros, a Europa apenas, encontra-se a Lua a 384.000 quilômetros da Terra. O engenheiro-pirotecnico que lançasse o projétil Terra-Lua lembra um atirador que, tendo perdido sua carabina, só disporia de três ou quatro foguetes microscópicos que, engatados uns nos outros, partiriam sucessivamente, revolvendo-se para atingir um automóvel situado a 4 quilômetros! As desigualdades de combustão dos motores podem dar duas horas de avanço ou de atraso ao horário previsto. A precisão do tiro deve ser de um milésimo por cento. O «melhor fuzil» do mundo empalidece diante de semelhante recorde!

4. O DRAMA DO FOGUETE COMETA

Se o veículo espacial falha o



alvo, tendo esgotado seu combustível, comportar-se-á como um cometa, um «corpo morto» prisioneiro das leis supremas da astronomia e partido para sempre na direção do infinito, até que seja atraído por um astro qualquer...

Tôda liberdade de retorno à Terra estaria interdita aos astronautas.

5. COMO ATINGIR A LUA ?

Diante de tais riscos, o método a ser utilizado seria o de tiro de cima para baixo. O foguete, teleguiado ou pilotado pelo homem, atingirá o território limítrofe da Lua. Para atingir a vizinhança da Lua, lançar-se-ão satélites cada vez maiores, sobre trajetórias circunferenciais cada vez mais alongadas que, no seu ponto mais afastado, o apogeu, roçarão a Lua, e passarão mesmo por trás dela. Chegado à região do espaço, onde a atração lunar é mais forte que a da Terra, que diminui à medida que dela nos afastamos, o veículo espacial se dirigirá de novo, repondo em marcha seu motor de reação. Poderá assim corrigir sua trajetória, executar uma «cambalhota», soprar seu jacto de gás para a frente, o que lhe permitirá vencer a atração lunar, diminuir a velocidade e pousar, sem se rebentar contra o astro. E' o método de aterrissagem do Atar-Volante, que pousa sobre sua cauda de escapamento gasoso como sobre veludo. Um tripé de molas amortecerá ainda o contato com o solo. O veículo espacial se dirigirá de novo, repondo o corpo morto como um satélite, uma vez que sua reserva de combustível lhe permite a derradeira manobra. Segundo os projetos norte-americanos, russos e italianos, o veículo espacial terá três compartimentos: um para a tripulação e os dois outros para o combustível que alimenta os motores de reação (Fig. 6).

6. A VIAGEM TERRA-LUA

Pensam os peritos que a execução dessa viagem custará várias centenas de milhões de francos.

Tôdas as condições da viagem estão hoje conhecidas. A aceleração sofrida pelo foguete não ultrapassará de 4 a 5g (intensidade da gravidade) durante 500 segundos, cinco vezes a da gravidade, cifra tolerável para o corpo humano. O piloto ficará deitado sobre um divã, vestido com um macacão anti-g, análogo ao dos pilotos de aviões de caça. Dispositivos automáticos assegurarão o funcionamento do foguete de três ou quatro seções, como para os lançamentos de satélites. O papel do homem, bastante secundário para a pilotagem, só intervirá para as decisões e as medidas na derradeira fase da viagem.

Se o veículo espacial pesasse uma tonelada, o foguete que o lançaria pesaria pelo menos 800 toneladas e seu impulso ultrapassaria 1000 toneladas. Seria preciso duplicar esses números, se se utilizasse um veículo de duas toneladas. (O foguete russo que lançou o Sputnik II, de uma tonelada, tinha 400 toneladas de impulso). Ao fim de 300.000 segundos, terá o veículo percorrido os 9/10 do percurso. Terá atingido a zona de equilíbrio entre a atração terrestre e a atração lunar. Durante os 50.000 segundos seguintes, uma pilotagem eletrônica, vigiada por um piloto humano, manobrá a queda controlada.

7. OS RISCOS DA VIAGEM LUNAR

A aceleração e a falta de gravidade não são os perigos maiores que o piloto enfrentará. O veículo poderá ser protegido contra as temperaturas muito altas ou muito baixas, — 60° e + 500°, que reinam nas diversas zonas do espaço que terá de atravessar. O verdadeiro perigo será o bombardeio cósmico que sofrerá durante a ida e a volta. Os raios cósmicos, contra os quais é impossível proteger-se, são ainda enigmas. Um escudo protetor contra raios cósmicos pesaria tanto que tomaria para si todo o peso do veículo espacial. O colchão de ar que cerca a terra nos poupa parcialmente de seus efeitos mais nefastos. Mas chegando além da camada atmosférica num vazio quase total, expor-se-á mor-

talmente o astronauta. As medidas efetuadas pelos Sputniks e pelo satélite norte-americano nos trarão preciosas informações sobre a intensidade desses ínfimos projetis. O emprego de animais testemunhos é indispensável, porque a experiência do Major Davis C. Simons, que permaneceu trinta e duas horas nos confins da alta atmosfera, não é suficiente para concluir pela inexistência do perigo. Assim, ainda não está provado que a ação dos raios cósmicos não impeça por muito tempo as viagens pelo espaço.

8. BOMBA ATÔMICA CONTRA A LUA

Se lançarmos uma bomba A ou H que exploda sobre a Lua, a explosão projetará a mais de 40.000 quilômetros de altitude pedaços de rochas lunares. Observando a explosão no espectroscópio — explosão que, aliás, não

terá mais a forma duma nuvem-cogumelo — os observatórios terrestres poderão recolher preciosas indicações sobre a origem e a história da Lua. Verificar-se-á se, no começo do mundo, nossa vizinha se destacou da Terra ou ocupava o lugar dos nossos oceanos.

Puxados pela atração terrestre, esses destroços de explosão che-

gariam até nós, caindo ao acaso... Mas um segundo foguete teleguiado, seguindo o foguete-bomba, poderia passar na nuvem de explosão para apanhar destroços que traria para a terra. Antes de lançar uma bomba atômica, é provável que se lance um foguete de artifício cujo fogo será visível da terra.

9. A TV LUNAR

Um veículo espacial que gire em redor da Lua e possua uma câmara de televisão poderá transmitir à terra as fotografias lunares tomadas o mais perto possível. Cada metro quadrado da Lua cairá sob nosso olhar, notadamente a face da Lua que não vemos nunca, uma vez que esse astro gira sobre si mesma em vinte e oito dias, duração de sua revolução em torno da Terra.

(Continua na pag. 64)



Limpa e embeleza a cutis. Dá maravilhosa brancura e esplendor de juventude.



CREME
Rugol

MANTÉM EM SEGREDO SUA IDADE!



LEVE SEU RADIO

e espere consertá-lo.

RADIO TÉCNICA SANTA CRUZ

Avenida Brasil, 73 — Tel. 2-2983
Santa Efigênia — Belo Horizonte

Que prazer o descanso na poltrona mais confortável do Brasil, a legítima...



cadeira do papai

Nome e Linhas Patenteadas — Registro N.º 149799
RECUSE IMITAÇÕES NAS BOAS CASAS DO RARO
indústria de móveis "itá" ltda.
SÃO CAETANO DO SUL C. P. 4384 - SÃO PAULO

Enceradeira

A VIDA COM WALITA É MAIS DESCANSO!

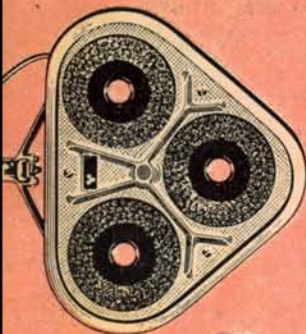


*mais
brilho*

**com menos
trabalho!**

ENCERADEIRA

Walita



3 escovas e 6 acessórios
sobressalentes! Revestimento
de borracha nas bordas,
para não riscar móveis
e paredes. Fio de 6 metros
de comprimento. O formato
de desenho especial permite
alcançar qualquer canto da
casa — mesmo sob os móveis!

A vida com Walita é outra coisa! Porque a Enceradeira Walita não "puxa" para os lados, nem "faz ondas" no assoalho. Encera e dá brilho com perfeição, sem nenhum trabalho. O seu motor é silencioso e resistente. Tudo isso quer dizer: Walita é mais descanso para a senhora.

**Walita — a mais completa linha de
aparelhos elétricos para o lar:**

Liquidificador e acessórios — Batedeira
de Bôlo — Aspirador de pó — Exaustores
— Ventiladores — Motor para Máquina
de Costura — Ferro Elétrico.

A venda com facilidades em seu revendedor Walita!

P.S.

Walita é garantia de mais de
1 milhão de aparelhos em todo
o Brasil, com motores desenhados
e fabricados exclusivamente
pela própria Walita.

ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S. A

— a maior fábrica de aparelhos elétrico-domésticos na América Latina

Rua Dr. Álvaro Alvim, 76 — Caixa Postal 8018 — São Paulo

Filiais: Rua México, 90 — 2.º andar — Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro, 1116 — 6.º andar — Porto Alegre

CORRE-ME, estuante, o sangue! E a alma, inquieta, gorjeia, como um pássaro alegre a voar de ramo em ramo! Que febre é esta em que, assim, cada vez mais, me inflamo? Que fogo celestial é este que me incendeia?

Que quer dizer em mim este ansioso reclamo? O' Terra, em flor! O' Céu, que o luar doira e prateia! O' Mar, que os braços d'água ergues à lua cheia! O' soluços do ocaso! O' risos d'alva: — Eu amo!

Como a vida é feliz, quando a esperança a ilude! Eu amo!... Há um roseiral de afeto florescendo no encantado jardim de minha juventude!

Sinto no coração festas de madrugada: — E' a alvorada do amor dentro d'ele rompendo e os meus versos cantando, ao romper da alvorada! (Raul Machado)

DE Augusto Frederico Schmidt — O amor é uma iluminação, e está em nós, contido em nós, e são sinais indiferentes e próximos que o acordam do seu sono súbitamente.

QUANDO tu puderes amar-me com a alma e o coração que admirei em ti; quando tu puderes amar-me com a sublimidade das cousas puras e nobres; quando tu puderes amar-me sem hesitações e mistérios; quando tu puderes amar-me com a inteligência privilegiada que possues, pois no verdadeiro Amor se comungam perfeitamente cérebro e coração, alça, então, o teu voo e encontrarás minh'alma nas alturas onde pairam os afetos mais sinceros e puros deste mundo egoísta e materializado. Mas, certamente, amor, não terás coragem. Tuas asas acovardadas se negarão a obedecer à tua vontade. Ser-te-á mais fácil, e ao teu ideal de amor, andar... engatinhar... tropeçar... cair... Aceitarás, indiferentemente, o que te possam oferecer. E não desejas mais que isso. Ou não o mereces. E lá, nos cumes da Pureza e da Sublimidade de um Amor que não coube dentro do mundo de hoje, ninguém me alcance talvez, pois raras são as almas que desejariam habitar tão perto do Céu! (Francisquinha Maciel)

DE Katherine Mansfield — Ligamo-nos um ao outro pela «aliança» do casamento e esta aliança é por assim dizer uma muralha que nos defende do mundo exterior. E' o nosso refúgio, o nosso abrigo. Lá dentro, a vida não nos fará mal. Lá dentro, desabrocharemos em paz...

FUGA

LEONOR TELLES

«Foi para proteger
a fraqueza que
Deus fez o amor...»



A experiência mostra que amar não é olhar um para o outro, mas olhar juntos na mesma direção. (Antoine Saint-Exupéry)

DE Arnaldo Voygt — Mesmo se longe estiveres um dia ao me chamares ao teu lado me encontrarei... E se em brumas estiver ou por trilhas da morte encontrar assim mesmo a te amar estarei... E se minhas mãos descarnadas vires nas tuas sendas confundirem, delas não te assustes pois se assim encontram são para destas aos teus espinhos apartar... E em sonhos espero... e peço com a força do meu amor de juntos seguirmos aos caminhos sem fim...

LÁGRIMAS de amor, são como os pingos da chuva a cair no mar. Vêm primeiramente levadas pelas nuvens da tempestade que rolam violentamente, depois vêm cair no abismo profundo do oceano. Mas esta gotazinha tão pura não se perde no turbilhão das águas turvas. Por um milagre Celeste, transforma-se numa delicada pérola, ficando para simbolizar a pureza. Assim são também as lágrimas do amor, que simbolizam o verdadeiro afeto. Ficam transformadas no coração de quem ama em: Felicidade. (Esmeralda de Castro Maia)

DE Willa Cather — Você sabe, Antônia, desde que deixei esta terra penso mais em você do que em qualquer outra pessoa desta parte do mundo. Gostaria de tê-la como namorada, ou mulher, ou mãe, ou irmã — o que de melhor a mulher pode ser para o homem. Você é uma parte do meu espírito; você influencia minhas simpatias e antipatias, meus gostos, centenas de vezes, sem que eu o suspeite. Você constitui realmente uma parte de mim mesmo.

QUANDO duas pessoas se amam, nunca dizem adeus... de verdade. Estarão sempre unidas, sempre amadas, apesar da distância, ou dos anos...

DE Helen Harrison — O amor para nós é como a primavera para as flores. Faz-nos desabrochar com mais graça, mais vida, mais encanto. Empréstamos um ar etéreo e fugaz de flor de breve duração. E quando nos abandona, ficamos como a flor emurchecida. Por mais que tentemos juntar as pétalas ao cálice, jamais reconstituiremos a flor em toda a sua graça e perfeição.

Um Monarca Regressa

Depois de mais de vinte anos de exílio, Luís XVIII regressaria à pátria. Mas, antes, Londres, dirigida pelo Príncipe Regente, lhe ofereceu uma festa de despedida de que jamais se haveria de esquecer.

ACIMA e abaixo de Piccadilly trotavam os Guardas de Corpo, tentando, com dificuldade, manter ordem na multidão vozeante e excitada. A banda regimental, clangorando dobrados marciais, acrescentava mais côr e barulho à alegre cena. Era o dia 20 de abril de 1814.

De cada janela e balcão, mesmo dos parapeitos das casas, debruçavam-se mulheres elegantes, acenando para suas amigas e apontando umas às outras as magníficas decorações. A comprida rua parecia uma correnteza de espinheiros com algo de branco enfeitando cada casa. Causava estranheza ver a côr de Bourbon drapejando por tôda parte na capital da Inglaterra, a tradicional inimiga da França.

Os que haviam chegado cedo tinham visto uma esplendorosa cavalcada desfilando pela estrada. Primeiro passou um destacamento do 11º de Dragões, depois uma imensa fileira de carruagens e cavaleiros e por fim a carruagem de viagem do Príncipe Regente, conduzida por seus postilhões com jaquetas brancas, chapéus brancos e três batedores com librés reais. Os mais felizes tinham conseguido vislumbrar dentro da carruagem Prinny, em uniforme completo de seu regimento, o 10º de Husardos e ergueram frenéticos vivas à sua passagem.

Depois que o brilhante cortejo passou, muitos ficaram a esperar-lhe a volta, enchendo o tempo com passar de mão em mão o admiradíssimo poema que o MORNING POST havia reimprimido a pedido, alguns dias antes. Expressava ele o que todos sentiam:

«Não mais inimiga, a Inglaterra auxílio dará
Quando a Cocarda Branca a França de volta
[aceitar].»

Estavam todos usando a Cocarda Branca e a guerra findara. Fôra Lorde Wellington, com suas estrondosas vitórias na Espanha, e a vitória dos Aliados em Leipzig, que afugentaram Napoleão de seu trono. Boney (apelido inglês de Bonaparte) dizia que havia encontrado a coroa da França na sarjeta e a havia apanhado com a ponta de sua espada. Tinha entregue sua espada agora e com ela a coroa. E quem melhor direito tinha de usá-la senão seu verdadeiro possuidor, Luís Estanislau Xavier de Bourbon? Assim dizia a bem-humorada multidão londrina, regosijando-se com as vitórias que havia ajudado a conquistar e triunfante ao pensar na paz afinal. Ora, os mais jovens mal podiam lembrar-se de um tempo sem guerra.

Mas agora estava Napoleão exilado na pequena ilha de Elba e com o velho Hookey — Wellington tinha uma dúzia de apelidos — no governo, poder-se-ia esperar uma longa era de paz. E Luís XVIII, Luís, o Desejado, que vivera tão tranqüila-

mente entre os londrinos durante anos, consolidaria a paz pela qual o mundo inteiro ansiava.

Por isso estavam todos hoje em Piccadilly para saudá-lo no seu regresso à França, a fim de assumir o lugar a que tinha direito na sua capital, Paris. O próprio Príncipe Regente fôra buscá-lo. Não seria a primeira vez que um Príncipe de Gales conduziria um Rei de França a Londres! Mas isso fôra diferente. Eduardo, o Príncipe Negro, conduziria o Rei João de França, através da cidade, para longos anos de prisão na Torre. Jorge, Príncipe de Gales, estava trazendo um aliado que se orgulhava de reconhecer que tudo devia à Inglaterra.

De modo que o povo esperava, enquanto passando a barreira de Paddington, atravessando a aldeia de Kilburn e ultrapassando a cidade de Edgware, tão enfeitada de bandeiras, flâmulas e fitas que parecia uma imensa feira, galopavam a carruagem real e sua escolta, até que atingiram a aldeia de Stanmore e, com um retinir de freio e de brida parou diante de Abercorn Arms.

Ao descer de sua carruagem foi o Príncipe recebido pela Duquesa de Angoulême, pálida, triste filha do assassinado Rei Luís XVI e de Maria Antonieta. Ao cumprimentar o príncipe, breve sorriso iluminou-lhe a face, mas até mesmo a alegria de hoje não conseguia banir a vermelhidão de seus olhos, fatigados do muito chorar. O Príncipe beijou-lhe a mão, depois voltou-se com seu majestoso encanto para saudar a diminuta comitiva de exilados.

Faltava somente o Rei e como a espera se foi prolongando, cresceu a ansiedade. Luís estivera passando mal de reumatismo; tinha 59 anos e era doente. Teria ocorrido alguma complicação naquele instante supremo? Afinal, vivas à distância tranqüilizaram o devotado grupo. A carruagem surgiu à vista, puxada, não por cavalos, mas por ingleses arreados entre os varais. O entusiasmo atingiu o delírio.

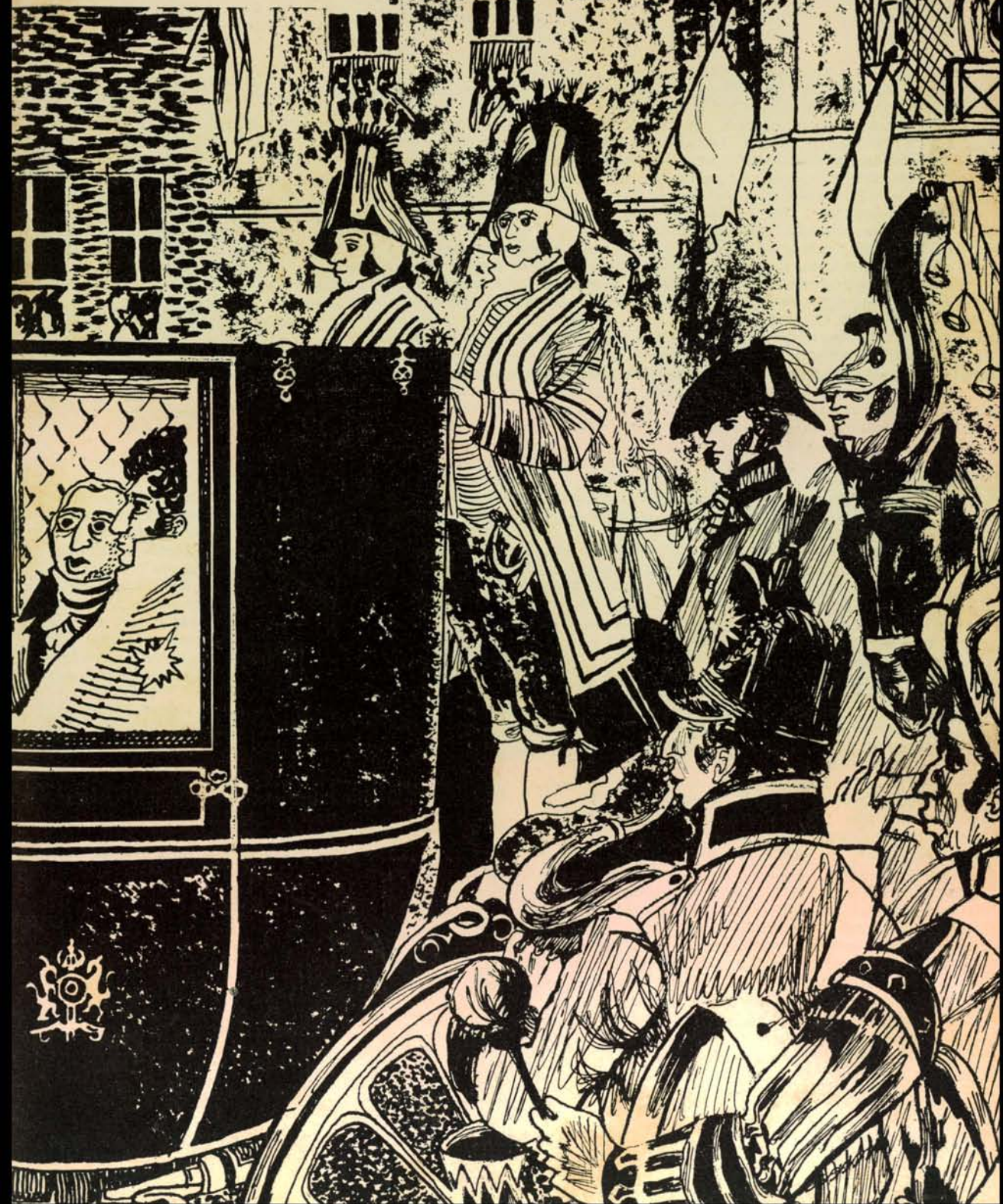
O Príncipe adiantou-se ao encontro do Rei a quem se dirigiu com graciosas palavras.

— Vossa Majestade permitir-me-á que lhe ofereça minhas congratulações pelo grande acontecimento que sempre foi um de meus mais ardentes sonhos, sonho, estou certo, partilhado por todos os ingleses. A felicidade e a alegria que acolherão Vossa Majestade em sua própria capital não poderão exceder as que são sentidas na Inglaterra pela restauração de Luís XVIII no trono de seus antepassados.

Dominado pela emoção, Luís curvou-se, agradecendo. Depois o Rei da França e o Príncipe Re-

(Continua na pag. 86)

à Pátria



Comparações perigosas

NA minha opinião, as atividades escolares das crianças andariam muito melhor se as suas professoras procurassem fugir ao hábito de chamar atenção para as notas melhores obtidas pelos seus irmãos mais velhos, ao cursarem as mesmas séries. Esse hábito, porém, é muito comum. As vezes, no mesmo dia em que entra para a escola, a professora corre a dizer ao aluno:

— Vamos ver, hem? No primeiro ano, seu irmão foi muito estudioso e aprendeu muito.

No princípio, essa observação casual parece não ter importância. O novo aluno, aparentemente, vai indo bem, e o seu primeiro boletim escolar demonstra um aproveitamento satisfatório. Mas, já no mês seguinte, a coisa muda de figura, quando o boletim informa: leitura «sofrível». Vai a mãe procurar a professora e ouve nada menos do que isto:

— E'... seu filho está um pouco atrasado. Tenho feito o possível para ver se ele aprende melhor... Acho que nem a senhora pode auxiliá-lo.

E acrescenta que, volta e meia, repete aquela observação quanto aos progressos do irmão mais velho. E assim, fica o problema equacionado: realmente, a criança está aprendendo muito devagar; mas, será que não existe mesmo nenhum recurso para fazê-la melhorar?

Antes de mais nada, é preciso considerar que a professora errou de três maneiras: primeiro, tomando um irmão mais velho como modelo; depois, dando à mãe uma falsa esperança, no primeiro boletim; e, finalmente, dizendo que a mãe não pode fazer nada para ajudar o filho.

Muitas crianças passam, secretamente, por verdadeiras torturas, ao verem os seus exercícios de aula comparados com os dos irmãos mais velhos. Isso ocorre não só na escola primária, ano após ano, mas no ginásio e mesmo no colégio. Não é à-toa que muitos adolescentes fazem tudo para não ir para o mesmo estabelecimento onde seus irmãos mais velhos estudaram e se distinguiram.

Tenho observado que muitas professoras e diretoras de escolas, procuram iludir os pais, dando-lhes falsas esperanças sobre uma criança que não se está saindo bem. Dizendo que «não se preocupem», elas não fazem mais do que adiar uma desilusão, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, os pais ficarão sabendo da verdade, e, então, pode ser que não haja mais tempo para se fazer alguma coisa.

Se uma criança não vai bem na escola, os seus pais têm o direito de saber disso. Têm o direito de saber se as dificuldades foram estudadas pela professora e se realmente ela está fazendo o que é humanamente possível para ajudar a criança. E' necessário dar-lhes uma indicação precisa sobre as dificuldades e sobre a maneira de contorná-las.

Dizer aos pais que não se preocupem e que, com o tempo, a criança vai vencer o período difícil, é uma prática, adotada em certas escolas, que precisa acabar quanto antes. Por outro lado, é indispensável, de nossa parte, como pais, que ponhamos de lado a falsa convicção de que a escola pode meter cérebros novos nas cabeças de nossos filhos.

— Garry C. Myers.



De Que Serve...

Continuação da pag. 59

10. QUE SE OBSERVARÁ PERTO DA LUA?

As 30.000 crateras que nela foram censuradas. Desde agora, na Califórnia, o telescópio do monte Palomar, o maior do mundo, permite observar a Lua como se estivesse ela a 300 quilômetros de nós. Uma das crateras, o circo de Clávio, tem 430 quilômetros de diâmetro, outras, 4 quilômetros apenas. Se a torre Eiffel fôsse transportada para a lua, poderíamos avistá-la.

11. QUANDO SE REALIZARÁ ESSA FAÇANHA?

Ao mais tardar de 1960 a 1961. Nessa época, conseguir-se-á lançar o primeiro satélite lunar que, «orbitando» em redor daquele astro, levará séculos a se desintegrar, pois nenhuma atmosfera virá modificar sua trajetória e sua altitude. Lançar-se-ão satélites terrestres cada vez maiores, que se aproximarão sem cessar da Lua; um deles mudará de missão no fim de curso e deixará-se-á aprisionar pela atração da Lua, para tornar-se seu satélite. Essas experiências custarão centenas de milhões.

12. QUE SE ENCONTRARÁ NA LUA?

Uma noite dura catorze dias, a uma temperatura de 153° abaixo de zero, a do ar líquido. Um dia lunar corresponde a catorze dias terrestres numa temperatura de cerca de 100°, a da água fervente. Reinam essas condições na zona equatorial lunar, a mais brutalmente exposta aos raios do sol. Para se proteger, os astronautas se refugiarão perto das calotas polares. Sobre a Lua, cuja densidade é de 3,3 (3/5 da densidade terrestre), a gravidade é a sexta parte da nossa. O quilo só pesa 166 gramas e o homem 12 quilos. Como sua força muscular permanecerá imutável, os astronautas serão capazes de proezas surpreendentes. Lançar de um só golpe uma bola a mais de um quilômetro, saltar de pés juntos um penhasco, escalar quase sem fadiga os Himalaias lunares que atingem a 9.000 metros (Monte Leibnitz).

Como a Lua não tem atmosfera, vegetação, os astronautas levarão seu alimento (líquidos nutritivos) e, nas costas de seu escafandro, a reserva de oxigênio necessária à respiração. Sem ar e sem núvens, o céu lunar está constantemente negro e picado

(Conclui na pag. 72)

"Conversível 59"

Novo Baton Automático de Helena Rubinstein



Baton Conversível 59

"CONVERSÍVEL 59", sensacional conjunto de Estôjo e Baton independentes, de reposição automática, para você variar as cores à vontade. "CONVERSÍVEL 59", dois revolucionários Estojos, inspirados em jóias pessoais de Helena Rubinstein, luxuosos, requintados... práticos.

"CONVERSÍVEL 59", Baton de concepção inteiramente inédita, encaixa-se e se retira do Estôjo "Conversível 59", sem manchar os dedos, sem amassar ou se deformar, voltando ao uso quando você quiser.

"CONVERSÍVEL 59" dá aos lábios preciosa umidade, desenho encantador e suntuoso brilho, por muitas e muitas horas. Dez tonalidades ricas, vibrantes e modernas, incluindo *três novas cores*: "Opalescent", "Mandarin" e "Flamboyant", para uma nova e irresistível fascinação.



Estôjo Eldorado



Estôjo Imperial

Helena Rubinstein

a maior autoridade mundial em assuntos de beleza



Distinto modelo em lã tecida em ponto de tricô, imitando renda, discretamente enfeitado com fios metálicos. A faixa completa-lhe a elegância.



Aqui, um vestido sem mangas, acompanhado por um casaco de malha. É o modelo ideal para a tarde. Note-se o laço que enfeita o decote.

O problema da ALTURA

QUAL seria a altura ideal?

Para a maioria das mulheres pertencentes à classe média, ser mais alta é sempre desejável. Não resta dúvida que a moça mais alta tem algumas vantagens sobre a irmã mais baixa. Mas, por outro lado, é muito difícil para ela ir a uma loja e comprar um vestido que lhe sirva bem, com a mesma facilidade que as do grupo médio.

Por essa razão, estes modelos, confeccionados em tricô de lã, foram criados especialmente para as moças mais altas e serão uma grande novidade, particularmente para as senhoras que pertencem a esta categoria. Cada modelo chama a atenção para a saia mais comprida, bem como para a manga e a cintura. Em alguns casos, tronco pequeno e pernas exageradamente compridas complicam a adaptação do problema, que também pode ser resolvido com o uso dessas roupas, por causa de um cós elástico que se ajusta bem ao corpo.

— Susan Barden.

Este elegante
vestido
em duas peças,
feito de lã tecida
com ponto
de tricô,
traduz
distinção e graça
e é facilmente
ajustável
à forma do corpo.





Um vestido muito adequado para a recepção vespertina: confeccionado em tecido adamascado, com um decote em V, nas costas a saia apanhada em pregas. O desenho é do estilo clássico.

Recepção e Coquetel

Retrato de uma dama à espera dos convidados: vestido de renda, sem gola e com mangas três quartos, enfeitado com botões, no corpo, e apanhado, na cintura, por um cinto de cetim.



Este modelo é para uma reunião menos formal. Tecido branco de lã, num vestido leve, com blusa decotada e uma faixa pouco abaixo da cintura. As manguas são apertadas com «sanfonas».





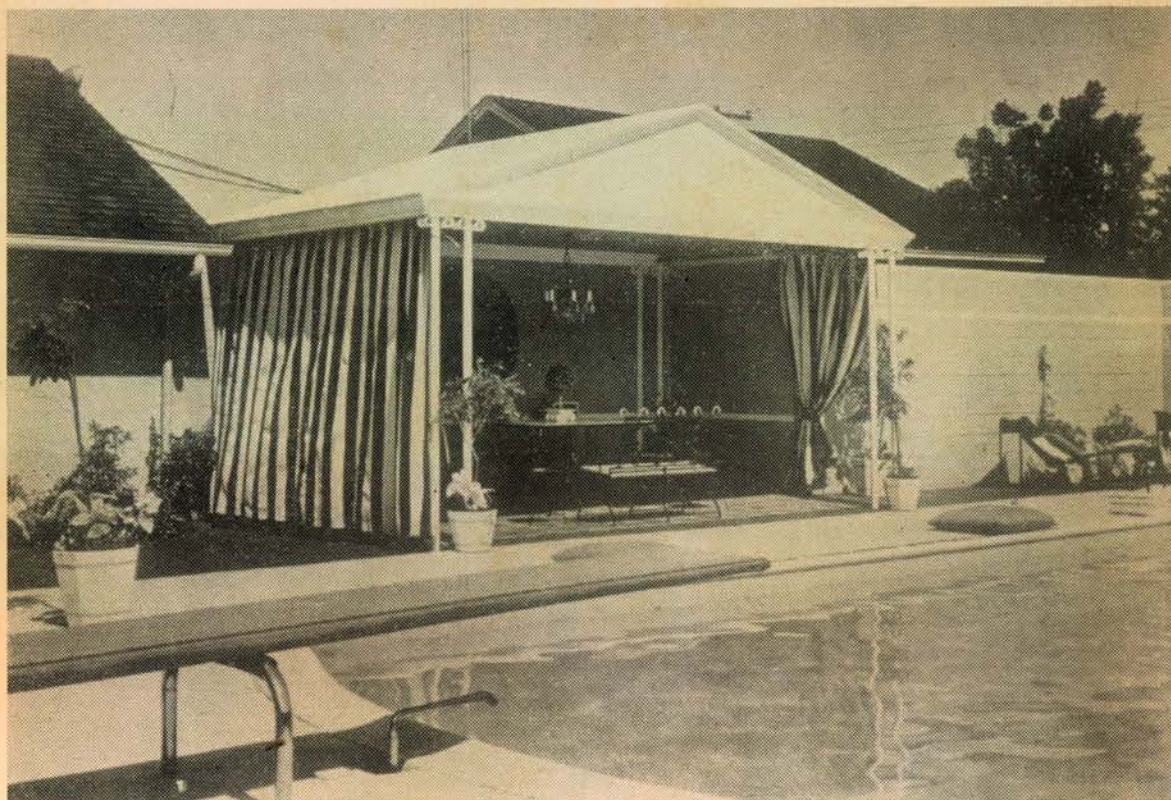
Aqui, as limitações representadas pelas colunas e desvãos são superadas com o aproveitamento integral dos próprios "defeitos". A pilastra, que se prolonga numa jardineira de meia altura, separa a sala de visitas, mobiliado em estilo antigo, da sala de estar, em estilo moderno.

Este recanto — antes, um defeito — veio a propósito para o arranjo de uma sala de estar e de leitura, em estilo moderníssimo. A divisão funcional, feita com uma grade de madeira preta, é apenas um artifício engenhoso para disfarçar o ângulo formado pelas paredes. Detalhe digno de nota é a estante para livros, seguindo toda a extensão da parede, na linha do peitoril da janela.



Três Problemas Comuns

Geralmente, ao fazer-se a decoração de um apartamento ou de uma casa construída para outros gostos, encontram-se problemas que, à primeira vista, parecem difíceis. E' uma parede maior do que se esperava, um desvão com o qual não se contava, uma pilastra colocada em condições desvantajosas; ou um jardim mal planejado, um terraço sem sombra, etc. Aqui estão duas sugestões aplicáveis em casos assim, nos interiores; e uma que resolve o problema de abrigo, fora da casa.



Ao lado da piscina — um complemento que se vai tornando indispensável, nas residências modernas — o decorador encontrou jeito de construir um excelente abrigo que é, ao mesmo tempo, arejado e íntimo. Cortinas de lona de largas listras pretas e brancas protegem o abrigo, que pode ser utilizado para refeições diárias.

De Que Serve Ir à Lua?

Conclusão da pag. 64

de estrelas. A Terra lá aparece brilhante e cercada de vastas formações nebulosas.

13. QUANDO IRÁ O HOMEM À LUA E O QUE FARÁ LÁ?

Antes de 1965, O professor Rabi pensa que a data será mais aproximada ainda: 1963. Assim que a viagem Terra-Lua se tornar uma rotina, será preciso transportar para aquele astro uma central atômica «de bolso», que fornecerá a corrente elétrica. No longínquo futuro, pensa-se retirar a água contida nas rochas lunares, ricas de silicatos e de magnésio (13%). Alguns ousam mesmo imaginar que um dia chegará em que se criará uma atmosfera artificial em redor da Lua, a fim de permitir que o homem nela possa respirar sem escafandro. Tal projeto frisa pela utopia.

Mas encontrar-se-ão na Lua certamente coisas que a ciência ignora ainda. Cristóvão Colombo, ao deixar a Espanha, acreditava ir para as Índias e descobriu a América. Será sem dúvida

a mesma coisa para os primeiros terrestres que desembarcarem na Lua. Poder-se-á em dia bem distante instalar um observatório que, aproveitando a transparência do céu, fará observações excepcionalmente nítidas. Mas antes dessa data, estações espaciais, munidas de telescópios, permitirão tais observações. Sinais óticos lunares poderão ser percebidos da Terra, podendo as mensagens de rádio omitidas pela Lua ser perturbadas pela camada elétrica da ionosfera que cerca o globo.

Todos os peritos concordam em reconhecer que o interesse de uma ocupação da Lua, para nela se instalarem rampas de lançamento de foguetes, é muito fraco. Foguetes lunares, lançados contra nós, com uma simples velocidade de 3 quilômetros por segundo, seriam rapidamente atraídos pelo nosso planeta, mas seria muito difícil dirigi-los contra tal ou qual nação, evitando os oceanos ou a desintegração devida ao atrito contra nossa atmosfera.

14. COMO REGRESSAR À TERRA?: E COMO ATINGI-LA SEM CATASTROFE?

E' preciso pôr de novo o motor de reação em marcha e imprimir ao foguete uma velocidade de 2,5 quilômetros por segundo. Assim que se tiver atingido a zona em que a atração terrestre se torna preponderante, o veículo cairá na direção da Terra a uma velocidade vertiginosa.

Como para pousar na lua, será preciso neutralizar a atração terrestre com um motor funcionando inverso à contra-reação, soprando de trás para diante do veículo projetil. Mas esse processo seria ruinoso, toneladas de combustível teriam de ser queimadas para retardar o veículo de mais 11 quilômetros-segundo. A melhor solução é o voo planado. O veículo espacial ricocheteará sobre a alta atmosfera, retardando-se por atritos, subindo depois a pulsos sucessivos para se resfriar até o momento em que poderá aterrisar como um planador comum.



quase um sonho...
ficar assim em silêncio,
ouvindo música,
fumando

hollywood

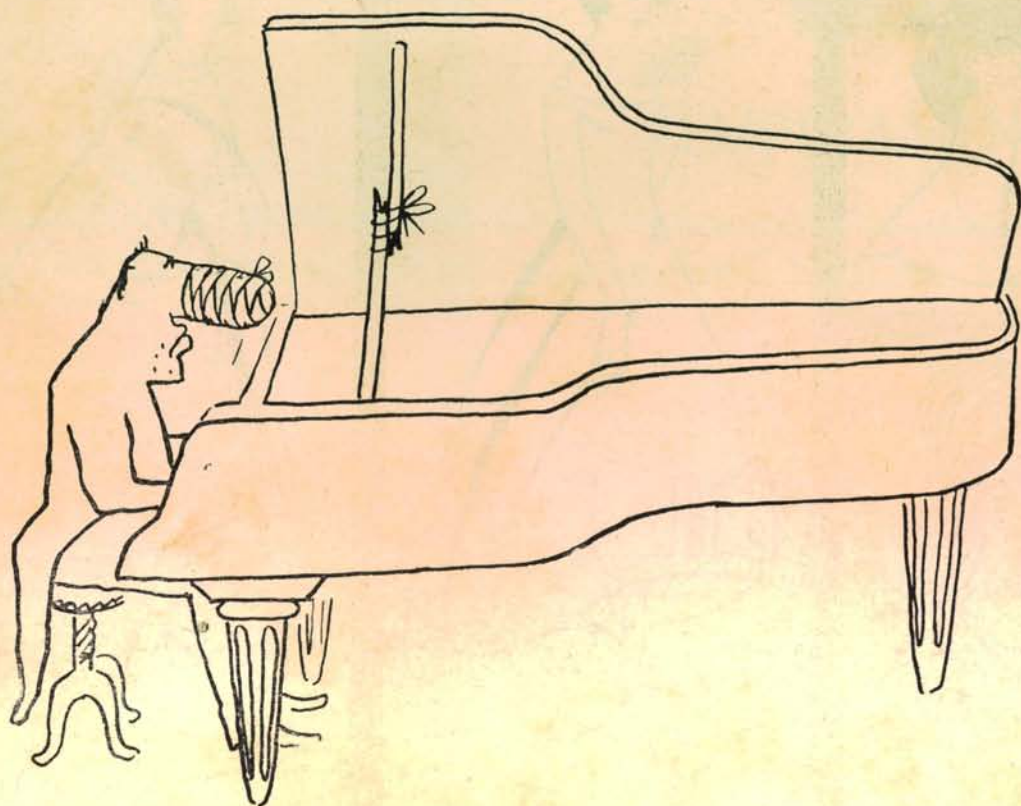
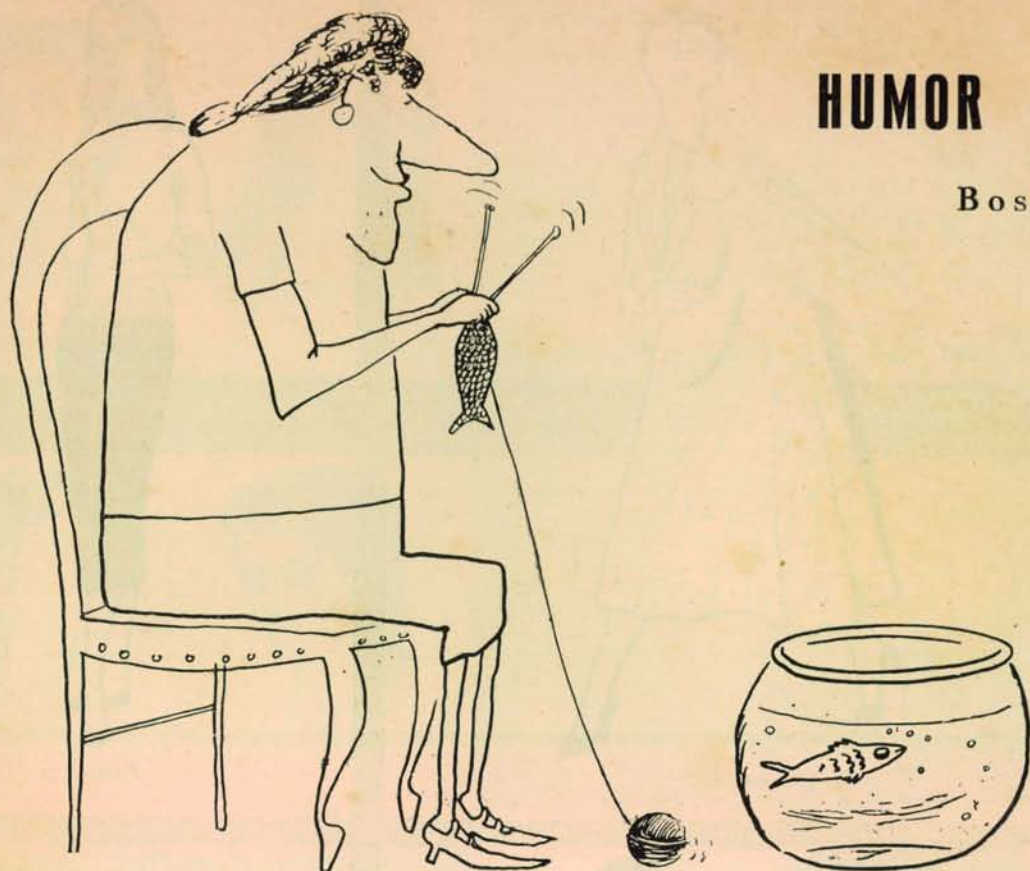


Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

HUMOR

Bosc





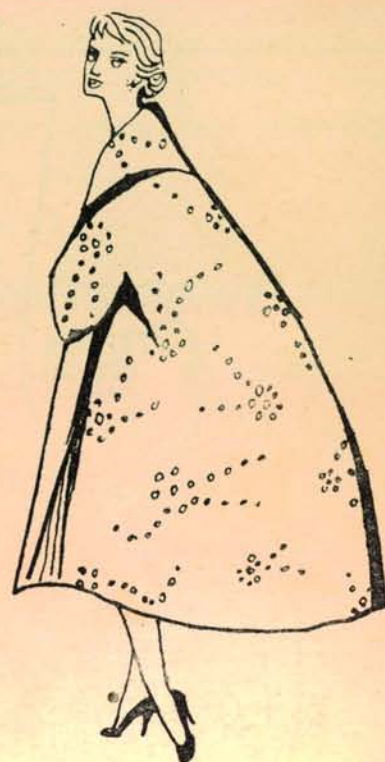
Dinâmica



Artista

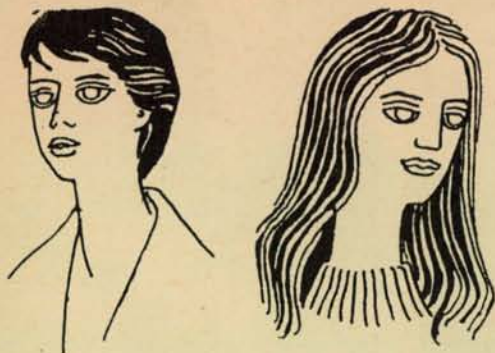


Romântica



Coquete





Intellectual



Modesta

BAZAR
feminino

TEMPERAMENTOS

É FÁCIL determinar o temperamento de uma pequena, tendo-se em vista o seu modo de vestir-se, de pentear-se, de maquilar-se. Com efeito, nessas coisas ela emprega elementos que a fazem ser o que deseja ou parecer o que é... e isso não deixa de ser uma forma de sinceridade.

A Dinâmica

Cabelos curtos, ao vento, vestidos folgados, cômodos.

A Artista

Penteado estilizado, cabelos quase sempre lisos, vestido "à la bohème".

A Modesta

Penteado, pintura, roupa, calçado — tudo simples, sem chamar a atenção. Aliás, é uma razão pela qual se destaca.

A Romântica

Penteado e vestido de estilo, não dispensa os acessórios românticos — o leque, a cruzinha, etc.

A Coquete

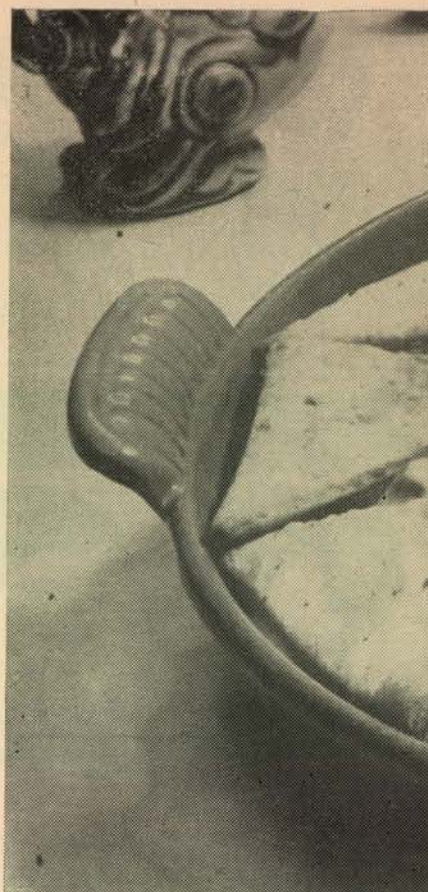
Penteado, roupas, acessórios — tudo no "dernier cri" — e a mais recente novidade em matéria de maquilagem.

A Intellectual

Sem chegar à simplicidade um tanto rebuscada da artista, pouco se dá à coqueteria, não usa babados, nem laços, nem flôres; prefere o penteado mais simples.



*Eis uma sobremesa que, realmente, causará ótima impressão :
"torta-chiffon" de manteiga, com pedacinhos de abacaxi.*



ARTE
CULINÁRIA

Vegetais dão melhor gosto

Aqui estão duas receitas inteiramente diferentes do comum. Todas são feitas à base de temperos vegetais e você vai arrancar aplausos de toda a família, se apresentá-las numa das próximas refeições.

Galinha «à La King» com Massinhas de Cheiro

- | | |
|--|--|
| 1/2 xícara de «champignons»
(cogumelos) picados | 2 xícaras de leite |
| 1/4 de xícara de pimentões picados | 1 gema de ovo |
| 7 colheres de sopa de manteiga | 2 colheres de sopa de pimenta de cheiro picada |
| 5 colheres de sopa de farinha | 2 xícaras de pedacinhos (cozidos) de galinha |
| 1 colher de chá de sal | 1 colher de essência de vinho (seco) |
| 1 pitada de pimenta do reino | |

Doure os cogumelos e os pedaços de pimentão em 2 colheres de manteiga, até ficarem bem macios.

Derreta a manteiga restante, em fogo brando, e junte a fari-

nha, o sal e a pimenta do reino.

Adicione o leite e o creme, lentamente, e deixe cozinhar, mexendo constantemente, até o molho ficar com uma boa consistência.

Bata a gema de ovo, junte-lhe um pouco do molho quente e misture bem.

Devolva a mistura para a vasilha do molho e cozinhe, em banho-maria, mexendo constantemente, durante mais uns dois minutos (começando a contar depois que a água do banho-maria começar a ferver).

Junte a pimenta de cheiro, os pedacinhos de galinha e a essência de vinho, aqueça e ponha no prato que irá à mesa.

Enfeite com massinhas e algumas folhas de salsa.



Os triângulozinhos de massa dão um aspecto novo à deliciosa "galinha à la King".

Massinhas de Cheiro Verde

1 xícara de farinha de trigo
peneirada
1/4 de colher de chá de sal
1/4 de colher de chá de
rosmaninho

1/4 de colher de chá de manjerona
1/4 de colher de chá de
manjeriço
1/3 de xícara de manteiga
água fria

Combine a farinha, o sal e os
cheiros verdes (rosmaninho, etc.).
Junte a manteiga e adicione um

pouco d'água, para obter uma boa
massa.

Abra a massa numa superfície

levemente recoberta com fari-
nha.

Corte em triângulos ou em
qualquer outra forma, e perfure
a superfície com os dentes de
um garfo.

Asse em forno quente durante
dez minutos ou até ficarem cora-
dos.

«Torta-Chiffon» de Manteiga

1 envelope de gelatina sem
sabor
1/4 de xícara de água fria
1 colher de sopa de polvilho
1/2 xícara de açúcar
1 3/4 de xícara de manteiga
sem sal

3 ovos
1 colher de chá de casca de
limão ralada
2 colheres de sopa de caldo de limão
1 abacaxi cortado em pedacinhos
capa para uma torta, com uns
25 cm de diâmetro

Derreta a gelatina em 1/4 de
chicara de água fria.

Misture o polvilho, o sal e a
metade do açúcar, junte a man-
teiga e cozinhe em banho-maria,
mexendo constantemente.

Adicione a gelatina, e continue

mexendo, até esta dissolver-se.

Bata as gemas, junte lenta-
mente a mistura anterior e co-
zinhe (ainda em banho-maria),
durante 3 minutos.

Junte a casca ralada e o caldo
de limão, e deixe esfriar, até co-

meçar a endurecer (de preferên-
cia, colocando na geladeira).

Bata as claras em neve.

Gradualmente, junte o açúcar
restante, batendo constantemen-
te, e adicione à mistura de ge-
latina.

Escorra o caldo dos pedacinhos
de abacaxi, e reserve uma parte
dêstes para o enfeite da torta.

Coloque o recheio na massa
para torta, já assada, cubra com
a manteiga sem sal e deixe na
geladeira, até ficar bem firme.

Enfeite com os pedacinhos res-
tantes de abacaxi e com cerejas,
se desejar.



No roteiro do sábado, houve

O CRIME NÃO COMPENSA

uma hora de tragédia!

UM CORPO DENTRO DO ARMÁRIO

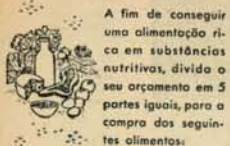
POR vários dias, Juliette Drouat tinha sentido um cheiro forte e persistente, ao se ocupar de suas tarefas de arrumadeira, na casa do Dr. Pierre Moinet, em Paris. Era um odor não identificado, ainda assim mais ativo e constante quando a doméstica procedia à limpeza do consultório onde o patrão atendia a seus clientes. Mas, no dia 2 de novembro de 1957, Juliette perdeu a paciência, e, vencendo os seus escrúpulos, decidiu arrombar um dos armários do consultório. Fêz como pensara, e, por recompensa, levou um susto e teve de comparecer à polícia: dentro do armário havia o cadáver de um homem.

A própria doméstica encarregou-se de notificar as autoridades parisienses acerca da macabra descoberta. Comparecendo à casa do médico, um grupo de policiais não teve dificuldades em identificar o cadáver como sendo de Gustave Aupetiot, pois já era sabido que, havia três semanas, aquele cidadão desaparecera do seu domicílio conjugal. Em face das circunstâncias, procedeu-se, imediatamente, à detenção do Dr. Pierre Moinet, iniciando-se, então, os contraditórios debates que deram ao caso um aspecto sensacional.

Sem demora, fêz-se um levantamento da vida pregressa das pessoas de um modo ou de outro envolvidas no crime. Gustave Aupetiot era amigo e cliente do Dr. Pierre Moinet, com quem estava se tratando, de certa moléstia contraída — segundo se afirmava — anos atrás. Ora, chamada a depor, a viúva de Aupetiot opôs formal desmentido àquele fato, explicando que, em 3 anos de casamento, jamais soubera de qualquer doença na pessoa do marido. A contradição suscitada era de todo importante, porque o Dr. Pierre declarou que, todos os sábados, pela manhã, Gustave comparecia a seu

PRINCÍPIOS DE SAÚDE:

Boa Alimentação e ...



A fim de conseguir uma alimentação rica em substâncias nutritivas, divida o seu orçamento em 5 partes iguais, para a compra dos seguintes alimentos:

1. verduras e frutas
2. leite, manteiga e queijo
3. carne e ovos
4. pão e cereais (aveia, trigo, milho e arroz)
5. gordura, açúcar, café, batatas, mandioca, cará, feijão, ervilha, etc.

(Conforme o Dept. de Saúde do Estado de São Paulo - Seção de Propaganda e Educação Sanitária).

Boa Cama



CAMA MODELO COLONIAL

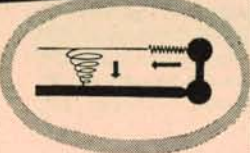
Cama Faixa Azul

- a única legítima Cama-Patente
- a única tecnicamente perfeita

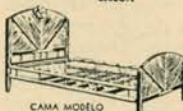
Tão importante para a saúde como uma alimentação nutritiva é um sono tranqüilo, reparador das energias. E para tanto tornar-se indispensável uma cama que realmente ofereça o necessário conforto: uma CAMA FAIXA AZUL. Usada por mais de 5 milhões de brasileiros e famosa há 40 anos, a CAMA FAIXA AZUL assegura repouso perfeito - é certeza de bem-estar integral.

O FAMOSO MOLEJO DE DUPLA AÇÃO

com molas verticais e horizontais, tecnicamente distribuídas, garante posição correta do corpo e o máximo conforto, usando-se colchão de molas ou do tipo comum.



CAMA MODELO LERLON



CAMA MODELO SELETA C/ ENTALHE



CAMA MODELO AUGUSTA



BERCO ROUCO MODELO 56

À VENDA EM TÓDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

IND. CAMA-PATENTE L. LISCIÓ S/A.

MATRIZ, FÁBRICA E ESCRITÓRIO: Rua Rodolfo Miranda, 97 - Caixa Postal, 7145 - São Paulo

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Figueira de Melo, 307
Luar: R. 7 de Setembro, 177

PORTO ALEGRE
Rua 7 de Setembro, 722
Rua Marechal Floriano, 283

BELO HORIZONTE
Rua Espírito Santo, 210
JUIZ DE FORA

Rua Melfe, 373
MACEIO
R. Paul Domingos Macedo, 291/47

RECIFE
Avenida Cruz Cabugá, 478
FORTALEZA

Rua Padre Valderino, 920
SALVADOR
Av. Fernandes de Azeite, 99/109

CAMPO MOURÃO
Serra Norte do Paraná

VILA ELVIO - PIEDADE
Fábrica de Cadeiras
"Faixa Azul" e Fazenda
Agrícola Industrial

ARTO-ARTUAL 3237

consultório, para submeter-se a um tratamento específico.

Vejamos como esse detalhe era importante. Após se enviuvar, o Dr. Pierre Moinet tinha passado a levar uma vida irregular, freqüentando rodas suspeitas, endividando-se por empréstimos, e mantendo ligação amorosa com certa mulher, chamada Alberte Paginot, desinteressada amiga de Gustave Aupetiot. Esse, talvez por ser bancário, recebera o encargo de descontar, nas manhãs de sábado, um cheque de considerável importância, em nome de Alberte. E o médico sabia que o seu cliente cumpria essa tarefa com fiel regularidade.

O Dr. Pierre, em suas declarações, admitira que Aupetiot tinha morrido no seu consultório. Por outro lado, o banco onde o morto trabalhara escla-receu que, todo sábado, Gustave pedia licença para ausentar-se, a fim de submeter-se a tratamento médico. Segundo Moinet, naquele sábado, 12 de outubro de 1957, Aupetiot entrara no seu consultório às 8 horas da manhã, como de costume. Dizendo-se com uma pontada no peito, o cliente revelara que não estava disposto a tomar a injeção usada no seu tratamento. Ainda assim, o facultativo decidira aplicá-la, em duas doses, a segunda quando Aupetiot regressasse do banco onde iria descontar o cheque de Alberte.

O médico aguardava o retorno do cliente para as 11,15, mas quando ele apareceu no consultório eram 12,45 da manhã. Vinha com a fisionomia desfeita, e, de pronto, solicitou ao médico um empréstimo de 600.000 francos. Sem comentários, Moinet aplicou-lhe a injeção, e, após, pediu licença para sair, dizendo que ia em busca de um certo Feuillet, a fim de obter com ele a soma desejada pelo amigo. De regresso, sem conseguir encontrar o possível emprestador, o médico — como explicou — deu com Aupetiot estirado num sofá do consultório, agonizando. Apressadamente, chamou a sua enfermeira, mandando-a em busca de um contraveneno, por acreditar que o cliente tentara suicidar-se no consultório; ora, quando a moça trouxera a medicação, Gustave estava exalando o derradeiro suspiro. Por rápido exame na pasta do morto, Moinet verificou que o dinheiro sacado mediante o cheque de Alberte tinha desaparecido, aparecendo no seu lugar um maço de jornais velhos. Além do mais, arrecadou do bôlso de Aupetiot um bilhete assim redigido: «Você faltou ao nosso encontro de ontem. Lembre-se que, amanhã, no mais tardar, preciso dos prometidos 200.000 francos. Claude».

Prosseguindo no seu relato, Moinet explicara como, instantes depois, tinha percebido sua responsabilidade por um engano fatal: Gustave não se suicidara; falecera em consequência de um falso diagnóstico; o contraveneno o matara. Sentira, então, que só contava com uma alternativa: defender a sua reputação de médico e a memória do morto. Em face disso, julgara desaconselhável notificar a polícia. Mas, o que fazer? Tomara a imediata decisão de esconder o cadáver no armário!

* * *

Conhecida a versão de Moinet, a polícia passou a concatenar, por diligências e testemunhos, os elementos hábeis para confirmá-la ou desmentí-la. Ora, após a morte de Aupetiot, o médico, em companhia de sua amiga Alberte, entrara num carrossel de farras noturnas e visitas a joalherias, comprando anéis e objetos de alto preço. Certo dia, porém, não tivera o propósito de comprar, mas de vender, tanto assim que cedera a um joalheiro uma caixa de relógio, toda em ouro de alto quilate. O número de série do objeto era quase

(Conclui na pag. 56)

Para Você
a elegância • o conforto • a beleza de

Nailotex



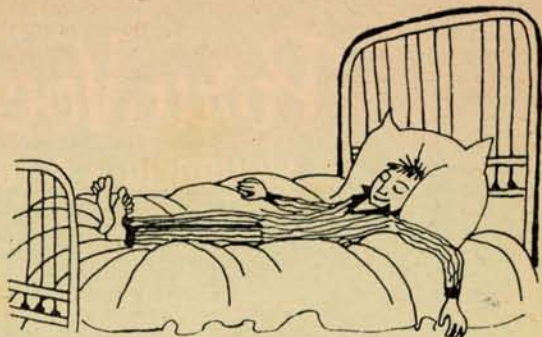
Numa variedade de modernas
côres, as novas criações NAI-
LOTEx estão mais lindas do
que nunca. Para suas mais finas
toilettes... ou para sua máxima
elegância na intimidade... prefira

Nailotex

— um sonho feito nylon



O SONHO - uma segunda vida



ALGUM tempo depois da descoberta da rádio-atividade, pelo casal Curie, o cientista dinamarquês Niels Bohr entregou-se febrilmente à tarefa de construir um modelo do átomo. Certa noite, teve ele um sonho estranho, no qual se viu transportado para um sol de gás incandescente diante do qual cruzavam, assobiando, vários planetas. De repente, o gás tornou-se sólido e os planetas puseram-se a girar em torno dele. No mesmo instante, Niels Bohr acordou sobressaltado e compreendeu que havia descoberto, enquanto dormia, o seu famoso modelo do átomo. O "sol" de seu sonho era o núcleo fixo em torno do qual giravam os elétrons a toda velocidade. Assim, a teoria destinada a abrir a era do átomo nasceu de um simples sonho, essa atividade secreta do nosso cérebro, sobre a qual a ciência, há séculos, vem fazendo interrogações.

Foi repousando numa hospedaria de La Spezia que Ricardo Wagner ouviu toda a *ouverture* de "Ouro do Reno"; foi em sonhos que Haendel compôs o cântico final de seu oratório "O Messias", e que Stevenson teve a idéia para o romance "O Médico e o Monstro".

Com base nesses e em muitos outros exemplos conhecidos, os cientistas passaram a fazer experiências sobre uma futura pedagogia do sonho, procurando encontrar o meio de gravar livros, tratados e manuais, durante o sono. Os resultados até hoje obtidos, notadamente nos Estados Unidos, ainda são parciais e fragmentários, mas já podem levar a algumas conclusões interessantes.

Parece claro que o cérebro só pode desenvolver as noções já conhecidas. Assim, o especialista em cibernética, Norbert Wiener, possui o dom de dormir, em pleno curso de uma conferência, sem perder o fio da discussão; e, ao acordar, é capaz de retomar a palavra, apartando os seus colegas, se for o caso.

Certo dia, o grande poeta inglês Samuel T. Coleridge dormiu ao ler um livro de história. Ao ser vencido pelo sono, ele acabava de passar por um pequeno trecho, a propósito de um imperador chinês que construiu palácios maravilhosos. Em sonho, viu surgirem imagens nítidas e precisas e ouviu cerca de trezentos versos de um poema, cuja lembrança foi tão viva que,

ao acordar, ele pôde transcrevê-lo, palavra por palavra. "Kublai Khan" foi o nome dado ao poema, que se tornou a obra-prima de Coleridge e passou a figurar como um dos maiores tesouros da língua inglesa. A imaginação do poeta havia tecido maravilhas sobre a ligeira tela fornecida pela realidade: uma frase impressa dera o tema, o sonho fizera as variações.

Mais notável ainda foi o que ocorreu ao grande naturalista suíço Luís Agassiz, celebrizado pelos seus trabalhos sobre fósseis. Havia 15 dias que ele vinha tentando, em vão, reconstituir um peixe de espécie desaparecida, com base nos desenhos imprecisos deixados num bloco de ardósia. Quebrar o bloco não era possível, sob pena de perder outros detalhes que porventura estivessem ocultos dentro da pedra. Uma noite, ele acordou bruscamente, imaginando ter sonhado com os detalhes que faltavam no fóssil. Todavia, no momento de anotar as revelações do sonho, a imagem desapareceu, e ele, procurando a pedra, para ver se conseguia encontrar os elementos que haviam fugido da sua visão, não logrou melhor resultado. Veio a noite, ele voltou a sonhar com o fóssil, mas, pela manhã, havia esquecido de novo os detalhes. "Esperei — escreveu ele — que uma terceira visão noturna me trouxesse a chave do mistério. Antes de dormir, coloquei ao alcance da mão uma folha de papel e um lápis, para transcrever o que visse, ao correr da noite. Quase ao amanhecer, com efeito, vi o peixe tão distintamente que pude distinguir todos os seus caracteres geológicos. No limite entre o sono e a vigília, e na obscuridade mais completa, desenhei no papel todos os caracteres revelados por minha visão". Pouco depois, pôde ele verificar no bloco de ardósia a impressão completa do peixe, encontrando assim a chave para desbastar a ardósia sem destruir o fóssil. Tudo se passara como se os elementos do problema, embaralhados no espírito do cientista, houvessem sido postos em ordem pela pausa do sono.

A luz dessas histórias, pode compreender-se por que a ciência tem multiplicado as suas investigações, para devassar os seus mistérios e, sobretudo, controlar o sonho, se possível. Pois não há dúvida de que seria uma dádiva preciosa para os cientistas, se, durante o sono — a terça parte de suas vidas — pudessem elucidar os seus problemas.

Já existem métodos para sonhar, cientificamente estabelecidos. Um deles, como veremos, está em perfeita harmonia com as conclusões da ciência, mas, para compreendê-lo melhor, é necessário passar em revista as descobertas mais recentes — numerosas e, não raro, perturbadoras.

O Dr. N. Kleitman, da Universidade de Chicago, mediu, pelo eletro-cardiograma, as correntes cerebrais de alguns pacientes voluntários, bem como o movimento da pupila do olho, constatando que o sonho, mesmo que pareça durar alguns segundos ou



várias horas, dura de fato de três a cinquenta minutos, e pode ser modificado pelos movimentos do corpo, os ruídos exteriores, a atividade visceral, a pulsação rápida, as modificações de temperatura. A posição de costas favorece, acrescentou ele, os sonhos detalhados, e a mulher tem sonhos mais coloridos que o homem, sem dúvida porque secreta maior quantidade de hormônios. E' que, na mulher, a glândula hipófise é mais ativa que no homem, tendo, ao que se presume, papel importante nas vibrações da vida psíquica.

Para os cientistas russos da escola pavloviana, todo sonho depende de condições exteriores. Afir-mam isso com base em experiências realizadas no Instituto dos Sonhos, de Moscou, durante as quais os pacientes, enquanto dormem, são submetidos a estímulos sonoros, tácteis e olfativos. Numa dessas experiências, emprega-se uma lanterna elétrica cujo feixe luminoso é dirigido para o braço, a mão ou a perna do paciente, cujo rosto, além disso, é tocado por um tubo de ensaio cheio de gelo ou de água a 60 graus, ao mesmo tempo que se toca uma campainha perto do seu ouvido. Depois de acordado, o paciente conta seus sonhos, que são provocados pela hipnose e medidos pelo eletro-encefalograma, impedindo qualquer possibilidade de simulação. Um deles sonhou com carros de bombeiros correndo pelas ruas para apagar um incêndio. Uma jovem, cujo rosto fôra tocado por uma provêta de água morna, disse ter sonhado que era criança outra vez, e que sua mãe a banhava. E um rapaz, cujos dedos da mão direita haviam sido dobrados e desdobrados, sonhou que passava a mão, interminavelmente, pelo friso da calça amarrotada.

Já em 1894, o francês Albert Lemoine havia provado que uma bolsa de água quente, colocada sob os pés de uma pessoa adormecida, fazia-a sonhar com a escalada do Vesúvio, e que uma touca noturna muito apertada provocava sonhos nos quais os pacientes sentiam-se escarpelados pelos peles-vermelhas. O ruído de uma porta batendo pode tornar-se, em sonho, um tiro de revólver; a picada de um mosquito vira um golpe de punhal; um trecho de música faz sonhar com lugares e pessoas que se associam no espírito do sonhador; o perfume de uma flor muitas vezes produz sonhos agradáveis, enquanto que um raio de sol atravessando as pálpebras pode criar visões cintilantes, ricamente coloridas.

O fato é que a pessoa que dorme comenta, em sonhos, as suas preocupações, desenvolvendo-as sob a forma de símbolos e contradições que a psicanálise explica. "Nossas idéias — escreve um especialista — são como dois cavalos que, ficando atrelados durante o dia, são desatrelados à noite e levados para o campo, onde podem vagar ao sabor da fantasia". Mas os estímulos exteriores afetam e dirigem as visões do sono, às vezes invertendo as reações. Assim, um voluntário cujo rosto foi tocado por um corpo quente reagiu segundo seus temores, e viu-se a caminhar sô-



FNM

**pronta entrega
pagamento
suave**



IMPORTADORA SCALBA

CURITIBA, 163/171

Vote pela honestidade. Ela deve existir em todos os candidatos ao seu voto: prefeito, vereador, deputado, governador e senador. O voto dado com essa cautela redundará em benefício ao próprio eleitor e da coletividade.

ano

20

1938 - 1958

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

O Sonho — Uma Segunda Vida

Continuação

bre a neve, em plena floresta, procurando em vão chegar a uma fogueira vislumbrada à distância.

Não é, portanto, de admirar que, ao lado das inúmeras "chaves dos sonhos", que pretendiam decifrá-los, houvessem surgido vários métodos destinados a dirigir os sonhos. Em 1747, saiu na Alemanha um livro cujo título já diz tudo: "A Arte de Tornar-se Feliz pelos Sonhos e de Ter os Sonhos que se Podem Desejar". O livro continha receitas impraticáveis, para "sonhar que se assiste a espetáculos magníficos, que se tem muito espírito, que se obtêm os favores de uma formosa dama, etc. ..."

Foi no fim do século passado que o cientista francês Hervey de Saint-Denis escreveu o primeiro tratado sério sobre a maneira de influenciar os sonhos, obra tão rara e preciosa que Freud e Havelock Ellis a procuraram, em vão, durante a vida inteira.

Saint-Denis acostumou-se, desde a infância, a anotar os seus sonhos e a desenhar fielmente as suas imagens. Às vezes, não conseguia lembrar de todos os detalhes, mas, sempre que acordava sobressaltado, tinha uma lembrança precisa das suas visões. A seu pedido, seus amigos passaram a acordá-lo, no meio da noite, para que ele anotasse o que havia sonhado. Isso ocorreu 160 vezes, e ele acabou obtendo um controle quase completo sobre os sonhos.

Aliás, a ciência moderna afirma que todo mundo sonha, e os que pretendem não o fazer são, geralmente, pessoas que, desde o despertar, fixam a atenção no trabalho determinado, não dando atenção ao que se passa à noite. Quando submetidas ao hipnotismo, essas pessoas sempre têm sonhos detalhados e abundantes.

Saint-Denis pôde verificar esse fato, através de um amigo que "não sonhava". Um dia, pilhando-o a dormir num salão, murmurou-lhe ao ouvido algumas vozes de comando militares, depois do que o acordou suavemente. Como de hábito, ao ser interrogado, o amigo disse que não tivera sonho algum, mas o cientista insistiu, perguntando se ele não havia sonhado com soldados. Admirado, o homem se lembrou: sonhara com uma parada militar. Hervey não quis explicar-lhe como o adivinhara, e repetiu a experiência, sempre com bons resultados. Depois, sabendo que, no Egito, os sacerdotes de Isis costumavam, para adivinhar o futuro, fazer-se embalar por cânticos, submetendo-se, durante o sono, a fumigações praticadas por seus discípulos, compreendeu que havia naquilo o princípio de um método prático. A título de experiência, foi passar quinze dias no campo, levando consigo um vidro de perfume, o qual era abundantemente aplicado nas suas roupas e nos lenços. Meses depois, já em Paris, entregou o mesmo vidro ao seu criado de quarto, instruindo-o para que, à sua vontade, deitasse algumas gotas no seu travesseiro, pela manhã, quando ele estivesse ferrado no sono. Oito ou dez dias depois, ele sonhou com as férias no campo. Naquele dia, o criado havia cumprido o combinado. A mesma experiência foi repetida com perfumes diferentes, associados a várias pessoas e coisas, produzindo sempre resultados confirmadores, que acabaram modificando o curso de sua vida.

Para saber, entre duas moças, qual lhe agradava mais, ele passou a dançar certa valsa, sempre

a mesma, com cada uma delas. Depois de algum tempo, comprou uma caixinha de música que reproduzia as duas valsas em questão, adaptou-a a um despertador e passou a regulá-lo para funcionar em determinadas horas da noite. Assim foi que pôde, em sonhos, encontrar-se com as duas amigas, em aventuras imaginárias, comparando-as e, afinal, escolhendo a preferida.

Com o tempo, ele obteve verdadeiro poder de evocação sobre os seus sonhos, chegando a raciocinar no curso deles (faculdade que muitas pessoas possuem) e a improvisar experiências. Por exemplo, durante um pesadelo, ele lembrava que a face esquerda estava mais quente que a direita, e, compreendendo que estava deitado sobre o lado esquerdo, fazia um esforço e virava-se para o outro lado. Não raro, ele sonhava que uma serpente enrolava-se no seu pescoço, sufocando-o. Durante alguns dias, passou a usar um cinto de couro enrolado no pescoço, sempre que não houvesse o perigo de ser apanhado com aquele enfeite ridículo. Depois, quando o pesadelo voltava, ele se lembrava da falsa serpente de couro e, ainda em sonho, perdia o medo.

As anotações de Saint-Denis confirmaram outro fato: em certos sonhos, é comum o sonhador lembrar-se de um sonho anterior, que é completado pelo novo. Verificou também um fato hoje bem conhecido: só se sonha com aquilo que se conhece, mesmo que o objeto do sonho esteja esquecido. No curso de suas visões, Saint-Denis muitas vezes tentou provocar certas impressões que não havia sentido, como por exemplo, saltar de um telhado,

cortar a garganta com uma navalha, queimar os cabelos. Toda vez que o tentava, o sonho, no momento crítico transformava-se e passava a focalizar outra experiência. Às vezes, depois de saltar, ele se encontrava entre os espectadores do drama e via estatelar-se no solo um cadáver que não era o seu.

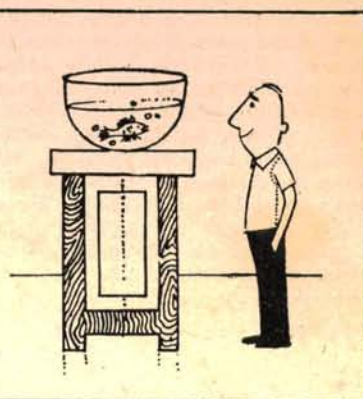
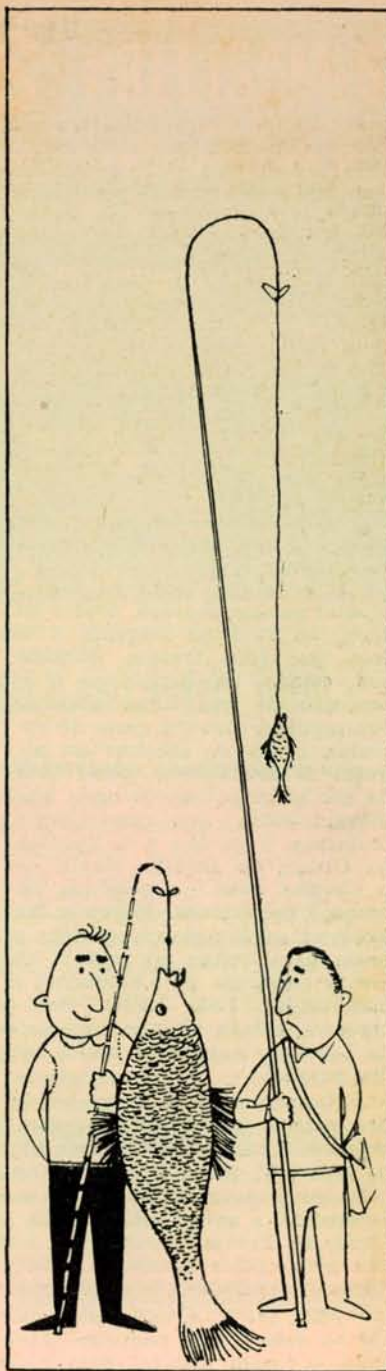
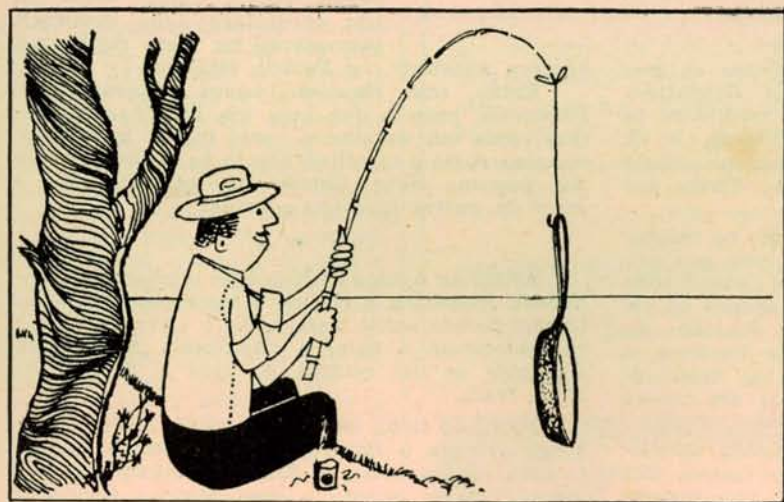
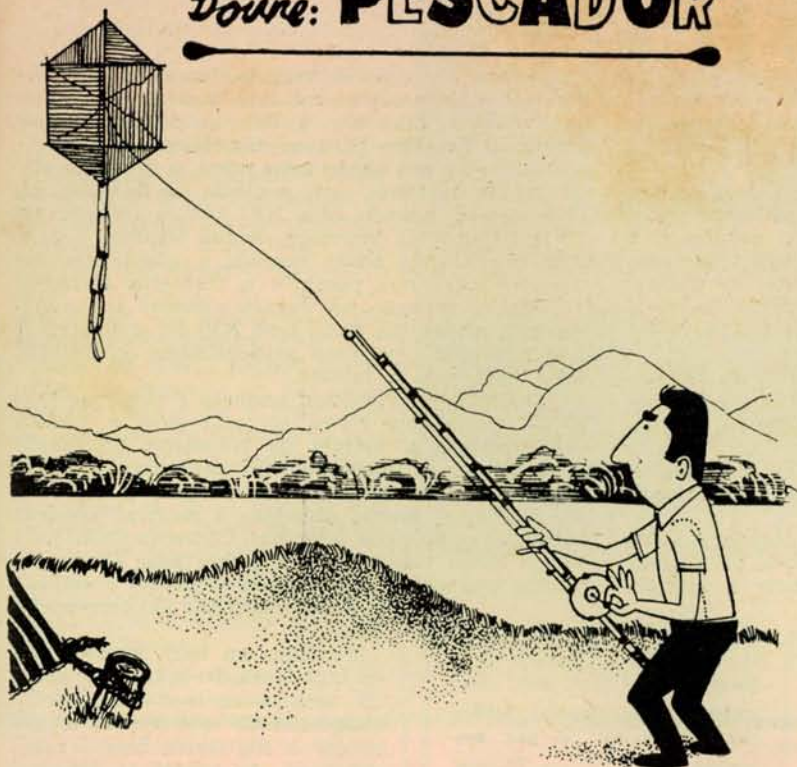
A indignação do sonhador é capaz de disfarçar símbolos e deformações, mas só exerce influência sobre coisas reais. Quando um cientista, um músico ou um poeta, encontra no sonho a solução de um problema, a partitura de uma sonata ou a estrofe final de uma ode, isso ocorre porque ele já possuía os elementos, entrando o sonho apenas com o esclarecimento. Saint-Denis tomou de empréstimo a Benjamin Franklin, outro temível sonhador, uma receita para retomar o fio de um sonho interrompido. Bastava preparar duas camas (Franklin usava quatro), e, tão logo o sonho se interrompesse, sair do meio dos lençóis amarrotados, para, retomá-lo entre os lençóis frescos, da outra cama.

"O sonho — disse Nerval — é uma segunda vida". O comum dos mortais, ignorando os símbolos da psicanálise, ou baseando-se nas afirmações dos horóscopos, chaves de sonhos, etc. manifesta, de qualquer forma, o seu apaixonado interesse por esse domínio estranho do sono. Interpretados ou não, forneçam-nos ou não nos forneçam indicações sobre o nosso futuro, os sonhos nos fascinam, oferecendo-nos espetáculos dos quais não nos cansamos. Certas pessoas, como Hervey de Saint-Denis, são sonhadores favorecidos. Mas a ciência, esclarecendo certos mistérios do sono, indica que essa atividade do espírito, se não domina-

(Conclui na pag. 97)

Raramente um conselho é bem recebido. Aquêles que mais têm necessidade deles são os que menos os apreciam. — Johnson.

Doonê: **PESCADOR**



Um Monarca Regressa à Pátria

Continuação da pag. 62

gente da Inglaterra sentaram-se na carruagem do Príncipe, puxada por oito cavalos de côr creme. Uma ordem seca e o cortejo de seis carruagens reais, cada uma puxada por seis cavalos baios partiu para Londres, França... e Paris!

Durante todo o trajeto ecoavam e repercutiam vivas; os homens aclamavam; as mulheres agitavam seus lenços. A tarde primaveril se passou e somente às cinco e meia parou o cocheiro real seus cavalos que vaporavam diante do Hotel de Grillon, na Rua Albemarle, à altura de Piccadilly. No mesmo momento a própria banda do Duque de Kent rompeu a tocar o *God Save the King*.

Com grande esforço, desceu o Rei da carruagem. Rápidamente, achou-se o Príncipe Regente a seu lado, estendendo o braço para que nêle o Rei se apoiasse.

— Agüente firme, sire — disse êle em francês, com delicada insistência, ao conduzi-lo através do limiar.

Luís reuniu tôdas as suas forças para subir aqueles poucos degraus, depois voltou-se para agradecer ao Príncipe Regente a bondade e atenção com que fôra tratado durante sua estada na Inglaterra e a proteção de que tinha gozado. Em seguida, com um gesto de suprema graça, de admirar em alguém de seu volume, tirou Luís de seu próprio pescoço onde brilhavam sôbre seu resplendente uniforme, o cordão e a insignia da Ordem do Espírito Santo — o Cordão Azul — e pô-los no pescoço do Príncipe Regente. As sombras se alongavam quando o Príncipe se despediu para voltar ao palácio Carlton. Gradativamente cessaram as aclamações e as multidões se dissolveram. Luís XVIII, Rei de França e de Navarra, estava sôzinho naquela estrangeira cidade de Londres. Achava-se muito fatigado. Tivera um dia pesado.

Nascera a 17 de novembro de 1755, no magnífico palácio de Versalhes, construído pelo seu antepassado, Luís XIV. Terceiro filho do Delfim, filho de Luís XV, fizera-se homem, tendo apenas as expectativas de um filho mais moço. Educado na esplêndida e severa etiqueta da côrte francesa, o Conde da Provença, como era conhecido, desenvolveu gôsto pelos estudos e deleitava-se em causar admiração pela sua erudição e espírito.

Mais tarde, a experiência acrescentou sabedoria ao saber, mas naqueles primeiros tempos não tinha o jovem príncipe nem deveres, nem responsabilidades que absorvessem suas energias.

Nos sete longos anos em que o casamento de seu irmão mais velho permaneceu sem filhos, acendeu-se a esperança de que pudesse êle vir a suceder nas honras da França, mas o nascimento de um Delfim apagou aquela esperança.

O Conde da Provença começou a tomar interesse pelos negócios públicos, nem sempre, murmurava-se, do lado favorável a seu irmão, o amável mas fraco Luís XVI. Entre êle e sua bela cunhada Maria Antonieta, havia pouca simpatia e ainda menos amizade. Seu próprio casamento, com uma princesa de Saboia, não foi mais do que uma formal contrato de Estado e jamais abençoado com filhos.

Assim, o padrão de vida do Conde da Provença parecia estabelecido na moldura invariável da côrte de Versalhes. Mas com a Revolução Francesa sobreviveu o desastre para os Bourbons.

Primeiro, seu irmão mais moço, o Conde de Artois, fugiu de Paris, após a queda da Bastilha, em 1789, depois, quando Luís XVI tentou escapar em 1791, o Conde da Provença deixou também o país. Com que alegria havia rasgado a odiada cocarda tricolor assim que transpôs a fronteira francesa!

Mas a situação prontamente piorou até culminar com a tragédia final. Luís XVI foi guilhotinado e logo depois o patético prisioneiro do Templo, Luís XVII, veio a falecer.

O Conde da Provença assumiu o título de Luís XVIII, título sem coroa, rei sem país. A medida que esplendia a estrêla de Napoleão Bonaparte, tornavam-se os soberanos europeus menos hospitaleiros, menos desejosos de abrigar o Exército dos Príncipes, menos dispostos a mostrar bondade para com os próprios príncipes. Começou então para êles a longa viagem sem objetivo pela Europa, à medida que mais e mais países afixavam o cartaz:

«Os emigrados não são bem-vindos aqui».

Por fim, em 1807, buscou asilo na Inglaterra. Deve Luís ter achado estranheza ao comparar a inospitalidade que encontrou ao chegar à Inglaterra com a magnificência de agora. O Príncipe Regente tinha uma memória convenientemente curta. Mas por fim encontrara Luís residência permanente na linda região que

cercava Aylebury, no Palácio Hartwell.

Então, com Napoleão agora Imperador dos Franceses, parecia que Luís iria terminar os seus dias como um cavalheiro rural inglês, interessado em suas rosas e camélias, atento às necessidades de sua pequena côrte. Depois, inacreditavelmente, a maré da guerra começou a mudar.

* * *

Afinal as Águias de Napoleão tombaram na Península Hispânica e clarins e tambores que nunca tinham tocado outra coisa senão o «Avançar», agora começaram a bater a «Retirada». Mas a possibilidade de um retôrno de Luís à França era ainda fraca.

Napoleão tinha um filho, o jovem Rei de Roma, e seu avô era o Imperador da Austria. Felizmente para os Bourbons, os Aliados estavam tão divididos entre si quanto a uma solução devida do problema da França, que no fim se voltaram para a velha linhagem, a fim de acabar com as dissensões.

Assim, após anos de espera, chegaram as notícias à quietude de Hartwell: os longos dias de exílio iam terminar. A França, invisível mas não esquecida, por quase vinte e cinco anos, chamou Luís a seu seio novamente. Os lis da França substituiriam as abelhas de Bonaparte, a cocarda tricolor daria lugar à cocarda branca. A cocarda branca!

Os ingleses haviam tido um gesto generoso naquele dia com suas fitas brancas, gesto que Luís

(Conclui na pag. 97)

Mantende-vos em paz, primeiro, para depois serdes capazes de dar a paz aos vossos vizinhos. — Thomas A. Kempis.

Envenenou a...

Continuação da pag. 51

Considerando-se, basicamente, um ministro de Deus, ele recusa sistematicamente, os convites para cantar em clubes noturnos.

Onze anos são passados, desde que Bela e Dody escaparam da Hungria, graças aos esforços conjugados do Dr. Franz Nagy, que era primeiro ministro húngaro, e John F. Morgan, do Consulado Americano em Budapeste. Bela ainda recorda aqueles dias.

Mais de 4.000 judeus condenados às câmaras de gás pelos nazistas devem-lhe a vida, pois ele passava a maior parte de seus dias a percorrer os guetos devastados pelos alemães, procurando retirar de lá os homens que estivessem na mira da polícia. Da manhã à noite, ele cantava as velhas orações e melodias de sua fé, com o que, em pouco tempo, ganhou o título de «Cantor dos Guetos».

Certo dia, foi chamado por um oficial nazista, que desejava falar-lhe em particular. Os judeus do gueto ficaram aterrorizados, quando o viram ser conduzido pelo arrogante soldado que o fôra chamar.

— Quando estávamos sôzinhos — recorda Bela — ele me perguntou: «O Senhor tem fome?» Fiz sinal que sim e ele me pôs na mão um grande pedaço de pão. Depois, tirou o quepe e os óculos e eu o reconheci. Era um dos rapazes do côro, e estava agora no movimento subterrâneo.

Semanas mais tarde, os russos entraram na cidade e os guetos foram libertados, embora apenas provisoriamente. Bela foi levado para cantar na emissora de rádio húngara, onde ficou até ser escolhido como um dos três artistas a serem enviados para a Rússia. Foi então que Nagy e Morgan tomaram Bela e Dody sob suas asas.

Morgan prometeu que, se pudessem partir dentro de uma semana, levando apenas as roupas do corpo, ele poderia arranjar-lhes um visto de visita aos Estados Unidos. Mas o visto foi apenas um problema menor, pois o governo comunista húngaro se recusou a dar-lhes permissão para partir.

Foi então que o Serviço de Inteligência dos Estados Unidos entrou em ação. Disfarçados com uniformes do exército americano, Bela e Dody foram retirados de

(Conclui na pag. 88)

AGENTES PRECISAM-SE

Mesmo sem prática e sem capital para:

☆ CASIMIRAS ☆ LINHOS E ☆ TROPICAIS

ÓTIMA COMISSÃO — MOSTRUÁRIOS GRÁTIS

VENDAS PELO FÁCIL SISTEMA DE REEMBOLSO POSTAL.



AS CORRESPONDENCIAS

DEVERÃO SER DIRIGIDAS PARA:

TECIDOS MEHERO CAIXA POSTAL N.º 4020 S. PAULO

V. PODE SALVAR MILHARES DE VIDAS

São milhares de Cancerosos Pobres, sem recursos ou orientação adequada para um tratamento que lhes poderia restituir a saúde. Com o objetivo de prestar a essas pessoas a assistência médica, operação e internação necessárias, foram lançados os títulos da Organização Nacional São Vicente Contra o Câncer. Ao subscrever um desses títulos ficam assegurados, para V. e seus descendentes, por um período de 5 anos, exames e tratamento gratuitos, inclusive operação e internação no Hospital Felício Rocho. No seu interesse, e por um dever de solidariedade humana, subscreva um título contra o Câncer.

Para maiores informações :

ORGANIZAÇÃO NACIONAL SÃO VICENTE CONTRA O CÂNCER

Rua São Paulo, 692 — Conjunto 214 — Belo Horizonte



ADQUIRA sua pasta

ADQUIRA sua mala

ARTIGOS PARA VIAGEM

CASA Tupinambás

RUA TUPINAMBAS 648 TELEFONE 2 5350

Envenenou a Espôsa...

Conclusão da pag. 87

Budapeste pelo coronel George Kovachs, um jipe fechado, numa noite de novembro de 1946. A 120 quilômetros de distância, ficava um aeroporto americano, onde um pequeno avião os esperava, para levá-los a Viena. Durante as três semanas que se seguiram, Bela cantou em espetáculos organizados para divertir os soldados.

—oOo—

Afinal, embarcaram no avião, tomando o caminho da América e da liberdade. Atrás deles ficava sua filha adotiva Eva, cujo pai fora morto, num expurgo empreendido pelos nazistas. Hoje, Eva está em Israel.

Todavia, seus tormentos ainda não estavam terminados. A 80 quilômetros da Terra Nova, o avião em que viajavam sofreu um acidente, caindo na água gelada do mar. Os Herskovits, bem como outros 48 passageiros foram socorridos depois de seis horas e levados para Boston. Por

coincidência, a sinagoga de Boston estava precisando de um cantor, e Bela foi imediatamente contratado.

Seis meses mais tarde, expirou o prazo de seu visto. Nesse ponto, porém, o senador Alexander Smith intercedeu em seu favor, e, desde então, os Estados Unidos tornaram-se sua pátria permanente.

Hoje, para onde Bela vá, sua espôsa vai com ele, e isso é apenas continuação de uma união que começou há muitos anos.

— Eu estava no Templo Tabak, em Budapeste — conta ela — e não sei se foi o calor de sua voz que me fez, quando ele estava no meio da canção, perder os sentidos. Levaram-me para casa e, cerca de uma hora depois, Bela foi visitar-me, para ver como ia passando. Ficou quinze minutos. Na manhã seguinte voltou e pediu-me para casar com ele.

E teria ela aceitado logo?

— Que pergunta! — respondeu ela. — Claro que aceitei!

☆☆☆

Quando a Fortuna...

Conclusão da pag. 29

O fato é que o dinheiro — que raramente falta aos filhos de figuras célebres — não substitui a sua atenção e o seu amor. Quando a criança tem um ideal impossível a alcançar e quando não recebe dos pais, além de boa quantidade de dinheiro, o carinho e o amor que não pode dispensar, as coisas se arranjam de maneira a produzir um cataclisma emocional.

Feizmente, muitos dos herdeiros do sucesso, que usam as suas posições como pontos de passagem para a ruína, recobram a coragem e a esperança, depois de passar por experiências doloro-

sas. Às vezes, como é o caso de Diana Barrymore, sentem-se moralmente aliviadas depois de uma confissão pública. Frequentemente, conseguem viver vidas normais, pacíficas, proveitosas, depois de se libertarem da falsa impressão de que estão obrigados a igualar-se aos seus pais.

Por estranho que pareça, é o pai comum — o que não é rico nem famoso — que mais se preocupa com a educação de seus filhos e que, ao mesmo tempo, faz as coisas certas nas horas devidas, conseguindo, afinal, colocar seus rebentos no melhor caminho.

☆☆☆

Em Silêncio a Morte...

Conclusão da pag. 32

nos, colocados numa órbita acima da linha do equador, acompanhando o movimento da terra e permanecendo sempre na mesma posição relativa, a servir de fontes estacionárias de calor solar. Tais espelhos funcionariam como estações intermediárias onde se acumulariam reservas não só de calor como também de raios infravermelhos. Os satélites, girando numa órbita mais próxima da terra, seriam de forma semelhante à do Sputnik I, embora maiores, e estariam ligados a espelhos parabólicos, que refleti-

riam o calor acumulado nos reservatórios do espaço.

Mudando a distância focal das lentes — por meio de controle pelo rádio — os operadores poderiam projetar os raios solares sobre uma pequena área. Dessa forma, supõem os cientistas, um único raio de energia solar poderia desenvolver uma quantidade de calor igual à de uma bomba atômica do tipo lançado sobre Hiroshima.

De acordo com o tamanho e a concavidade dos espelhos menores, essa energia solar poderia va-

riar de intensidade, e o controle do ângulo de incidência dos raios sobre os espelhos poderia provocar uma concentração maior ou menor de luz solar, sobre determinada região.

Peenemunde foi invadida pelos russos, ao fim da guerra, e muitos dos seus principais cientistas foram capturados, juntamente com os seus segredos.

O fato de os russos não estarem fazendo muita publicidade em torno do seu projeto de captação do calor solar é de menor importância. Eles já se acostumaram a manter em segredo os seus principais avanços tecnológicos, só os revelando quando são forçados a isso. Nessa arte, são verdadeiros mestres.

A Força Aérea dos Estados Unidos também possui o seu projeto — chamado «Pied Piper» — contratado, dentro do maior sigilo (ao que se supõe) com a empresa de rádio e televisão CBS e a Eastman Kodak. A presença dessa última — especialista em fotografia — é bastante significativa, pois as lentes são de importância capital para a captação dos raios mortais.

A um passo dessa era inteiramente nova, na qual predominará a tecnologia nas artes da guerra, encontramos-nos em uma posição mais ou menos parecida com a dos estrategistas militares que, quase ao fim da primeira guerra mundial, procuravam imaginar como seriam usados os aviões, na segunda guerra.

Se os russos realmente construírem sua arma de calor solar, sob qualquer disfarce, nós do mundo ocidental, não seremos apanhados de surpresa. Sabemos que eles já estão seguindo esse caminho, assim como sabemos que a aparelhagem a ser posta no espaço não servirá apenas para amadurecer frutas e derreter picos gelados.

A verdade é que o Ocidente pode dar o trôco na mesma moeda — fogo por fogo — em silêncio ou com um ruído infernal.

☆☆☆

«A Barca» Vai...

Conclusão da pag. 44

alunos e ao público, há um arquivo teatral, uma discoteca, um serviço de documentação fotográfica. A Escola organiza cursos livres, intensivos, abertos ao público, exposições sobre o teatro brasileiro no exterior. Em 1957, enviou a Paris, Viena e Roma uma interessantíssima mostra de fotografias relativas ao Folclore dramático do Brasil; em 1958 or-

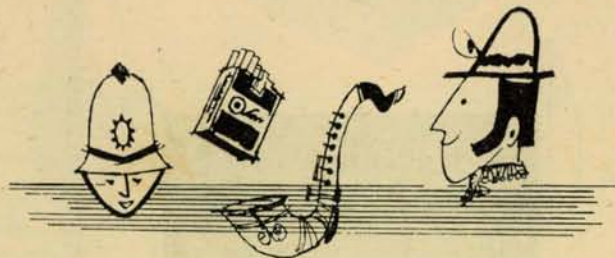
ganizou um «Panorama do Teatro Brasileiro», para a Exposição Internacional de Bruxelas.

O interesse do público baiano pela Escola de Teatro da Universidade vai sempre crescendo: no primeiro ano matricularam-se 104 alunos, no segundo 135, dos quais 93 foram admitidos. Os Estatutos da Escola obedecem aos moldes universitários, com provas e exames finais. Os alunos do segundo ano participam dos espetáculos, junto com os professores-atores. Cada peça é cuidadosamente ensaiada durante três meses no mínimo, não só para decorar os papéis e estudar o movimento de cena, como também para analisar a peça, o estilo da época, a personalidade do autor. Além do programa, a Escola publica um Boletim Mensal, «Repertório» em que são comentadas as peças que constam do programa. O boletim é muito bem apresentado, impresso em papel couché e ilustrado com desenhos e fotografias, constituindo, assim, valiosa contribuição para a biblioteca de qualquer estudioso do teatro.

No Brasil, como se costuma dizer, «plantando, dá». E' uma magnífica semente que foi lançada na «boa terra», e se o movimento universitário continuar nos próximos dez anos na Cidade do Salvador, com o mesmo impulso dos dez anos passados, o teatro brasileiro poderá contar com novas forças de grande valor. Estes rapazes e estas moças não são amadores, nem atores improvisados, nem comediantes rotineiros, não põem o carro na frente dos bois — estudam o teatro sob todos os seus aspectos, não envidam esforços, teimam em progredir devagar, em aprofundar seus conhecimentos teóricos, seu treino prático, em procurar e vencer dificuldades. E um dia o Teatro Castro Alves poderá contar com uma autêntica companhia dramática formada na Bahia, em nível universitário, integrada por jovens apaixonados pela arte teatral, vindos de todos os cantos do Brasil. Pois a fama da Escola de Teatro da Universidade da Bahia já está se espalhando pelo País a fora.

A criação e o criador

TESTE



Várias coisas ou idéias integrantes de nossa vida são conhecidas por nomes das pessoas que tiveram relação com elas, inventando-as ou lhe impondo novas características. Com base nisso, formulamos o presente teste. Damos, como pista, em primeiro lugar, resumida explicação do objeto ou fato, e o primeiro nome da pessoa relacionada com eles. Cabe ao leitor acrescentar o sobrenome da pessoa e a denominação da coisa à que ele se refere e depois confrontar com as respostas à pag. 102.

- 1 — Máquina para executar condenados. Invenção do médico francês Joseph
- 2 — Instrumento musical, criado pelo fabricante de instrumentos — belga — Adolphe
- 3 — Era um quinta-colunista. Traiu sua pátria, a Noruega. Chamava-se Vidkun
- 4 — Foi morto por enforcada multidão. Era um juiz de paz norte-americano: Charles
- 5 — Entrou na história como o homem que introduziu o tabaco na França. Chamava-se Jean
- 6 — O seu patriotismo era exagerado. Foi militar e admirador de Napoleão. Era Nicholas
- 7 — Um engenheiro escocês deixou o seu nome ligado a certo tipo de pavimentação de estradas. John L.
- 8 — Natural da Alemanha e inventor de u'a máquina de combustão interna. Chamava-se Rudolf
- 9 — Em 1829, ele introduziu no mundo um sistema de leitura para os cegos. Era Louis
- 10 — A unidade de energia eletromotriz traz o sobrenome de um físico italiano: Alessandro

A Vida Agitada Agrada aos Fumantes

SEGUNDO o Dr. Wright, da Universidade de Tufts, nos Estados Unidos, o fumante inveterado possui um gênio irritável, passível mesmo de explodir por qualquer coisinha de sobrenome. O Dr. Wright fez um estudo com cerca de 252 fumantes, durante um período de 15 anos e verificou que aqueles que fumam por vício são portadores de um desejo irremediável de aventuras as mais perigosas, e sempre procuram dar à vida um colorido mais acentuado do que o normal. Mas essa falta de sossego

lhes é prejudicial, pois faz com que eles sejam mais propensos aos desajustes conjugais. Com os não fumantes a coisa é diferente! Além de serem mais ponderados, possuem um temperamento mais dócil e compreensivo, sendo, por isto mesmo, muito mais felizes na vida em família. Fumar desbragadamente, diz o Dr. Wright, é muito mais que um simples hábito. Chega mesmo a constituir uma necessidade para certas pessoas, que encontram na fumaça uma defesa gerada pela sua ira interior.

Esquarsos

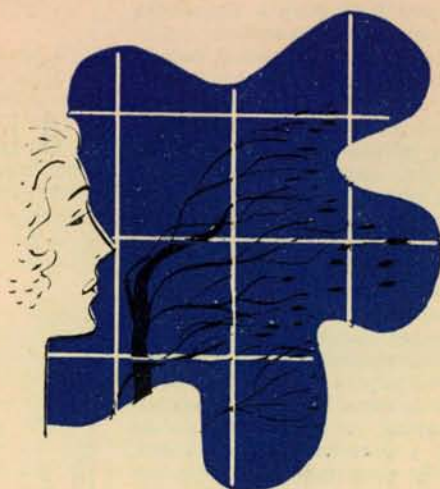


POEMA DO ABANDONO

Carmen Vianna

Às vezes,
alta noite,
acordo e fico a pensar
em ti...

Cerro, então, as janelas,
para que as estrêlas
não zombem
da minha solidão...



O VENTO

Teresinha Martins

O vento
Sopra impetuoso
Desmanchando o rastro
Da noite,
Esmagando a solidão
Dos claustros
E arrancando a poeira
Dos pensamentos.
O vento
Passa derrubando
O silêncio
Levantando clamores
E arrastando queixas.

E este vento
Que passa correndo
Derramando em meus ouvidos
Pedacos de melodias
Desperta em meu peito
A ânsia de rever-te
Para entregar-te
Em forma de saudade
O meu amor profundo...

Mas, o vento
Prossegue na sua caminhada,
Indiferente,
Arruinando a graça
Das paisagens
E carregando o tempo
Para uma existência
Indefinida,
Afastando de mim
O instante desejado!...

AGORA, lavo
sem sabão!

A alvura que
só OMO dá —

— torna
o sabão
antiquado!



É miraculosa — a potência de limpeza de OMO



SABE POR QUE? É que OMO penetra fundo no tecido, onde o sabão não consegue alcançar.

Como um ímã, OMO puxa de cada fio todas as partículas de sujeira. V. não precisa esfregar tanto.

É só enxaguar uma vez; toda a sujeira fica na água. Seus lençóis, fronhas, toda a roupa grande terá uma alvura jamais conseguida com sabão. e durará muito mais!

E tudo isso, sem quicar e usar alvejantes, pois OMO lava, quara, alveja e dá brilho, de uma só vez. Experimente OMO — V. nunca mais usará sabão!

FAÇA A PROVA! Lave com OMO a roupa já lavada com sabão. Veja como fica mais alva e mais limpa!



Use **OMO** — o "milagre azul"
usado em todo o mundo pelas donas-de-casa modernas!

Estrêla



Viuva Trabalha por Necessidade

POUCOS meses após a morte de Mike Todd, Elizabeth Taylor é outra criatura, menos por causa da viuvez do que pelo novo sentido que está impondo à sua vida profissional. Cessada a comoção vinda pela morte do marido, a estrela voltou imediatamente ao trabalho, de uma forma disciplinada e regular, na filmagem de «Gata em Teto de Zinco Quente». Tendo de manobrá-la diante das câmaras, o diretor do filme sentiu-se preocupado, com medo de que a intérprete fôsse acometida de uma crise nervosa na hora das cenas mais difíceis. No entanto, a viúva Todd demonstrou uma calma impressionante, havendo-se com uma sobriedade comum

apenas aos atores mais auto-disciplinados.

Isso dá ênfase ao comportamento da nova Elizabeth Taylor: a ex-boneca-mimada virou gente de idéias definidas e objetivas, tornou-se mulher de negócios. É verdade que antes da morte de Mike, Liz tinha expressado o desejo de abandonar o cinema, «para ser apenas esposa, não mais uma atriz», mas as circunstâncias de sua viuvez lhe impuseram o retorno ao trabalho, por necessidades íntimas e econômicas. A sua volta tem duas finalidades; em primeiro lugar, Liz pretende readquirir, pelas atividades diárias, a confiança em si própria, o equilíbrio emocional, perdido com o desaparecimento de Mike Todd; a questão financeira, embora de

menor importância, não é desprezível, tanto mais que aparece como responsável pela metamorfose de Elizabeth em mulher de negócios.

A história dos milhões de Mike Todd é bem outra que não a divulgada sensacionalmente após a sua morte. O seguro deixado para Elizabeth não é de 3 milhões de dólares, como disseram, pois tocou à viúva, após as deduções — para Mike Todd Jr. e os filhos do casal — uma soma líquida equivalente a 2 milhões de cruzeiros. Sabe-se que Todd não era um milionário em moeda corrente; o giro dos seus capitais na indústria de cinema decorria todo em papel-títulos, créditos, etc. — sendo os lucros reinvestidos logo depois de ar-

Elizabeth Taylor, menina minguante e mulher crescente, achava que o mundo era dois cãesinhos. Agora, ela quer fazer o seu pé-de-meia.

Um momento feliz para Elizabeth e Mike Todd. Janet Gaynor, à direita, entrega o «Oscar» ganho por Mike, o «melhor produtor de 1956». Filme: «A Volta ao Mundo em 80 Dias».



Casaram-se. Michael Wilding tinha 40 anos, Elizabeth, 20. O casamento, terminado com divórcio, rendeu 2 filhos: Michael Jr. e Christopher.

Estrêla viúva trabalha por necessidade - conclusão

recadados. Tanto isso é verdade que, antes de perder a vida, Mike pretendia investir todas as rendas do filme «A Volta do Mundo em 80 Dias» em «Dom Quixote», que projetava rodar na Espanha, com um orçamento de mais de 100 milhões de dólares.

A realidade financeira concorreu, então, para modificar a enviuvada Elizabeth. Ela assumiu a direção da companhia cinematográfica de Todd — num belo prédio encravado nos estúdios da Metro — e fez sociedade com Mike Todd Jr. (28 anos), um rapaz trabalhador, sensato e casado. Antes de tudo, eles decidiram cortar a produção dos nababescos filmes arquitetados pelo saudoso Mike, substituindo-a por fitas menos luxuosas, e, portanto, mais baratas. «Dom Quixote» não será realizado, uma vez que — na opinião de Liz e Todd Jr. — trata-se de um empreendimento que somente Mike poderia levar a bom termo.

Acima de tudo, o que Elizabeth pretende é trabalhar, como atriz e organizadora. A par dessa nova feição de sua vida, ela fez vul-

tosos cortes no seu orçamento doméstico, abrindo mão de muita coisa luxuosa, que era uma constante do seu tempo com Mike Todd. Essas providências revelam a força da decisão da estrêla, indicando que, dagora em diante, ela quer obter com os seus próprios recursos tudo o quanto ganhara — ou não — com os seus três casamentos.

* * *

Comentando esses matrimônios, alguns entendidos em assuntos de Hollywood tentam explicar a personalidade de Elizabeth. Em todos os casos, o motivo essencial do casamento teria sido encontrar ao lado de um espôso a estabilidade emocional, a segurança que ela não sentia em face da vida. E, por coincidência ou não, dois dos noivos eram homens de grande poder econômico, enquanto o outro era considerado como de alta categoria emocional. Nicky Hilton, o primeiro marido de Elizabeth, vinha de um tronco milionário, tendo por genitor um dos magnatas da indústria hote-

leira mundial. Após o divórcio, ela contraiu núpcias com Michael Wilding, no qual — é voz corrente — contava encontrar a proteção de um homem rico de experiências, embora desprovido de grandes cabedais. Mesmo sendo assim, o casamento não se manteve de pé, e, anulando-se pelo divórcio, deixou Elizabeth com dois filhos.

Na terceira experiência, Liz parecia ter encontrado o marido ideal. Mike Todd não era apenas um homem rico. Tinha a couraça de um campeão, de um homem de mando, otimista, capaz de moldar as coisas a seu jeito. Ao que parece, essas qualidades compunham harmonia com os desejos de Elizabeth, porque, além das galas da riqueza, Todd possuía, e impunha na espôsa, as reservas de segurança de que ela necessitava. O desaparecimento de Mike pode ter violentado as paralelas da felicidade buscadas por Liz, mas é admissível que ela, agora transformada em mulher de negócios, poderá mais cedo ou mais tarde criar uma definitiva dimensão para a sua vida.

O trabalho deixou de ser decorativo para a viúva Elizabeth. Aos 26 anos, ela o enfrenta com seriedade e espírito de iniciativa.





A inquietação emocional nunca colocou Elizabeth fora de bons filmes. No muito falado «Giant» («Assim Caminha a Humanidade»), da Warner, ela esteve em cena com Rock Hudson (foto) e outros astros famosos.

Ela sempre soube sorrir. Com o filho ri mais. Como viúva, trabalha muito, e pretende continuar a obra do marido.

As Tais Razões do Coração

Conclusão da pag. 37

vela bem a inércia total a que o rapaz se entregara. Nada o demovia. Rendera-se, miseravelmente abatido. Rondava-lhe o cérebro o fantasma do arrependimento. Sombrea-lhe o espírito uma nesga de remorso.

Tão encavernado estava de si mesmo que não ouviu o telefone bater. Uma voz lá de baixo chamou-o, insistente. Maquinalmente levantou-se e acabrunhado desceu as escadas, as mesmas que duas horas antes descera vertiginosamente.

— Uai, Sr. Juarez, o senhor está aí? E' a terceira vez que telefonam. Das outras vezes, chamei e o senhor não respondeu. Pensei que tivesse saído.

Quem assim falava era a dona da pensão, uma senhora baixa e gorda, em quem as banhas excessivas ficavam bem, tanto lhe serviam ao ofício como tentação aos estudantes subnutridos do bairro.

— E' D. Leonor, eu estava dormindo. Obrigado.

Abro aqui um parêntese para não inserir uma advertência aos leitores: não se surpreendam com esse telefonema. Assim como Deus, o amor — que, afinal, é Deus nos corações — também escreve certo por linhas tortas. De nada adianta ao bom senso procurar interferir no seu caminho. Ele se esquia toma um atalho, passa correndo pela razão, que, experiente, tentava guiá-lo, e vai, cego e resoluto, trilhando as suas linhas tortas. Todos sabemos disso. Não procuremos, pois, lógica naquele telefonema. Era de Marta, sim.

Com licença de D. Leonor, usemos a extensão.

— Alô.

— Juarez? Sou eu. Como é, não resolveu me telefonar? Esqueci o quanto pude. Ou já se esqueceu de mim?

— Não, não. Só Deus e eu sabemos. Ia mesmo telefonar-lhe.

Ora que tolice. Você acha que é possível esquecê-la?

— Adoro acreditar que não.

— Mas, querida, que houve afinal? Aquilo de hoje de manhã.

— Consulte o seu calendário e achará a explicação para aquilo.

Juarez passou os olhos pela folhinha, que se achava dependurada no outro lado da sala. Os olhos voltaram felizes do passeio.

— Você é maravilhosa, Marta. Mas que susto me deu...

Neste ponto afastemo-nos discretamente. A conversa vai-se encaminhando para um terreno muito íntimo, aquele onde os corações se empolgam e se tornam demagogos.

— oOo —

Acertemos as nossas folhinhas com a da pensão de D. Leonor. Isto é imprescindível para a exata compreensão desta história. Aceitemos, então, que hoje, para todos os efeitos, é o dia 1º de abril...

☆☆☆

As Alergias da Primavera

Continuação da pag. 21

de seus avós (e às vezes de seus tios e tias), uma **tendência** para a **alergia**. Se, por exemplo, a mãe é alérgica às aves, é provável que seu filho tenha **alergia** por ovos, penas, sêdas (ou mesmo pelas próprias aves, porém, não mais que pelo resto).

Tais substâncias não são, por si mesmas, culpadas, pois o mistério está nas próprias alergias, que dependem da química do corpo. Quando o corpo alérgico — o pólen, por exemplo — penetra no organismo, provoca uma verdadeira reação química que resulta no aparecimento de uma substância chamada **histamina**. A histamina existe, em estado natural, em nossas células, sob forma anódina, mas, quando liberada por uma reação alérgica, produz irritações e dá origem à febre do feno, ao eczema ou à asma. Ultimamente, têm sido produzidas diversas drogas destinadas a neutralizá-la. Trata-se dos **anti-histamínicos**, responsáveis pelo desaparecimento de numerosas alergias.

A **alergia** é de natureza tão individual que basta uma reação de humor, uma emoção diferente, para precipitá-la ou mesmo para desencadeá-la. Assim, por exemplo, uma criança que chora de rai-

va ou de frustração agrava automaticamente seu eczema. Ao contrário, conta-se a história de um garoto alérgico a peixes, mas que o comia sem sofrer consequências incômodas, quando estava com uma excelente disposição de ânimo. Neste caso, éle como que se «esquecia» da **alergia**. Isso talvez se explique pelo fato de as reações químicas da **alergia** se exercem quase sempre sobre os músculos ou sobre as estruturas do sistema nervoso. Dessa forma, o fator nervoso, se não basta para provocar a **alergia**, pelo menos a orienta.

Para bem diagnosticar uma **alergia**, o médico é com frequência obrigado a pedir ao doente um relatório completo — às vezes até um verdadeiro «diário» — dando conta dos lugares onde esteve e das coisas que comeu. Depois disso, terá de iniciar uma série de testes cutâneos, seja arranhando a pele e pulverizando nela certas substâncias, seja injetando no sangue, uma de cada vez, substâncias supostamente alérgicas, para, depois, esperar por uma reação. Isso feito, o tratamento mais radical consistirá em evitar completamente o irritante alérgico: o paciente terá de abrir mão de seu gato de estimação,

deixar de usar cosméticos ou abandonar as roupas de seda. Quando o problema é de origem alimentar, uma série de testes dietéticos indica o alimento culpado, por meio de sucessivas eliminações, até determinar os que o paciente deverá evitar. Acontece, porém, que nem sempre é possível evitar o contato com o produto alérgico: nos casos de febre do feno, por exemplo, é o pólen desprendido das árvores, durante a primavera, que dá origem ao mal. Esse pólen é invisível, e não há meio de impedir que atinja as mucosas do alérgico. Como não é possível encerrá-lo num ambiente onde o pólen não chegue torna-se difícil impedir a afecção das suas vias respiratórias. Neste caso, o remédio é injetar nele um soro contendo um extrato do alérgico, aumentando as doses, pouco a pouco, a fim de torná-lo acostumado com a substância. Também podem ajudar um pouco algumas injeções de produtos anti-histamínicos ou, em casos mais sérios, de cortisona.

Para a **senhora alérgica** que vai ser mãe, a **alergia** constitui um caso de consciência: que poderá ela fazer para impedir que a criança herde seu mal? A pri-

(Conclui na pag. 102)

Um Monarca Regressa...

Conclusão da pag. 86

Estanislau Xavier de Bourbon jamais esqueceria nos anos por vir.

Como sua primeira decisão real, fez votos de que jamais, enquanto reinasse, deveriam as espadas francesas cruzar-se com as inglesas. Nos difíceis anos que sabia teria pela frente, na árdua tarefa de conciliar um país devastado pela guerra e esfacelado pela derrota, lembrar-se-ia das palavras do Príncipe Regente: «Agüente firme, Sire».

E assim fez. Mas não haveria de saber, enquanto cumpria tão fielmente o conselho do príncipe, que só haveria um rei Bourbon após ele, que seria o derradeiro Luís de sua linhagem. — **MARGERY WEINER.**

* * *

O Sonho — Uma Segunda Vida

Conclusão da pag. 84

da, pode ser pelo menos canalizada. Seria inconcebível e até mesmo decepcionante que se pudesse fugir às incoerências dos sonhos mas, possuindo certa força de vontade, para evitar as partes desagradáveis e dirigi-los para as coisas que nos são caras, podemos fazer com que a noite nos traga bons conselhos e tenha ciência dos nossos desejos. Evidentemente, ela só pode esclarecê-los, uma vez que dependem exclusivamente de nós mesmos realizá-los ou não. — *Jean-Gilbert Dumont.*

* * *

As Curas Audaciosas...

Conclusão da pag. 49

Niehans foi nomeado para a poltrona do professor Fleming, na Academia Pontifícia. Do mundo inteiro, médicos se dirigem a ele, querendo especializar-se no estudo das células, tornar-se seus discípulos. O correio lhe leva mais de 600 cartas por dia que cinco secretários escolhem e classificam num escritório ultra-moderno. E' preciso reservar com um ano de antecedência um leito em sua clínica. Goza da amizade dos homens importantes da época. Adquiriu algumas das maiores obras-primas de arte de todos os tempos e reuniu imensa fortuna. Em si mesmo apagou as rugas da idade. Mas na sua solidão altiva — não recebe ninguém e sua mulher viaja quase constantemente — vê-se luzir no seu olhar uma estranha tristeza. Será por ser tão ferozmente atacado por aqueles que o têm como um falso profeta metido numa estrada sem saída? Ou por sentir pesar sobre si a tremenda responsabilidade de ter feito a morte recuar? — *Gilles Lambert*

* * *

Evite uma calamidade para a sua terra! Oriente-se na técnica do corte das matas, pedindo instruções à Inspetoria Florestal em Minas Gerais. As florestas detêm a ação violenta das enxurradas, o movimento destruidor dos ventos e a terrível erosão.



completam
qualquer
conjunto

Todos os nossos artigos de nylon, inclusive da Linha Harmonie de Lingerie, são confeccionados com o legítimo fio Rhodanyl.

Itan 50V1

blusas e blusões

Valisère

contato que é uma carícia...
também em blusas!

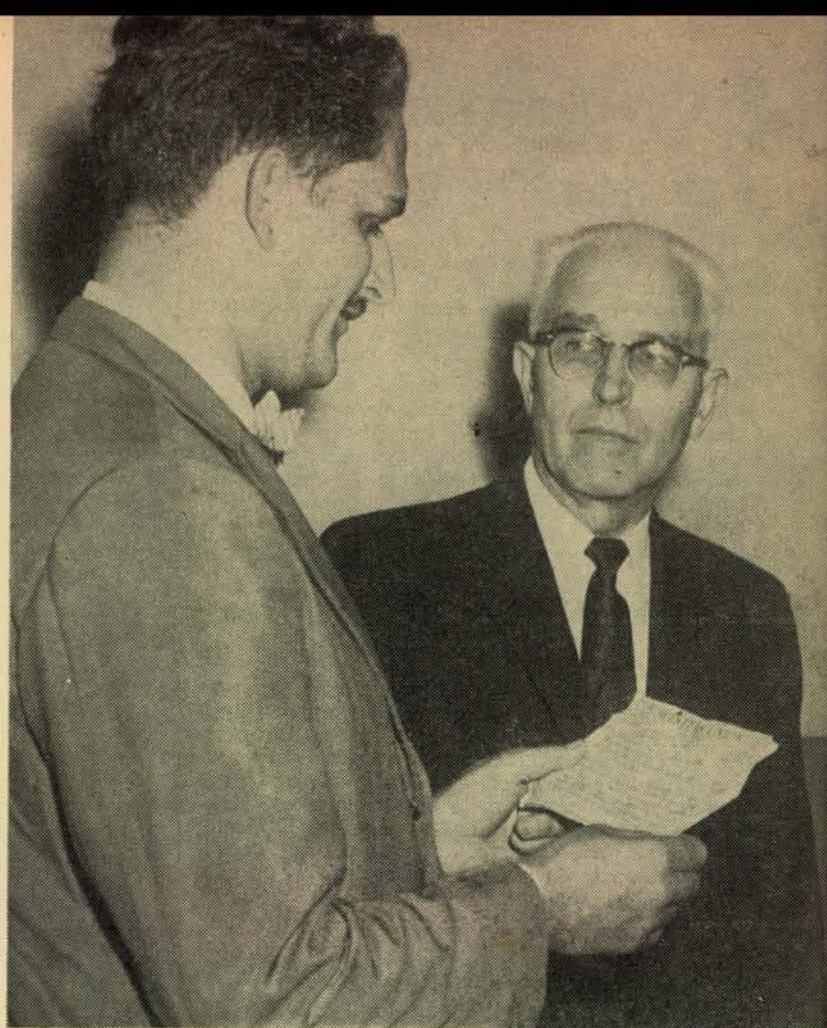
- em várias cores, bem modernas.
- corte rigorosamente pessoal.
- exija esta marca — garantia da tradicional qualidade Valisère.



União em Cristo, Para a Volta a Cristo

BANDEIRAS de 185 países ornamentavam o vasto salão do «Public Auditorium» de Cleveland (Ohio, E.U.A.), durante os dez dias da 48ª Assembléia Mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, recentemente realizada, com a presença de mais de 16.000 participantes, vindos dos cinco continentes. Na oportunidade, foram dados a conhecer ao mundo alguns dados sobre a importante obra que vem sendo realizada pelos adventistas, em vários setores, destacando-se o da Educação. Neste passo, a Igreja Adventista mantém, em

(Continua na pag. 100)



Junto do grande globo giratório cujas luzes coloridas indicam os pontos do mundo onde trabalham os adventistas, êstes jovens de nacionalidades diferentes cantam seus hinos prediletos.



Aqui aparece o casal Halliwell, quando ouvia o telegrama do embaixador Amaral Peixoto, anunciando que o Governo brasileiro lhes havia conferido a Ordem do Cruzeiro do Sul, pelos serviços prestados ao Brasil, na Amazônia.

O que foi
a 48ª Assembléia
Mundial da
Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Adventistas do mundo inteiro

O Sr. P. Christian, da ilha Pitcairn, e o Sr. Walter Bligh, descendente do capitão Bligh, do navio "Bounty", com monóculos do "Pitcairn", navio da missão adventista, e do barco incendiado no grande motim.



todo o mundo, 5.000 escolas, com 45.000 alunos matriculados. Somente nos oito países abrangidos pela Divisão Sul-Americana, onde existem aproximadamente ... 100.000 membros filiados à Igreja, existem 506 escolas, com ... 20.000 alunos matriculados, além de 14 instituições educacionais superiores. Ainda na América do Sul, desenvolvem os adventistas intenso trabalho de assistência médica e social, com 12 lanchas médico-missionárias, 10 hospitais e clínicas, duas casas editoras e duas fábricas de produtos alimentícios.

— A Igreja Adventista — dis-

se o seu presidente mundial — caracteriza-se por três coisas, que são as bases da sua união: primeiro, planejamos juntos; segundo, trabalhamos juntos; terceiro, esperamos estar juntos no reino de Cristo.

Uma das figuras mais impressionantes da assembléia foi a do Sr. Parkin Christian, representante da ilha Pitcairn, que ficou famosa após o histórico motim a bordo do navio «Bounty», imortalizado pelo cinema com o filme «O Grande Motim». Descendente de um dos amotinados do «Bounty», o Sr. P. Christian viveu 78 anos da sua vida naquela ilha

paradisiaca e, em entrevista à imprensa, teve ocasião de expor seus pontos de vista acerca da nossa civilização, informando:

— Em Pitcairn, vivemos e trabalhamos unidos, em favor uns dos outros. Dar é viver. Se só receberdes, morreréis... Quando saí de Pitcairn, deixei a civilização e entrei na incivilização.

Quando o repórter perguntou por que, então, havia deixado o seu paraíso, ele respondeu:

— Bem, às vezes até o paraíso se torna cansativo...

Também mereceu aplausos da numerosa assistência o casal Leo e Jessie Halliwell, pioneiro dos serviços de lanchas de assistência social, que trabalhou durante 27 anos na região amazônica, prestando serviços a mais de 250.000 pessoas.

Durante as reuniões, foram eleitos os novos dirigentes mundiais da Igreja, cuja sede fica em Washington. Para presidente, foi reeleito o pastor Reuben R. Figuhr.

Reeleito presidente mundial da Igreja, o pastor Reuben R. Figuhr recebe os cumprimentos do Prefeito de Cleveland (ao centro). À esquerda, o pastor W. R. Beach, também reeleito secretário mundial.





Êstes garotos do Rio Grande do Sul desfilaram em trajes típicos, no encerramento da assemblêia adventista.

Paralelamente ao conclave, foi organizada uma exposição no subsolo do «Public Auditorium», mostrando os mais variados objetos levados dos diversos países do mundo onde agem os adventistas. A América do Sul, e particularmente o Brasil, foi muito bem representada, através de artefatos de pinho do Paraná, dos produtos «Superbom», de trabalhos originais do Norte do País, artefatos de borracha, etc.

A grande reunião encerrou-se com um desfile do qual participaram os irmãos de todos os continentes, trajando costumes característicos.

Educado nos colégios adventistas, o Pastor Kila Galama, da Nova Guiné, filho de pai antropófago, fala três línguas e é presidente da Missão Adventista do Pacífico. Nas suas mãos aparece o instrumento outrora usado para decepar a cabeça dos inimigos a serem devorados.



As Alergias da Primavera

Conclusão da pag. 96

meira coisa a fazer é evitar, durante a gestação, regimes exagerados. Certos alergistas afirmam que a futura mãe pode sensibilizar seu feto, abusando de certos produtos alérgicos, entre os quais as nozes e o chocolate. Trata-se de uma teoria ainda muito discutida, e cada caso deve ser estudado particularmente, por um dietista. Além disso, o recém-nascido deve ser afastado de todos os animais — cães, gatos, aves — de ambientes sujeitos à ação da poeira, de colchões ou travesseiros de paina e plumas, preferindo-se os de borracha, que devem ser freqüentemente limpos por meio de um aspirador. A dieta do bebê que tem um pai alérgico deve ex-

cluir, pelo menos durante o primeiro ano, os ovos, o caldo de laranja, as proteínas e os farináceos. Ele pode contrair um eczema pelo simples contato com qualquer pessoa que tenha ingerido esses diferentes produtos. O leite de soja pode substituir com vantagem o de vaca, durante os primeiros meses. Certas alergias por frutas são, às vezes, neutralizadas por uma simples providência: cozinhá-las antes de as dar à criança. O recém-nascido que sofre de eczema não deve ser vacinado contra varíola — nem entrar em contato com o irmão mais velho que tenha sido vacinado — pois sua pele irritada, muito frágil, pode absorver o vírus. Recomenda-se ainda, quan-

do se supõe haver uma predisposição para a alergia, que o regime alimentar da criança seja anotado diariamente para facilitar mais tarde o diagnóstico.

O quadro que acompanha este artigo indicará ao leitor, de maneira sucinta, o meio de reconhecer algumas alergias, de as diagnosticar e de tratar delas. Além disso, indica também as verdadeiras fábulas que ainda circulam, a propósito da asma e do eczema, todas elas baseadas em erros palmares. O quadro agrupa, em categorias, grande número de alergias. Isso, porém, não quer dizer que quem tem uma corra o risco de contrair todas as outras da mesma família. — Jacques Lubin.



Demasiado Tarde

Continuação da pag. 55

— Dar-nos-emos a ilusão de que esta é a casa de Lyle — dizia ao menino, ninando-o nos meus braços. — Lyle te teria amado tanto, meu tesouro... — Apertava-o com mais força, enchendo sua carinha de beijos. — Não sentes que ele está neste quarto conosco, neste mesmo instante?

Uma parte de mim existia no presente e a outra vivia no passado, um passado formoso mas agora um tanto vago. Até que um dia, num súbito momento de clareza, compreendi que, ainda que houvessem transcorrido muitos anos e muitas coisas desde então, continuava sendo a adolescente descontente que, sentada no jardim de sua nova casa, se queixava porque tivera de separar-se de tudo quanto conhecera até então.

«Olha para a frente e não para trás!» — aconselhava-me minha mãe. E tinha razão! Tinha razão... Contemplando o bebê adormecido nos meus braços, murmurei, como se tivesse ele podido ouvir e entender:

— Tens toda a vida pela frente, meu querido, e eu devo contribuir para que essa vida seja sempre digna, sadia e formosa... Mas para isso necessito do apoio, do auxílio do teu pai! Tenho de conseguir que ele te aceite na sua vida, que aprenda a amar-te...

Só não sabia é por onde começar, o que fazer...

Algum tempo depois, chegava carta de meus pais. Ao abri-la,

encontrei um cheque assinado por papai. «Para nosso netinho — dizia um papelzinho preso a ele. — Para iniciar uma conta bancária que lhe permita, quando chegar o momento, custear a carreira que desejar e iniciar-se com vantagem na luta pela vida».

O cheque era de uma quantia respeitável. Guardando-o, pensei que Stan se sentiria satisfeito: o filho não iria custar-lhe tanto, afinal de contas.

— Céus! — exclamou, quando naquela mesma noite lhe estendi o cheque e o papel que o acompanhava. — Que generosidade! Bem, Irene — continuou, olhando-me fixamente — suponho que

estejas contente. O menino está a caminho de ficar rico. Sé-lo-á, sem dúvida, quando eu inverter esse dinheiro e ao cabo de alguns anos...

O que dizia nada tinha de mau, e, levando-se tudo em conta, era algo normal e lógico, mas por algum motivo inexplicável, causou-me um efeito desastroso. Dinheiro! Só pensava em dinheiro, em ganhar dinheiro, em inverter dinheiro! Jamais o gastava com coisas que lhe proporcionassem prazer; invertia, isso sim, em roupas de bom corte e pano caro, para manter seu prestígio de homem elegante entre suas importantes amizades; em presentes para seus clientes possíveis; em seu carro e em sua casa, para impressionar bem os demais... Eu, inclusive, havia sido uma inversão, porque uma mulher com boa cabeça para os negócios podia resultar-lhe útil!

Apertei o cheque de meus pais entre meus dedos convulsos e gritei, sufocadamente, consciente embora de que minha atitude era infantil e tola:

— Não tocará em um só centavo que pertença ao menino! Guardarei seu dinheiro para entregar-lhe no devido tempo...

— Mas, querida, se a única coisa que desejava era que essa quantia aumentasse com o tempo! Para bem do menino... embora esperemos que jamais lhe fará falta dinheiro enquanto estiver conosco.

— Ah! não, não lhe faltará

TESTE

Respostas da pag. 89

- 1 — Guillotin — Guilhotina.
- 2 — Sax — Saxofone.
- 3 — Quistling — Quislinguismo.
- 4 — Lynch — Linchamento.
- 5 — Nicot — Nicotina.
- 6 — Chauvin — Chauvinismo.
- 7 — McAdam — Macadam.
- 8 — Diesel — Motores Diesel.
- 9 — Braille — Alfabeto Braille.
- 10 — Volta — Vólt, Voltagem.

dinheiro! — gritei. — Mas em troca lhe faltará o amor de seu pai... Oh! aborreço o homem em que te converteste, detesto-te, Stan! Sim, detesto-te tanto quanto detestas teu filho!

Segurou-me pelos ombros e percebi que estava muito pálido.

— Irene!... querida, não sabes o que dizes. Amo o nosso filho... Mas tu, és tu que não o amas!

Tão tremendo foi o choque que recebi, que fiquei sem fala.

— Que eu... que eu não o amo? — consegui por fim balbuciar.

— Por êle cortou você sua carreira, que lhe causava tantas satisfações — murmurou. — Por causa dêle, está você amarrada à casa e deve sacrificar sua liberdade, seu descanso, até seus gostos...

Passei uma mão pelos olhos.

— Mas foste «tu» que antes de casar-nos disseste que não querias filhos! Lembra-te? — disse, por fim, acusadora.

Afastou as mãos de meus ombros e fez um leve gesto de impotência:

— Disse-o, sim. Tive que dizê-lo, para que você ficasse tranqüila, para que não acreditasse que tencionava sacrificá-la... Minha mãe aconselhou-me a tranqüilizar você nesse sentido...

Voltei-me para êle selvagemamente.

— Tua mãe? — repeti. — Que tem que ver tua mãe em tudo isso?

Deixou-se cair numa cadeira, pesadamente.

— Minha mãe sofreu muito quando Natália nasceu e sofreu em mais de um sentido. Sentia-se envergonhada na minha presença e culpava de tudo a meu pobre pai... — Passou a mão pelos cabelos e suspirou profundamente. — Sempre tive pena de Natália; parecia que sua presença no mundo só tivesse servido para provocar incômodos... Por isso pensei que seria melhor que nós não tivéssemos filhos. Não sabia se gostava você de crianças e não queria que tivesse de sacrificar-se para comprazer-me...

Suas palavras me surpreenderam, mas permaneci imóvel, deixando-o falar. Mas quando se calou, ajoelhei-me a seus pés soluçando.

— Mas... Stan... você nunca se interessou por Jorge?... Como podia eu saber?

Acariciou-me o cabelo com suavidade.

— Fui um tolo e agora o compreendo, Irene. Tinha medo de mostrar a você meu carinho

vestidinho novo, hein?

Qual... Mamãe lava-o com LUX!

Desde cedo ela já sabe o que LUX pode fazer por suas roupinhas... mesmo as mais finas e delicadas. E isso é orgulho para ela, que pode gabar-se de andar sempre tão elegante como a mamãe, que sempre usa LUX para lavar bem e conservar os tecidos!



Só LUX deixa sua roupa pessoal sempre como nova!

Mãezinha!



A pele delicada do seu filhinho só deve ser acariciada por tecidos suaves e bem limpinhos. Lave toda a roupinha do bebê com LUX!



A INDÚSTRIA EM MARCHA



Em Belo Horizonte, Filial «Eternit»

Com a presença do Sr. Lucas Nogueira Garcez, ex-governador do Estado de São Paulo, do Sr. Willy Lutz, diretor comercial da «Eternit», do Sr. Orestes de Azevedo Júnior, sub-gerente, e de altas autoridades, teve lugar em Belo Horizonte a inauguração da filial da «Eternit do Brasil Cimento Amianto S. A.», tendo sido oficiada a bênção das instalações por Monsenhor Bicalho, que aparece ao centro da foto, ladeado por numerosas pessoas presentes.



«Willys» Expande-se Pelo Brasil

Esperando em novembro elevar a produção de jipes, de 1.300 para 2.200 unidades por mês, e em 1960 chegar a 5.000 unidades, a «Willys Overland do Brasil» passa a figurar agora em lugar de destaque ainda maior, no setor da indústria automobilística nacional, ainda mais que 77% dos veículos por ela produzidos estão nacionalizados, devendo a nacionalização alcançar 95% até o fim deste ano. Foi, pelo menos, o que afirmou em Belo Horizonte o Sr. Hickman Price, presidente da empresa, que passou pela Capital numa viagem ligada a ampliação do seu parque industrial. Atualmente, 11% da produção total da «Willys» são entregues aos consumidores mineiros, razão pela qual torna-se praticamente assegurada a instalação em nosso Estado de um dos seus ramos a serem instalados fora de São Paulo. A foto é da chegada daquele industrial, que aparece ladeado por sua esposa e por pessoas que o foram receber.

por ele... Parecia-me que você queria mantê-lo apartado de nossa vida; acreditei que só esperava você o momento de poder deixá-lo ao cuidado de alguém para voltar ao trabalho... Se visse como me doía encontrar sua porta sempre fechada, não vê-lo quase nunca, nem sequer ouvi-lo chorar... — Ergueu-me e rodeando-me com seus braços, apertou-me fortemente contra o peito. — Oh! Irene, quão cegos estivemos os dois! Como podem, marido e mulher, desconhecer-se tanto?

Quando o ouvi dizer isso, reconheci o imenso mal que lhe fizera e fizera a mim mesma com minha persistência em viver no passado. Até então só lhe havia entregue uma parte de mim mesma, receosa de amá-lo demasiado e de perdê-lo depois. Por ter negado o amor que lhe dedicava, não soube ver o amor que tinha ele por mim e por nosso filho...

Apertei meu rosto contra o dele que estava úmido.

— Oh! meu amado, nunca saberá você quão equivocada estive sempre, o mal que lhe fiz! Privei-o, privei-me e privei nosso filho do amor a que tínhamos direito... Se não tivesse tratado desesperadamente de manter uma parte de mim unida ao passado, teria havido um laço de união mais forte entre os dois! E assim teria cada um adivinhado o desejo do outro. Teria...

Seus lábios nos meus cortaram-me a palavra. Depois, disse, ternamente:

— Não importa que por um espaço de tempo tenhamos perdido o caminho; o importante é que voltamos a achá-lo... Graças aos céus, sei agora quão equivocado estava ao pensar que você considerava nosso filho um incômodo inulduível, que você desejava êxitos fora de seu lar em vez de êxitos no coração dos seus!

Olhamo-nos e sorrimos, com os olhos velados por lágrimas de emoção. Depois, de braços dados, dirigimo-nos para a porta fechada do quarto de nosso filho, sabendo que doravante estaria sempre aberta para os dois.

Por que Matei...

Continuação da pag. 24

quem sou eu. Eu, um neurastênico, um criminoso em potencial. Criminoso nato, como quereria Lombroso. Ele, um tribuno de província. E vamos ao delito.

A festa era no grêmio. Eu

não queria ir. Anastácio insistiu.

— Estou com dor de cabeça.

— Tome um analgésico, que passa.

— Ela volta.

— Não volta.

Expliquei ao Anastácio que não estava para discursos. Iam fazer-me mal.

— Mas rapaz, serão apenas duas palavrinhas.

— Quem vai falar?

Anastácio tirou um papel do bolso. E leu.

— Dr. João Cunha, presidente. Antônio Trancoso, secretário. Maria Quitéria, chefe do departamento feminino. Em seguida, palavra franqueada. E finalmente o convidado de honra, Sr. Anastácio.

Resolvi em definitivo.

— Não vou.

— Mas como? E' assim que você é meu amigo? Vamos, ora essa. Serão pequenas saudações de praxe. Dois a três minutos. E serei o dono da noite, lendo um trabalho, não muito extenso, sobre o Código Napoleônico e o Direito de Busca e Apreensão da Espôsa que Deserta o Lar.

Anastácio explicou-me, em linhas gerais, do que se tratava. No nosso Direito, a mulher foge, fugiu. Na França, não. O marido pode mandar buscá-la, onde estiver. E' o «jus persecuendi». E' como um animal fugido...

— Assunto muito interessante, você vai gostar.

Fui — e me perdi.

Direi de início que o Sr. João Cunha, presidente, falou quarenta e cinco minutos. O que disse não sei. Era pé-pé-pé, pé-pé-pé-pé...

Palmas frouxas acolheram as últimas palavras do homem. E a máquina do pé-pé-pé passou para as mãos do Antônio Trancoso, o secretário. E foram mais cinquenta minutos de pé-pé-pé...

Minha cabeça estourava.

PALAVRAS CRUZADAS

MATHEUS MITRAUD

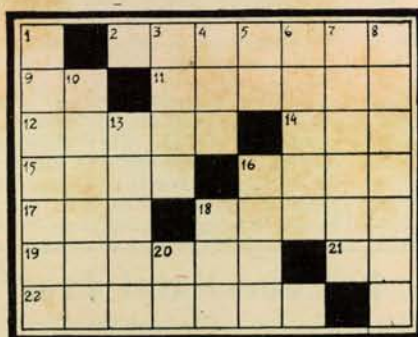
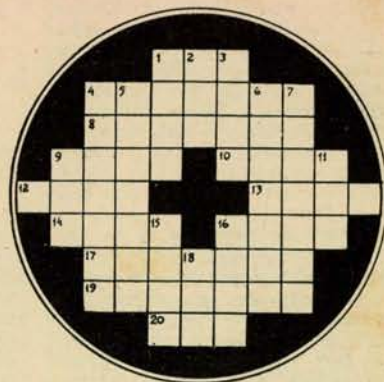
PARA CALOUROS

Horizontais

1 — Criada, camareira; 4 — Plano mais ou menos largo, no topo de uma escada; 8 — Da cor do âmbar; 9 — Cheiro agradável; 10 — Selva, bosque; 12 — Escavar, esvaziar; 13 — Gulodice; 14 — Flagrância, perfume; 16 — Escavação longa para defesa de obra de fortificação, esgoto ou canalização de água; 17 — Abrigado, recolhido em asilo; 19 — Divisão proporcional (pl.); 20 — Agora.

Verticais

1 — Ligar, unir; 2 — Grande quantidade; 3 — Assim seja; 4 — Sentido do gosto; 5 — Carinhosa, meiga; 6 — Coberta de água, inundada; 7 — Letreiros, etiquetas; 9 — Vazio, vão; 11 — Renque, fileira; 15 — Culto, qualquer cerimonial; 16 — Apupo, mo-tejo; 18 — Estudar.



PARA VETERANOS

Horizontais

2 — Máquina infernal; 9 — Paralisia; 11 — Que produz pão; 12 — Contorno, arrabalde; 14 — Jogo de cartas; 15 — O mesmo que «icôzeiros»; 16 — Desgastar, polir; 17 — Planta da Índia; 18 — Certa raça de cães

perdigueiros; 19 — Cotidiano; 21 — O ósmio; 22 — Inventariar.

Verticais

1 — Inconstante, leviana; 3 — Reflexos sonoros; 4 — Experimentar; 5 — Postura; 6 — Manada de cavalgaduras; 7 — Antiga moeda persa, que teve curso também entre os hebreus; 8 — Que tem odor; 10 — Torna a adoecer da mesma moléstia; 13 — Moeda dos Estados Unidos da América; 16 — Frente de qualquer coisa; 18 — Na Inglaterra, o projeto de lei apresentado ao Parlamento; 20 — Letra grega.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

Horizontais: — caá, dingo, pichel, lora, prosa, ao, si, rateio, zura. Verticais: — ciclo, anhos, agerasia, di, ola, papar, roaz, lo, tu, Er.

PARA CALOUROS

Horizontais: — tá, as, coreografia, nem, bis, essas, brôto, mu, sobre, eu, pai, at, cargo, as, copas, abate, ras, iri, sintomático, ar, lo. Verticais: — consultório, temas, ao, ar, sabre, sistemático, res, fio, em, sopas, briga, ou, bar, AC, casta, óbito, Sé, Pan, Ari, or, al.

COMO se fôra uma resposta ou um apoio às desprezíveis reflexões que aqui fizemos a respeito do momentoso problema da juventude transviada, vimos há pouco, no vespertino «O Globo», do Rio, uma entrevista do estudante Jean Pierre Frankehuís, que faz o curso de física e eletrônica do Instituto de Tecnologia, de Massachusetts. Nessa entrevista, o jovem, estudioso, e nada transviado, diz algumas amargas verdades dirigidas aos adultos que se horrorizam e protestam e vociferam contra os jovens desencaminhados e praticantes de excessos e de crimes.

Depois de lembrar que os moços da laia daqueles que levaram à morte a jovem Aída Cúri são em número bem reduzido em comparação com os milhares de moços que estudam, que trabalham, que pesquisam, que empregam seus lares em coisas úteis e em realizações artísticas, passa a atacar os adultos, a fazer-lhes perguntas, a indagar que exemplos têm eles dado aos jovens que justifiquem tanta indignação e tanto alarme.

Nas nossas reflexões, aqui expostas em crônica anterior, apontamos precisamente os adultos como os grandes culpados do descaminho dos moços de hoje. Efetivamente, que exemplos colhem os jovens na vida escolar, na vida familiar, na vida pública do País? Todos os males que aqui apontamos foram repetidos pelo estudante Frankehuís. «Que vêem os moços no lar? Um arremêdo de família, com os pais muitas vezes separados, apesar da aparência de união, dominada por uma ânsia insopitada de prazeres, de caça ao dinheiro e ao amor venal, de gló-

CAIXA DE SEGREDO

Adultos Transviados

rias mundanas e de meios violentos e rápidos de fortuna.

Nas escolas, ginásios e faculdades superiores, o estudo em desacordo com os verdadeiros ideais duma educação sadia e formadora. Na vida pública, as exhibições da mais desenfreada sensualidade, a valorização desmedida das qualidades físicas em detrimento das qualidades morais, os escândalos mais vergonhosos tratados com profusas ilustrações e descarados comentários pelos jornais e pelas revistas. Os atos e idéias mais desagregadores da família, da moral e da religião exaltados como coisa natural, elogiável, imitável. Os acontecimentos políticos com todo o seu cortejo de traições, de malversações, de descaramentos, de hipocrisias, acompanhados pelos peculatos, pelas falsificações, pelas conspirações, pela ganância do poder a qualquer preço, com a postergação de todos os princípios de moralidade e de honestidade.

Que exemplos moralizantes fornecem, pois, os adultos aos jovens? Os homens de mais responsabilidade, aqueles dos quais dependem o destino das nações e o destino do nosso próprio globo são os primeiros a dar um exemplo vergonhoso de insensibilidade, de falta de inteligência, de descristiani-

zação, de brutalidade e de loucura mesmo, nas suas relações, nas suas intrigas, nas suas discussões, nas suas conferências, animados por um ódio cego e estúpido que está mantendo no mundo uma atmosfera de pavor, de medo, de incerteza, de ceticismo, de desânimo e de desespero.

Ora, uma juventude sem bases morais sólidas, sem segurança psicológica, sem freio às paixões e ao desespero, só pode praticar atos insensatos, exaustivos, só pode ser levada a êsse gôzo ávido e desatinado dos prazeres, porque a insegurança em que vivem os incita a sorver dum gole o vinho da vida. A mocidade, pois, está sendo vítima dos erros dos adultos. Os grandes culpados são eles.

Existem cursos de alfabetização de adultos. Deveria haver também cursos de educação ou reeducação de adultos. Estamos todos muito necessitados dessa volta aos bons princípios, ao bom senso, àquelas leis morais e religiosas que devem orientar e conduzir os homens pelo verdadeiro caminho que conduz à paz baseada na fraternidade cristã. Se se está cogitando de repressão aos jovens transviados, maior necessidade existe de repressão mais severa e mais radical aos adultos transviados e transviantes.

Por Que Matei Anastácio

Continuação

Às vezes sentia a vista escura. A mesa, as flores, a careca do Cunha, tudo desaparecia. Ficava um prateado cheio de pingos negros, dançando diante dos meus olhos. Voltava a mim da vertigem e... pé-pé-pé, pé-pé-pé...

Dona Maria Quitéria ergueu-se. O «tailleur» muito justo, a gola larga e branca contrastando com o negro do traje, o cabelo erguido na frente, e desandou num pi-pi-pi que não terminava mais. Em meus nervos havia um martelar de pé e pi, como se um sputnik houvesse instalado seu aparelho transmissor dentro de meus miolos. As manchas negras bailavam no fundo de

prata da minha vertigem. Voltava à consciência, para perceber que dona Quitéria falava na Grécia. Novo desmaio, e novamente a voz dela: «Pé-ricles foi grande. Mas só com Sócrates a Grécia atinge o apogeu do pensamento ordenado»...

Suava em bica. Tremia. Mas a luz era fraca, ninguém dava por isso. Os discursos prosseguiram, pois quem pedira a palavra era o Xisto, com sua voz de trovão, arrancando aplausos da assistência com seus gritos histéricos. Dizia: «Minhas senhoras» — e às palmas estrugiam. Era como se houvesse pronunciado uma

frase lapidar. Ninguém ligava às palavras, ligava, sim, à voz, voz dominadora, capaz de abrir todos os Sésamos da terra.

E minha perdição foi o Bimbo, consertador de armas. Debruçou-se sobre mim e contou sua história. Tinha consertado, afinal, meu revólver Schmidt, que dormia em sua oficina havia anos. E qual a razão do milagre? Simplesmente isto: precisava de duzentos cruzeiros para uns remédios.

— Quando você me entregar o revólver, lhe darei os duzentos.

Ele apanhou a frase no ar. Tirou algo do bolso, passou-



VITÓRIA — Bahia — Minha cara amiga e consulente: acho que a diferença de idade entre você e o homem a quem ama, mas de quem não conhece manifestação de igual amor, é muito grande. Ademais, não sabe você com certeza se ele tenciona casar-se com você. Enquanto isso, tem aí bem perto de si e sem essa diferença de idade alguém que a ama, que a quer. O amor não é só paixão repentina, é também afeição dirigida pela razão. Pense bem no caso: um, bem mais velho e que nunca deu demonstração de amá-la verdadeiramente; o outro, quase de sua idade e que a ama. Por que não se aproxima mais deste, não lhe estuda o caráter, a profundidade do amor, a sinceridade e não procura criar em si esse afeto, esse amor que poderia fazer a ambos felizes? Um órgão se desenvolve pelo exercício que dele fazemos. Assim também é o amor: consegue-se amar, procurando amar. Creio que se tentasse isso, seu problema seria muito mais fácil de resolver.

CIUMENTA FERROZ — Belo Horizonte — Pelo seu pseudônimo, já estou vendo que você é das tais que estragam toda a sua vida por causa de um extremado ciúme. Se

quiser ser feliz e fazer os outros felizes, procure dominar esse mau sentimento, essa espécie de erva daninha que só faz produzir males e males terríveis. Toda a história humana está cheia de crimes e desgraças causados pelo sentimento do ciúme. Há médicos que o consideram uma doença mental, que deve ser tratada energeticamente e extirpada. O ciúme, como simples zelo e amor por aquilo que se estima, é natural. O que não é natural é o seu excesso. Por tanto, sem deixar de ser zelosa, trate de não ser ciumenta feroz. Verá como tudo correrá melhor e você sofrerá muito menos. Porque a maior vítima do ciúme é o próprio ciumento.

NAMORADO TIMIDO — Pernambuco — In medio virtus. A virtude está no meio. A sua timidez é demasiada, meu amigo. Encaramujado como você vive, retraído, com receio de ser ridicularizado, de ser preterido, de ser pôsto de lado, como há de querer ser estimado, ser popular, ser amado mesmo? Procure dominar seu acanhamento. Isto se consegue, com tenacidade e exercício. Há mesmo livros que ensinam como curar a timidez em certo número de lições. Procure um desses numa livraria e eduquese. Mas não caia no extremo oposto: não fique audacioso demais. No meio, a virtude.

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

me às mãos, furtivamente, segredando:

— Aqui o tem.

Dei-lhe duas notas de cem, meti a arma no bolso.

— Tome cuidado que tem uma azeitona na agulha.

Tomei cuidado. Quem falava, então, era o presidente da Associação dos Representantes Comerciais. Empunhava uma metralhadora leve. Era um pé-pé-pé rápido, cruzado, de barragem.

E eram onze da noite — onze da noite, olhem bem — quando se ergueu o Anastácio. Começou a falar, falar, sem ler. Graças a Deus, pensei eu. Vai terminar breve. Um improviso. Ótimo.

Mas não. Anastácio estava apenas saudando o presidente da Mesa, o secretário, o tesoureiro, a chefe do departamento feminino. E não era apenas «Exm^o. Sr. João Cunha, presidente do Grêmio». Era: «Exm^o. Sr. João Cunha, digníssimo presidente do Grêmio Literário e Recreativo de Pedregulho, brilhante figura de orador e homem público, honra e glória desta terra que o ama, e a quem ele também ama, como bom filho e bom homem público que é».

E imaginem vocês, tal saudação endereçada a vinte pessoas, não esquecendo o inspetor de quarteirão, José Lima «probo, ilustre, correto e eficaz», o zelador do cemitério

Extrações para Outubro

FEDERAL		
Dia	Prêmio	Preço
	Maiores	Inteiro
1	4 Milhões	520,00
4	5 Milhões	620,00
8	4 Milhões	520,00
11	5 Milhões	620,00
15	4 Milhões	520,00
18	5 Milhões	620,00
22	4 Milhões	520,00
25	4 Milhões	520,00
29	4 Milhões	520,00

MINEIRA		
Dia	Prêmio	Preço
	Maiores	Inteiro
3	2 Milhões	500,00
10	2 Milhões	500,00
17	2 Milhões	500,00
24	2 Milhões	500,00
31	2 Milhões	500,00

Pronta remessa pelo correio, mediante cheque ou vale postal — Não mande dinheiro em registrado simples. De onde quer que você resida, peça o seu bilhete premiado

AO

CAMPEÃO DA AVENIDA

CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

Av. Afonso Pena, 770 — Caixa Postal 225 — End. Teleg. "Campeão"

DR. JOSÉ CHIABI
Clínica e cirurgia de Ouvido, Nariz e Garganta
Edif. Banco Crédito Real — 13º pav. — sala 1302 — Rua Espírito Santo, 495 — Telefone: 4-4040

Pedro Paulo «eficiente, nobre e dedicado funcionário».

Pensei numa retirada estratégica. Mas qual. Estava bem na frente, com meus passos cortados em ambos os flancos, pois as cadeiras se achavam muito unidas e o corredor estreito fôra tomado por quatro ou cinco retardatários.

Não sei se sou claustrofóbico. Mas senti que era um prisioneiro que devia romper as amarras. Anastácio sacou de uma metralhadora eterna, isto é, um maço de laudas, grosso como um dicionário. E começou a apertar o gatilho em minha direção. Pé-pé-pé... E de olhos postos em mim. Não os afastava, como que vigian-

(Conclui na pag. 16)

Euclides Marques Andrade



Aldous Huxley no Brasil

ALDOUS HUXLEY autor de tantos livros de sucesso, destacando-se o famoso «Contraponto», esteve no Brasil e em Belo Horizonte. Aqui na cidade, Mr. Huxley maravilhou-se com a Pampulha e, segundo o repórter de certo matutino, sorriu amarelo ao responder a determinada pergunta do prof. Versiani Veloso. A pergunta versava sobre tema filosófico.

Pelas fotos ele nos pareceu um homem envelhecido e cansado, mas acreditando sempre nas forças espirituais. Declarou a uma publicação carioca ser um romântico, envergonhado de o ser «neste mundo furioso em que me foi dado viver». Outra declaração de Aldous Huxley no Brasil: «A separação, a divisão entre interior e exterior, imanente e transcendente, subjetivo e objetivo, espírito e matéria, são ilusões. Percebemos o mundo através de um véu, através de um diamante, e concluímos que existem sete luzes separadas. Mas luz é uma só. E Deus também».

OMUNDO da ficção é um estranho mundo. Nêle, os seres criam asas e vencem, livres, a força da gravidade, que os prende à sua triste condição de homens. Libertam-se de suas mesquinhas e crescem como anjos. Mesmo quando a ficção apresenta os gestos miúdos dos humanos, quando focaliza as torpezas das criaturas, mesmo nessa hipótese, o homem se sublima. E' claro que nos referimos ao verdadeiro artista da ficção, àquele que cria seres com autenticidade e vida e não aos meros movimentadores de fantoches. Como acentuávamos, quando o artista é verdadeiro, nasce de nossas misérias um fundo de grandeza e de consolo. E' que o genuíno

criador de histórias sabe penetrar fundo em nosso coração e de lá extrair o que há de grande e comovente — mesmo quando todas as aparências procuram dizer o contrário.

E' claro que há casos também de uma total e completa miséria. Mas estes são raros. A regra é despotar de uma derrota um aceso de apaziguamento ou aceitação, como se fosse o desejo de retificar ou endireitar. «Endireitar tortos» como o velho Quixote, mas sem o divino exagêro de triste sonhador errante. E' por isto que Jean Guilton acentua: — «E' necessário ler novelas para conhecer o sentido de nossa vida e o das vidas dos que nos ro-

Médico Hipnotizador Quer Direito Autoral

HENRICH GERLACH, oficial alemão na Segunda Guerra Mundial, escreveu o livro que acaba de ser publicado agora, em inglês, sob o título «The Forsaken Army» (O Exército que Desertou). Tendo sido prêsso pelos russos, o autor escreveu seu livro na prisão, mas perdeu os originais. Gerlach escreveu o livro pela segunda vez, com grande sacrifício mental. Desta vez, os russos que, definitivamente não gostaram da obra, reduziram os originais a cinzas. O autor quis de novo reescrever seu trabalho, mas a memória não o socorreu mais. Procurou em Munique um médico, solicitando ao facultativo que este o hipnotizasse, a fim de poder compor mais uma vez seu «The Forsaken Army». O médico fêz-lhe a vontade e os resultados foram positivos. O livro foi terminado e, como dissemos, já foi publicado até em inglês.

O mais interessante do caso é o final da história. O médico hipnotizador reclama 20% dos direitos autorais de Gerlach. Como se vê, reclamação inteiramente descabida. A adotar-se esta prática, um médico que salvasse alguém de moléstia violenta, passaria a reclamar percentagem sobre os futuros lucros do paciente em qualquer ramo ou negócio que fosse. E' por isto que a sabedoria popular costuma dizer: «Ao sapateiro, as chinelas — somente as chinelas». Enfim, vamos ver o que a Associação Médica de Munique resolve sobre o caso.

Fala o Leitor

CONFORME temos informado aos freqüentadores de ALTEROSA, solicitamos aos que se interessam por questões literárias para nos responder sobre os livros e os autores brasileiros de sua preferência. Podem ainda se manifestar sobre outros assuntos ligados à Literatura. No fim do ano, sorteamos três cartas, sendo os leitores respectivos premiados com livros, oferecidos pela «Livreria Oscar Nicolai». Na próxima edição, publicaremos uma resposta.

Os Livros (e os Escritores) São Notícias

• Bueno de Rivera, o consagrado poeta de «Mundo Submerso», costuma passar os «fins de semana» em Taquaril, para descansar do convívio absorvente das musas. Ou talvez ele queira descansar de nós outros, os mortais comuns. Em Taquaril, quem sabe, as musas lhe sussurram com mais amor verdades que os homens dificilmente escutam?

• «Arboricultura Frutífera», de Heitor Pinto César, publicação recente

da «Melhoramentos», está começando bem sua carreira nas livrarias. O livro, evidentemente especializado, é útil para os que se dedicam ao assunto.

• Outro livro, também especializado e de grande valia, que a «Melhoramentos» publicou é «A Oficina da Fazenda». Como indica o título, o livro amplamente ilustrado ensina os leigos a executar pequenos trabalhos de carpintaria, soldagem, encaimento e outros.

• Ainda a «Melhoramentos» é a responsável pela publicação de «Animais da Fazenda Brasileira», interessante trabalho que classifica os eqüinos, bovinos, etc.

• Conforme anunciamos, deverá sair em breve novo livro de crônicas de Alvaro Moreyra. O autor, que sabe olhar a vida com ternura e amor, naturalmente será o mesmo homem simples e humano de sempre.

Mundo

deiam, sentido que o embrutecimento quotidiano nos oculta».

Na ficção, o ser humano retempera suas forças e encontra resposta para muitas perguntas que apenas balbuciavam, imprecisas, no recanto mais íntimo de sua personalidade. E' por isto que o encontro de um verdadeiro criador comove e surpreende. Foi o que nos aconteceu há pouco ao ler os volumes de Duhamel, no seu magnífico «Chronique des Pasquier». Laurent, Cecile, a velha mãe e outros personagens passaram a ser, em nossa imaginação, pessoas que nos murmuram confidências e nos fazem de novo, apesar das desilusões, acreditar na vida, com suas violências e sua imperecível ternura.

Lúcia Vai a Berlim

DE Lúcia Benedetti, a consagrada escritora nacional, acaba de ser traduzido para o alemão, «Vesperal com Chuva». Trata-se de livro de contos que Lúcia publicou há algum tempo. O trabalho, em alemão, recebeu o título de «Verregneter Nachmittag». O tradutor foi Hermann Mathias Gorgen. Os críticos têm elogiado a tradução e apreciado o trabalho da autora de «Três Soldados». Um deles escreveu: «Nos deliciosos contos de Lúcia Benedetti, surgem, vivem, sofrem, riem e morrem homens brasileiros como quaisquer habitantes de outros locais. Certamente, lá o sol brilha mais fortemente sobre os destinos e existem iguarias que não conhecemos... Mas os homens são fundamentalmente iguais em toda parte».



Alvaro Moreyra



Boa educação

• Nunca nos devemos esquecer de que a falta de pontualidade significa falta de educação. Geralmente, não se tem idéia da desconsideração que é fazer-se esperar, pois é mais do que comum chegar-se atrasada aos jantares, aos encontros, às missas, aos espetáculos, etc. E' prova de respeito, de delicadeza e correção chegar-se com pontualidade, quando somos convidadas. Devemos reagir contra esse detestável hábito, que prova o esquecimento total das normas sociais. E' inútil que nos desculpemos, procurando disfarçar a má impressão causada por nossa demora. Se não temos pressa, o mesmo não se dará com quem nos espera, que poderá ter hora marcada para resolver um negócio importante. Assim, pois, sejamos pontuais, mostrando-nos corretas e atenciosas para com o próximo.

• A educação natural pode prescindir da cultura, mas para se viver em sociedade, é necessário um aperfeiçoamento constante do ser humano em todos os seus aspectos, do que se deduz que a cultura é básica para a obtenção da boa educação.

• Não se ensinarão boas maneiras às crianças, nem se lhes inculcarão os princípios da boa educação, pelo simples método de recorrer a uma série de proibições mecânicas. As crianças têm inteligência e, portanto, é necessário tratá-las como a seres inteligentes, capazes de raciocinar por si mesmos. Desde cedo, convém repeti-lhes as coisas suficientemente, pois a cabeça de uma criança não funciona como a de um adulto. Tratar a criança como uma idiota ou tratá-la como um ídolo são duas coisas injustas e perniciosas.

• Um cavalheiro bem educado jamais caminha ao lado de uma senhora, deixando-lhe o lado externo do passeio. O homem se deve colocar ao lado do meio-fio, concedendo o canto da calçada à dama. Quando acompanha duas senhoras, a mais graduada ficará no meio. Do mesmo modo, quando três senhoras saem à rua, a menos graduada ou mais jovem, ficará, do lado externo.

• E' de boa educação dissimular bocejo e de péssimo efeito falar bocejando.

• Dar o número do telefone de um vizinho, por muito amigo que este seja, para que nos chame em sua casa, é abuso que só em casos de extrema necessidade se poderá explicar. Ainda assim, convém dar conhecimento disso ao dono do aparelho telefônico, a fim de que não lhe cause estranheza tal atitude.

• A pessoa bem educada o é em todas as ocasiões, tanto dentro de casa, como fora dela. Por isso, não se concebe que exista alguém que pendure a boa educação juntamente com o chapéu, no cabide da entrada, comprazendo-se, logo depois, em dar gritos e adotar atitudes grosseiras com seus familiares.

• Fazer em voz alta as reclamações que tenhamos de formular ao garçon de um restaurante ou de uma confeitaria, ou ao caixeiro de qualquer casa de modas, não é coisa que demonstre a boa educação de quem assim procede. Pode-se mostrar o nosso descontentamento sem dar ao caso o aspecto de uma alteração.

• Nunca se deve permitir que uma criança ria de um ancião ou de uma pessoa defeituosa, pois isso só demonstra falta de caridade e de educação. Mesmo que as crianças não compreendam essa recomendação, pode-se ensinar-lhes a ter respeito pelos que as cercam.

• Não se deve ir à casa particular de ninguém para tratar de assuntos de negócios, quando se pode fazê-lo no escritório, na loja, etc. Só se compreende que alguém assim proceda, num caso de força maior ou de premência de tempo, e assim mesmo, perguntando antes se pode ser recebido.

Enlace

Assumpção-Gravielides

Em solenidade que atraiu figuras do maior destaque na sociedade de Belo Horizonte, realizou-se o enlace matrimonial da Srt^a Marília Guimarães Assumpção, filha do Sr. e Sr^a Jarbas Alves de Assumpção, com o Sr. Harry Demetrios Gravielides, professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas de Belo Horizonte. A foto mostra um detalhe da cerimônia religiosa.



FOTOS e LEGENDAS

Tôrre (Simbólica) de Petróleo na Capital

Dizendo não crer que «alguém se aventure a torcer a linha de orientação da Petrobrás», e afirmando que «o nacionalismo da juventude brasileira é um saudável sintoma de vitalidade do seu espírito cívico», o governador Bias Fortes congratulou-se com o Centro Acadêmico Afonso Pena, da Faculdade de Direito da U. M. G., que, por ocasião do seu cinquentenário, ergueu à Praça Afonso Arinos, em Belo Horizonte, uma torre simbólica de petróleo, prestando sua homenagem à Petrobrás. A torre, de estrutura metálica, com 8 metros de altura e 2 de base, foi inaugurada numa solenidade assistida ainda por diversas autoridades, entre as quais o prefeito Celso Azevedo, que afirmou ser a torre um «simbólico marco da grandeza econômica do Brasil». A foto mostra o Governador do Estado, quando se dirigia aos presentes, em nome, aliás, do próprio Centro Acadêmico.



Huxley Veio, Viu e Gostou

Viajando sob os auspícios do Itamaraty, passou por Belo Horizonte, com destino às cidades históricas de Minas, o escritor Aldous Huxley, inglês residente em Los Angeles. Na capital, o autor de «Os Fins e os Meios» esteve em contato com intelectuais mineiros, respondeu a perguntas sobre a sua obra e as suas idéias e deixou a impressão de ser exatamente o homem que se tem mostrado em toda a sua existência. A foto mostra quando visitava a Igreja da Pampulha, acompanhado da Sr^a Laura Huxley. Sobre a Pampulha, disse o escritor: «Já a conhecia de referências e estou realmente admirado».



No Panamericano de Judô o Brasil Foi Campeão

Derrotando os Estados Unidos na luta de desempate, que marcou o desfêcho do Campeonato Panamericano de Judô, cuja fase final teve lugar no ginásio do Minas Tênis Clube em Belo Horizonte, o Brasil obteve o título máximo do certame, tanto na categoria individual, como por equipes. A foto mostra os judocas brasileiros (quase todos de origem nipônica), por ocasião do desfile que precedeu o encerramento da fase final do campeonato.



Raptou Para Mostrar Que é Honesto

Logo após o rapto da garôta Carminha (V. ALTEROSA nº 289), um novo caso de sequestro de criança veio para o foco da imprensa de Belo Horizonte, quando, por motivos aparentemente pouco honestos, o padeiro João Lucas da Cruz, de 32 anos, sumiu com a menina Elianinha, filha do marceneiro José Vaz de Jesus, e sua prima em segundo grau. Enquanto a polícia dava buscas, o padeiro, homem humilde, fugia para a vizinha cidade de Pará de Minas, onde pernitoitou num hotel, depois de ter passado em alguns bares, a fim de comprar sorvetes e doces para a prima. Esta, aliás, parece não se ter dado mal na companhia de João Lucas, tanto que não manifestou desagrado, pelo menos que outros percebessem. Afinal, preso e trazido de volta à Capital, o raptor confessou: gostava muito da menina, mas não gostava de certos parentes que viviam a vigiá-lo, como se fôsse ele um indivíduo perigoso. Por vingança contra os parentes e por afeto à garôta, levou-a consigo, mas, sabendo da aflição dos seus pais, acabou decidindo-se a trazê-la para casa. E é em casa, entre seus pais, que aparece na foto a personagem central da aventura, levada a cabo por um homem que, ao seu dizer, «raptou para mostrar que é honesto».





ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

Publicação quinzenal da
Soc. EDITORA ALTEROSA LTDA.
Diretora-gerente: N. M. Castro

“Inglúvias”

Maria Lysia
Corrêa de Araújo

DE repente, a palavra chegou. Da conversa ouvida de relance, apenas «inglúvias» permaneceu. Virei-me para ver se ainda conseguiria descobrir de onde saíra a palavra. Impossível. Um mundo de gente se atropelando, o sinal quase a fechar-se, carros, barulho. A palavra ficou. «Inglúvias». Linda, parecendo nome de estrela ou de flor. Pensei constelações e jardins. Seriam amarelas as inglúvias? Ou de um azul claro? Se constelação, importante ou não? Maior ou menor? E, baixo, ia dizendo «inglúvias», sentia-as, ainda compraria um buquê de «inglúvias», ou, olhando o céu, criaria versos para elas.

Pois é, as palavras estão aí, perto de nós, sabemos muitas, o seu significado e a sua beleza, existem as odiosas (então?), as antipáticas, de todo tipo e julgamos conhecê-las tôdas. De repente nos surge uma, nunca ouvida, nem lida, nada, nada. A todos que encontrei perguntei o que era aquela palavra. Não, ninguém sabia dela. As «inglúvias» foram tomando conta de mim, cheguei a sentir seu perfume — pois só podiam ser flôres, ou, olhando o céu, procurei divisá-las — pois só podiam ser estrelas. O poeta falou de Arcturo, nunca de inglúvias. Agora eram minhas. A palavra foi criando forma e me cobria. Era tão fácil saber o significado, mas tive medo e continuei a ver flôres e estrelas misturadas às suas letras. Chegavam a embaraçar-se. Fêz-se um bailado louco e lindo.

De uma coisa sei: nunca hei-de olhar o dicionário para ver o seu significado. A vontade é enorme, mas uma decepção será certa e triste, embora já tenha havido tantas de tanto jeito... Não me digam nunca que «inglúvias» não é nome de estrela ou flor. Talvez seja prosaico o seu sentido, mas me deixem pensar numa «inglúvia maior» ou numa «inglúvia azul», muito azul mesmo, daquele azul de infância, de puro. Os que não sabem também como eu, que fiquem quietos, não perguntem a ninguém, nem olhem compêndios. Juntos, poderemos vestir-nos de «inglúvias» e ir até Arcturo...



ADMINISTRAÇÃO:

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
Fones: Gerência 2-4251; Redação: 2-0652 — Caixa Postal 279 —
End. Teleg. “ALTEROSA” — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — conj. 503
Fone: 26-1881

REP. EM SÃO PAULO:

Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone: 33-1432.

ASSINATURAS:

2 anos (48 números) .. Cr\$ 400,00
1 ano (24 números) .. Cr\$ 220,00
1 semestre (12 números) Cr\$ 120,00

Preços para todos os países do continente americano, Portugal e Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços: US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1 ano e US\$ 2,00 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

VENDA AVULSA:

Em todo o Brasil Cr\$ 10,00
Portugal e Colônias .. Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 15,00

REDAÇÃO: Miranda e Castro, diretor; Neil R. da Silva, secretário.

ARTE: Dounê Rezende Spínola, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jeronymo Ribeiro, Pinho e Wilma Martins.

SEÇÕES: André F. de Carvalho, Cristiano Linhares, Domingos de Luca Júnior, Garry C. Myers, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Oscar Mendes, Pessoa Esteves, Stella Marina, Temple Manning.

FOTOGRAFIAS: Augusto Cardoso, Dario Carrera Justo, Hiroshi Watanabe, José Nicolau, Nivaldo Corrêa, Camera Press, INP, Keystone, Reuter e Transworld.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

☆

A redação não devolve originais de colaborações ou fotográficos não solicitados.

☆

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da revista.

*amanhã
êles se
alegrarão...*



**...sim, amanhã êles se alegrarão
por terem começado hoje a usar Kolynos!**

Fazendo com que seus filhos comecem a usar KOLYNOS a partir de hoje, a sra. terá a certeza de que êles possuirão dentes mais brancos, fortes e sadios durante muitos anos. A exclusiva espuma de ação anti-enzimática de KOLYNOS ajuda a evitar as cáries — são milhões de minúsculas borbulhas que *protegem* os dentes. E que sensação de limpeza êsse delicioso sabor de KOLYNOS deixa na boca!

Inicie a família tôda no uso diário de KOLYNOS — ● comprove a maravilhosa diferença que somente KOLYNOS oferece!



Um minuto diário com KOLYNOS...
proteção a vida inteira
para tôda a família!

economize adquirindo o Tamanho FAMÍLIA



*Sempre haverá
Primavera em você...*



...vestindo os novos modelos, em cores lindas, das MALHAS **KARIBÊ**! Elas realçam a sua beleza. Dão uma nota alegre a sua elegância.

As MALHAS **KARIBÊ** feitas com Fio de Linha MERCERIZADA 60/2 - são duráveis, leves, atraentes!

Compre
Malhas



as que vestem melhor